This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.

+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.

+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.

+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

VRARIA
DE
PEREIRA DA SILVA
ortimento de livros classicos, de
encias e artes, jurisprudencia,
novellas, illustrações, educaçao,
las, mappas geogr phicos, etc.,
rega-se de qualquer commissão
OS RETROZEIROS-119, LISBOA.

SA 6038.81

HARVARD COLLEGE LIBRARY
SOUTH AMERICAN COLLECTION

THE GIFT OF ARCHIBALD CARY COOLIDGE, '87
AND CLARENCE LEONARD HAY, '08
IN REMEMBRANCE OF THE PAN-AMERICAN SCIENTIFIC CONGRESS
SANTIAGO DE CHILE DECEMBER MDCCCCVIII

Lino d'Assumpção

NARRATIVAS DO BRAZIL

(1876-1880)

RIO DE JANEIRO
Livraria Contemporanea de Faro & Lino
74, Rua do Ouvidor, 74
1881

SA6038.81

Harvard College Library
Gift of
Archibald Cary Coolidge
and
Clarence Leonard Hay
7 Oct 1912

NO PÃO D'ASSUCAR

Apesar do *Pão d'Assucar* ser um ponto de partida extremamente elevado, declaro desde já que me conservarei muito terra a terra n'este livro.

Tem nada menos de trezentos e setenta e cinco metros acima do nivel do mar o tal pedregulho, segundo affirma o cuidadoso mappa das altitudes do Brazil publicado pelo snr. barão Homem de Mello, e espero que esta cota será ainda verificada por um amigo meu actualmente fazendo identico serviço nas pyramides do Egypto.

Ha pouco tempo uns inglezes julgaram metter uma lança em Africa espetando um bambú encimado por meio metro de paninho vermelho na côdea do tal *Pão*.

Os jornaes fallaram do caso, narraram as peripecias d'uma lucta tremenda e sanguinaria contra os pernilongos e borrachudos (Nota 1.ª), e a colonia britannica consolou-se com isso das derrotas da Zulandia, das sovas dos afghans, das cóleras da Irlanda e da serie de desastres que tem perseguido os inglezes ha uns tempos a esta parte, desde o cetiwayo que lhes deu um *dconta* muito regular até o exc.mo snr. Buarque de Macedo, que espera desbritannisar o Rio de Janeiro.

Nunca lh'as mãos dôam.

E creio que todas estas cousas acontecem aos inglezes pela *mansidão* dos seus costumes, *honestidade* nos negocios politicos, e *probidade* no desempenho da palavra para com os povos subjugados.

Não é á tôa que a sabedoria das nações alcunha a Gran-Bretanha de PERFIDA ALBION.

Dias depois da façanha dos inglezes, trepando ao *Pão d'Assucar,* e dos jornaes contarem os pormenores da expedição, como se se tratasse dos estudos de Ivens e Capello, das jornadas de Stanley e das explorações de Nordenskiold, sendo o caso até posto em polka por um maestro amador da Cidade Nova, meia duzia de rapazes brazileiros e um portuguez quizeram tambem experimentar se seria dado ás gentes de pé pequeno executar feitos de tanto alcance... e descobriram que ha mais perigo em caçar um macúcu nos arredores de Petropolis do que em subir de manhã, pela fresca, ao *Pão d'Assucar.*

O *Pão d'Assucar* está pois á altura de quem quizer lá ir e com muito menos incommodo do que subir á Tijuca nos *bonds* de S. Christovão; basta levar um senhor preto com uma escada de mão ás costas e uma corda e dous pregos para vencer os lugares em que se não quizer subir com os pés e com as mãos.

Hoje, no *Pão d'Assucar,* não sei se ainda está o bambú com o paninho encarnado na ponta; ao desfraldar da bandeira brazileira á viração fresca da madrugada assisti eu.

O sol, elevando-se quasi repentinamente de traz dos seios tumidos do *gneiss-granit,* espalhava por sobre as aguas serenas da bahia torrentes de luz.

Hora de paz e d'actividade!

O primeiro raio d'ouro dardeja rapidamente; depois o disco luminoso sóbe com solemnidade acima das ondas.

Em poucos minutos o Deus da Luz brilha com todo o esplendor.

Uma tenue nebrina cérca as pequena ilhas que vicejam á flôr da agua... e lá adiante, em baixo, como a esconder-se, a agachar-se nos flancos da montanha, a cidade ainda envolvida nos nevoeiros espessos da manhã.

Á medida que o sol avançava as penedías envolviam-se n'uma velatura azulada d'uma suavidade encantadora.

Qualquer que fosse o contemplador d'este espe-

ctaculo, seria difficil não o achar grande e magestoso, e foi por isso que attentando na pequenez humana démos com desprezo um pontapé n'uma caixa de sardinhas de Nantes — já vazia — alli *esquecida* pelos d'Albion, e fomos almoçar bemdizendo a senhora preta que nos tinha assado as gallinhas e o senhor preto que as tinha conduzido até alli.....

.....

E ao mar, que lá em baixo humildemente se espojava na arêa vindo lamber o sopé do nosso pedestal com a sabujice d'um fidalgo que pede esmola... atirámos com os ossos descarnados das gallinhas... que elle enguliu!

RUA DO OUVIDOR

Escreveu-lhe as memorias, ainda não ha muito, o dr. Joaquim Manoel de Macedo.

Tinham um resaibo d'Arcadia e de Cayenna.

Contou as vezes que mudou de nome; historiou a tradição das suas casas; relatou-nos os seus mysterios e intrigas; referiu-nos não poucos escandalos dos quaes se exhalavam perfumes de viella d'Alfama no seculo passado, e que se evaporaram, ou devem ter-se evaporado, com a vasa da velha rua da Valla.

Hoje apertada no dilemma — depois de velha, santa ou gaiteira — decidiu-se pela ultima ponta do argumento, não tão romba como a primeira.

Por isso a velha faceira tinge o cabello, põe den-

tes postiços, acolchôa-se de algodão em rama, e usa de tantos quantos cosmeticos se possam inventar para parecer moça.

Tem o cabello preto, verdade é que d'esse preto avermelhado proprio dos generaes do exercito portuguez; tez branca, faces carminadas, dentes d'esmalte, seios tumidos e proeminentes, bem lançados, provocadores; pé bem calçado e botina de exagerado tacão á Luiz xv, envolvendo-se em roupagens Pompadour.

Tudo isto de longe seduz; mas caminhando-se de par com ella vemos que o véo é espesso para não deixar transparecer as ruinas cobertas pela carnação; que as pregas da roupa lhe foram arranjadas por um armador d'igreja e pregadas a alfinetes de ferro, e que o andar incerto e irregular denota que não ha quem a livre dos callos e dos joanetes, o que se formula popularmente da seguinte maneira: — « Onde põe os pés põe o nariz ».

Desde que o sopro do progresso investiu por ella acima, quebrando o Canto da Cumaytá e indo bafejar a rama da penna de bronze de José Bonifacio — o contestado *patriarcha da independencia* do dr. Mello Moraes — que a famosa rua procura, com auxilio do gesso e do oleo, disfarçar as ruinas do tempo.

Os seus amparos são os pintores e estucadores.

Caiou e pintou as frontarias, hombreiras, janellas e portas; modificou estas fazendo ás vezes de duas uma, e substituindo as linhas rectas das vergas

pela linha semi-circular, ou outra qualquer d'um ou mais raios.

Ás casas d'um só pavimento, e que ainda podiam com o peso, acrescentou mais dous ou tres andares; d'outras menos robustas converteu o telhado em terrâço com varandinha de ferro fundido; atravessou d'uma a outra parede, na altura dos primeiros andares, uns arcos de ferro furados, por onde em dias de regosijo jorra o enthusiasmo bairrense em milhares de luzes de gaz pagas á Companhia em bellas libras d'ouro, unico dinheiro que ella reconhece em terras de Santa Cruz.

Avançando das janellas para o meio da estreita rua — porque o mais que ella póde ter é seis metros de largura média — vêem-se agora em substituição de outras outr'ora menos *artisticas,* grandes taboletas que brigam entre si sobre saber qual a maior e a mais de pasmar. Desde a figura solemne, barbada e coroada de João de Leide — *o propheta* — annunciando, de lanterna em punho, que vende roupa feita, — até á defunta *Preguiça* do defunto *Besouro* que annunciava trabalhos em caricatura e graça caseira a 500 reis, fracos, cada numero, encontra-se alli de tudo, de todos os gostos e cada qual mais extravagante.

Ainda assim n'este genero de *réclame* não é ella que leva a palma, nem a leva tambem o *Coelho ineffavel* — ou cousa que o valha, — da rua do Hospicio; a victoria parece destinada á rua da Quitanda.

Quero referir-me a uma colchoaria d'esta rua que se chama *Discrição*. Até aqui vai bem porque não conheço productos mais discretos, — os de lã principalmente. — Mas querem saber o que esta colchoaria usa como emblema do seu titulo?... o SOL!

A alegria, direi mesmo a ufania, a honra, a gloria da rua do Ouvidor no genero annuncio, é a bandeira vermelha do Jockey Club, que a abrange de lado a lado, desde os telhados até quasi ao chão, apregoando as corridas com um mez d'antecedencia, e chamando a attenção dos passeantes para as gravatas da montra do Ketelle.

Tempo houve em que esta bandeira fazia endireitar os olhos ao snr. Lafayette, — o que n'outros equivale ao movimento de os arregalar — para um annuncio de eleições; mas com a mudança dos tempos mudam tambem as *côres* dos politicos.

A rua do Ouvidor é o centro de tudo quanto é frivolo, desde o armarinho (Nota 2.ª) ás conversas dos politicos na porta do Castellões, apimentadas com os ditos e gostosas gargalhadas do espirituoso folhetinista politico Joaquim Serra.

As unicas cousas pesadas que a rua tem são os artigos de fundo do *Jornal do Commercio,* e as digestões de sopa de tartaruga do hotel de Londres.

Divide-a em duas partes distinctas a rua outr'ora *Direita* — quando era torta — e hoje *1.º de Março,* depois que o Xico Diabo — um benemerito da patria — espetou com um chuço as costas de Lopes, o

maior inimigo do Brazil — depois dos inglezes — e o chefe guerreiro mais terrivel dos tempos modernos.

A primeira parte, a que vem lá das bandas do *Mercado,* e termina na rua que recorda o feito do Xico Diabo, conservou-se fiel á tradição.

Não se alargou nem elevou — não teve a felicidade da sua parallela, a rua do Rozario, que apanhou cabeça nova com a continuação do edificio do correio geral e caixa da amortisação — conservou o mesmo caracter e espera assim ficar até ao dia do juizo final — artigo este de fé em que acreditam todos os seus moradores, mesmo os maçons e livres pensadores.

Não será d'ella, como do seu resto, que se dirá: *« Quem te viu e quem te vê!»*

É immutavel — qualidade em que se não parece com o snr. Salvador de Mendonça e outros signatarios do manifesto republicano — e conserva-se como no tempo dos vice-reis, com as suas portas baixas, unidas, formando uma gaiola immensa... para não dizer muitas jaulas.

Pendurados pelas paredes estão em continua exposição casacos, calças, jaquetas, *suduestes,* chapéos de Braga, colletes, camisas, botas, saquinhos, piugas, toalhas, gravatas, cintos, emfim todo o genero de vestuario e seus accessorios, variado matiz que se meneia ao sabôr da viração, sobre um fundo de pilhas de carne secca.

Estas lojas são de tal fórma estreitas e curtas

que um marçano póde, sem se descollar do balcão, servir tanto o que se bamboleia á porta, como o que está nas prateleiras.

É n'esta rua que se encontra o *alpha* e o *omega* do vestuario.

Roupa a olho, lá no bocado que acabo de descrever.

Quem quer roupa fina, elegante, e especialmente cara, procura o Raunier cujas medidas são tomadas em logarithmos e corrigidas pelas tabellas do *Annuaire du Bureau des longitudes,* como as coordenadas do snr. Serpa Pinto.

O talho e o molde vai n'uma escala ascendente com uma pequena derivação para a rua do Hospicio.

Os nossos patricios, quando já caixeiros, servem-se d'esta ultima rua, onde vão tambem alguns commendadores menos dados a luxo, e que ainda não fizeram o mez na *Beneficencia Portugueza,* indo terminar no Raunier o sublime do genero, a ultima conquista do genio do alfaiate na patria do *Capoeira.*

É alli, em frente d'aquella montra, que em pequenos passaram momentos de funda melancolia, enlevados na estatica contemplação d'uns suspensorios alvos, caseados de couro inglez, com fivelas de prata, muitos filhos de Braga e da rua da Lampadosa!

É a rua do Ouvidor o ponto obrigado de todas as passagens solemnes, desde S. M. o Imperador, bocejando e comprimentando, n'um enorme carroção puxado a seis, e seguido d'um piquete de cavalla-

ria a galope, o qual piquete quando não quebra os vidros das montras, não deixa de quebrar alguma cabeça propria ou alheia, — até á das sociedades carnavalescas.

Por alli passou o general Osorio acclamado e victoriado até o fim da rua, onde o enthusiasmo se despediu de sua excellencia mandando-o almoçar com a familia em quanto elle ia fazer o mesmo, dizendo-se adeus até á noite, depois das sete, hora em que o enthusiasmo depois de jantar vinha vêr as illuminações.

Presenciou as glorias do snr. Silveira Martins e do Principe Natureza (Nota 3.ª), dous homens que trouxeram presa dos seus labios a attenção guanabarina ahi por uns oito dias.

É o transito obrigado de todos os casamentos *comme il faut* da rua da Quitanda, visinhas e circumvisinhas.

Era este um dos casos que eu desejava saber descrever á moda realista, mas como não sei ahi vai... á minha moda.

Mal o noivo trata do acto symbolico, e que o bispo, depois de duas ou tres idas á Conceição, lhe dá a respectiva provisão, que figura em boa letra redonda no seguinte numero do *Apostolo,* o sujeito vai direito como um fuso ao *Raunier* mandar fazer o fato, comprar botas de verniz ao *Campos,* tomar um banho e cortar os callos no *Ravot* — ha quem repita o *córte* e a *ablução* no dia solemne — encom-

mendar uma camisa sufficientemente decotada no *Trovador,* comprar na *Viuva Filippone* algumas aguas *purgativas,* e alugar por cento e vinte mil reis fracos — que o padrinho ha-de pagar — um *coupé* forrado d'um estofo que foi branco, mas a que os annos tem dado uma velatura amarellada, e puxado por dous cavallos brancos, unica cousa indispensavel — os cavallos — n'um casamento do Rio de Janeiro.

Á hora aprazada, nunca antes das quatro da tarde, começa o desfilar dos trens. Nos primeiros vão alguns amigos e amigas dos noivos; no penultimo o noivo com o padrinho, aquelle com a cara do costume, este risonho e fazendo brilhar os diamantes da commenda — um padrinho de casamento raras vezes deixa de ser commendador — e comprimentando com olhos expressivos e semi-lubricos os amigos que passam; fechando a procissão o carro com a noiva que ouve de olhos baixos e toda envolta em filó branco, os conselhos da madrinha deliciosamente apertada n'um collete de barba de baleia, e ostentando com garbo principesco um vestido de sêda côr de flôr d'alecrim ou outra flôr poetica... quando não é côr de sangue de boi, com fitas azues!

O cortejo sahe da rua da Quitanda, sóbe a das Violas, desce a da Alfandega, sóbe pela do Ouvidor e investe a meio trote pela de Gonçalves Dias, para o largo do Machado, ponto dos *bonds* de Botafogo e dos casamentos na Gloria.

Alli, depois da ceremonia, da troca dos anneis,

d'um discurso do vigario e dos comprimentos maliciosos dos convidados, o noivo toma lugar com a noiva no tal *coupé* dos cento e vinte mil reis, desce a rua 7 de Setembro, sóbe pela do Ouvidor, desce pela da Alfandega, e se apertarem muito sóbe pela de Theophilo Ottoni, vindo entrar em casa depois de ter descido pela de S. Pedro. Estas passagens equivalem ao casamento civil — é o registro publico do acto.

A politica, as letras, a philosophia e as artes assentaram na rua do Ouvidor os seus arraiaes.

A feição principal d'aquella rua é a discussão.

Tratam-se alli de todos os assumptos antes que os trate a imprensa; decidem-se todas as questões antes que os tribunaes tomem conhecimento d'ellas, desfazem-se e fazem-se ministerios antes que S. M. tenha semelhante idéa; reformam-se as leis, sem que as camaras o percebam.

Á porta do Castellões — loja de confeiteiro e bilheteiro de varios theatros, especialmente do theatro lyrico — juntam-se os corypheus da poesia lyrica, os folhetinistas engraçados do *humour* convencional, os criticos de compadrio, os que são redactores de jornaes — que pagam; os que seguem em philosophia o methodo de V. Cousin, os que teem credito nos editores, e obras no catalogo do Garnier, e que dão a senha ao publico em questões de letras e bellas-artes.

Estes deixam cahir olhares superiores sobre a

bohemia que frequenta o café que fica fronteiro e conhecido pelo *Club do Mingau.*

Aqui reunem-se os adeptos da idéa nova, e cultores da poesia satanica; os folhetinistas zolaistas, os criticos de irmandade, sempre benignos para com os da seita, e ferozes com os outros; os redactores dos jornaes caricatos... que não pagam, os philosophos positivistas, sempre em briga os laffitistas com os littreistas; os que publicam versos por assignatura e são editados por Seraphim José Alves!

Reunião cheia de esperanças, filhos das escólas de medicina e polytechnica que esperam terminar o curso e *collocarem-se* para passar para o Castellões a rir da geração que se lhes succeder.

Não se zanguem commigo por isto. É a sorte geral.

Á bohemia de 1826 a 1840 aconteceu o mesmo.

Discute-se modas e *pernas* no ponto dos *bonds* de *Botafogo*; no dos de Villa Isabel as questões *elevam-se* mais.

A porta do Cailtau tem uma tendencia especial para as discussões artisticas; foi perto d'alli que Pedro Americo — o author da *Batalha do Avahy* — me disse que eu não podia fazer a critica esthetica d'um quadro porque não era professor d'essa materia que elle tinha lido em Jouffrois!

O quadro que eu criticára era d'elle, bem como a cadeira de esthetica na academia das bellas-artes.

As horas de maior movimento são da uma ás tres

da tarde, hora em que alli se vêem politicos e individuos de todas as côres, e as mais bellas, elegantes e formosissimas senhoras do *high-life* do Rio de Janeiro.

Á noite, das sete ás oito, é tal o transito, tão compacta a multidão que até é prohibida a passagem de carros para evitar qualquer atropellamento.

É o coração da cidade, é a rua predilecta dos brazileiros, e tanto assim que quando passamos em Paris pelo *boulevard* Montmartre e os vemos enfileirados pela torta e estreita passagem Jouffroy, de preferencia ás grandes avenidas, ás ruas espaçosas e aos *boulevards* esplendidos, sabemos logo que foram alli levados pela *nostalgia* da rua do Ouvidor, e que estão curtindo saudades do Castellões e do ponto dos *bonds* de Botafogo.

RIO DE JANEIRO

I

A CIDADE velha é um grande armazem em continuo movimento, com intermittencias ao domingo; a nova uma preguiçosa a olhar para a serra e com medo de a subir. Por muito favor serve-se ás vezes do plano inclinado, ou trepa o morro de *Paula Mattos*.

A cidade no seu amago é velha, estreita e sem luz; d'alli porém irradiam ruas largas e espaçosas, que avançam d'encontro á serra da Tijuca, ou param na margem da bahia, aquella e esta duas barreiras que lhe traçaram os limites da superficie desde o dia em que uma terrivel revolução vulcanica formando aquellas penedias gigantescas e abruptas que a cercam, deu ingresso ás aguas do oceano.

Circo immenso onde a lucta é constante, e as feras se chamam — a febre amarella;

Centro onde convergem todas as forças vivas do Brazil, desde o capoeira ao millionario;

Sorvedouro de vidas apertado em muralhas de gneiss;

Tablado com proscenio de rochedos onde se representam todos os generos, desde a farça da abertura das camaras até á tragedia do carnaval.

« Oh! Rio, cidade de lama e de granito, cada uma das tuas pedras já abrigou o dia d'um grande capoeira ». Teria escripto Alexandre Herculano, se não tivesse applicado aquelle threno á cidade de Lisboa.

O teu filho predilecto é o *capoeira;* se te perguntarem como elle nasce, responde-lhe com a theoria da geração espontanea.

Tu tens um certo prazer em o vêr florear, fazendo cabriolas na frente das musicas, embora a barriga do teu burguez lhe sirva ás vezes de bainha á faca.

E tem sido a custo, — talvez deixando cahir uma piedosa lagrima, — que tens consentido que os dous ultimos chefes de policia os tenham reformado, dando-lhes a casa de correcção como aposentadoria.

Eu queria descrever-te desde o nascer do sol d'um dia ao do outro; mas como queres tu que eu ande por essas ruas estreitas, longas a perder de

vista, convidando-me com certa insidia a aspirar os gazes mephiticos do canal do Mangue? Não me seduzes, não!

De manhã não te visito. Passaste mal a noite, tens olheiras, ramella nos olhos, mau halito, envergaste á pressa um penteador amarrotado que ficou arrumado a um canto durante o dia, e deixas vêr a orla preta das unhas dos pés cujos dedos te sahem pelos buracos d'uns sapatos d'ourelo já velhos.

Espero que te garrides para então te visitar.

Hontem quando me metti no *bond* para a Tijuca seriam onze e meia, estavas alegre e jubilosa. Gozavas uma d'aquellas formosas noites de junho, illuminada por um luar esplendido, ampliado pela luz brilhante das mais vividas estrellas do teu hemispherio.

Os theatros despejavam para a rua, terminado o espectaculo, a multidão que ia encher os hoteis.

Comias com um appetite devorador; bebias com certa voluptuosidade alguns centos de meias garrafas de vinho verde da quinta do Carrapata, e ias para a cama fazer a digestão.

Por isso no dia seguinte acordavas de mau humor e com tendencias á dyspepsia; e só tratavas de mexer-te quando os guarda-livros, que dormem fóra das casas em que são empregados, começavam a chegar vindos de Villa Isabel ou S. Christovão e iam pressurosos guardar a bengala nas tuas lojas da rua do Ouvidor para não apparecerem com ellas no es-

*

criptorio, o que seria d'uma audacia até hoje não consentida por patrão nenhum.

Será para provarem que a bengala é o symbolo da authoridade?

Portanto fica socegada que não devassarei os teus segredos na hora em que a poeira produzida pelos varredores torna mais intensa a nebrina que te envolve.

Já é dia no Corcovado, no Pão d'Assucar e no zimborio da Candelaria, e ainda os teus operarios se voltam para o outro lado.

Só tens movimento a essa hora — nos Cortiços.

O enxame humano começa a tratar dos burros e a ensebar o eixo das carroças para dar começo á negregada faina.

Desculpa se te fallei em publico nos *Cortiços;* bem sei que te envergonhas, e que córas — d'esta vez sem ser de carmim; — mas que queres? os teus commendadores... e upa!... mais alto — os teus principes, os descendentes do *Egalité* tiram d'ahi bons lucros; o que has-de tu fazer?

Já uma vez disseste baixinho: « Ardeu o arsenal, mas não ha fogo que arrase os Cortiços! »

Quem sabe... procura bem e póde ser que encontres uma scentelha d'aquelle.

Se mandares fazer um inquerito aos *Cortiços* talvez ardam.

Mas em quanto não ardem procura por uma salu-

tar e benefica medida arrasar esses corredores, dignos de figurarem n'um capitulo do *Assomoir*.

Eu creio que tu os não conheces bem, Guanabara!

Se tu visses, como eu vi, essa fileira de gaiolas a que dá serventia uma varanda commum, edificadas sobre uma cavallariça; correspondendo o quarto do homem á baia do burro; se visses esse tanque acanhado cuja agua só se conserva limpa no momento em que os animaes bebem, e que depois passa o dia com as immundicies da roupa que, promiscuamente com as panellas, alli se lavou; se olhares para aquelle pavimento do pateo, cujas pedras mal se vêem, occultas sob uma camada de palha amassada com o sebo que escorre do eixo das carroças, mandal-oshias arrasar a todos, dando assim dous pontapés na *febre amarella* que alli esconde seus ninhos á espera da época em que as chuvas e os calores lhe façam germinar e desenvolver-se os embryões depositados na estação mais benigna.

E deves fazer estas cousas se desejas que a gente te possa visitar a toda a hora e em todos os lugares; não te queiras parecer com os hospitaes e casas d'asylo da minha terra natal, que só se podem visitar em dias *marcados;* no dia de *camisa lavada;* porque nós por cá não usamos d'este luxo todos os dias; — ao domingo e basta, que é para *vêr a Deus*.

Se queres entrar no caminho do aceio e no da protecção aos desgraçados, vai já, já, sem perda d'um

minuto; entra por essas barracas infectas onde sem cama, nem roupa, nem sequer uma esteira, dormem ás dezenas os pequeninos *carcamanos,* tendo por travesseiro a caixa onde nós outros, de dia, pomos o pé para elles nos engraxarem as botas; manda os miseraveis especuladores d'esta escravatura branca de recommendação a um capoeira... para não teres esta instituição só para luxo, e arrasa tambem a casa, proporcionando ar, vida e saude a essas crianças COMPRADAS EM ITALIA A MENOS DE UMA LIBRA.

Faze uma sacratissima obra de caridade. Quando desembarcarem nas tuas praias esses *lotes* de crianças, não estejas com formalidades; ou os manda logo para as roças apanhar café, onde, embora pouco felizes, terão mais probabilidades de viver, ou os reenvia para a terra com uma recommendação ao governo italiano que deve enviar-lhes os paes para a galé.

Estás zangada commigo, Guanabara? Não estejas porque eu sou teu amigo, e é como amigo que te affirmo que serias a primeira cidade da America se tivesses um bocado de juizo e de... coragem.

Sim... porque o que te falta é a coragem para agarrar no camartello de Haussmann e alargar as ruas, destruir os fócos d'infecção, tomando banhos e lavando a cara em lugar de lhe ministrares todos os dias uma camada de pó d'arroz.

Porque tu tens elementos para isso.

Tens o porto mais seguro do mundo; a bahia mais esplendida onde a natureza juntou tudo quanto

tem de grandioso, suave e pittoresco, para converter a tua entrada n'um scenario phantastico, onde tudo é grande, elegante, formoso, cheio de vida e luz, e só tu ficas amontoada, alli, a um canto escuro, entorpecida, feia, desageitada e pequena.

A primeira cousa que deves fazer é ter mais confiança em ti, e quando te chamarem insalubre responder:

— Ah! eu sou insalubre; pois saibam que tenho um hospital á beira-mar, enterrado n'uma encosta, com uma média de 1:500 doentes por dia, dos quaes apenas morrem de 5 a 10; contando n'este numero os que me véem pôr á porta, ou tisicos ou operados pelos *capoeiras*. Péga n'um jornal qualquer, o do dia 17 de maio de 1879, por exemplo, e mostra que dos 8 enterrados n'esse dia falleceu 1 de aneurisma da crossa da aorta, 1 de marasmo senil, 1 de lymphatite, 1 de hepatite intersticial, 1 de congestão cerebral, 2 de tuberculos pulmonares, e 1 de febre amarella.

— E a febre amarella?

— Essa, como tu dizes, desde que eu tenha um Haussmann fico livre d'ella.

Mas impõe ao teu *Haussmann* a obrigação de ter um plano.

Tendencias para a grandeza tens tu e prova-o o teu magnifico jardim ou antes esplendido parque do Campo de Sant'Anna, o edificio da Imprensa Nacional, o hospital da Misericordia e de D. Pedro II e os tres projectados edificios da praça do Commercio.

Mas o da imprensa foste ornamental-o de barro á maneira dos *chalets* inglezes e tiraste-lhe toda a severidade — que tu lhe querias dar; e grandeza que teria se tivesses aproveitado o magnifico gneiss das tuas rijas pedreiras — os edificios da rua Direita vaes fazendo-os quasi sem saber para quê; e tanto assim é, que só depois de lá installares o correio geral é que percebeste que o edificio não servia para elle.

Já alguma tarde em que voltasses da Praia Grande, suavemente embalada pela ondulação das aguas rasgadas pela prôa da barca, e brandamente afagada pela viração, reparaste no zimborio da Candelaria?

Já viste a figura que elle faz elevando-se com toda a magestade do seu marmore entre duas torres d'azulejo?

Não achaste que as torres estão muito bem com o edificio, completam-no, e vão a calhar na rua da Candelaria, e que o zimborio está alli por acaso, especie de balão Giffard que espera Sarah-Bernardht e alguns inglezes para subir?

Não te dá tudo aquillo idéa d'um dito de *Calino* n'um discurso de *Gambetta*?

Notando que o zimborio seria um dito — *bête*.

Eu não quero magoar-te fallando-te no teu edificio do thesouro; nem no teu ministerio das obras publicas, onde a profusão dos estuques e de misulas, cornijas, filetes, cordões, molduras e florões tiram á obra o caracter que devera ter, em relação ao fim a que se destina; quero, porém, chamar a tua

attenção para onde já a tua imprensa a chamou, não obstante tu fazeres, como o outro que diz, *ouvidos* de mercador.

Para isso vem commigo. É perto e podemos ir no *bond* de S. Christovão que, pelo mau commodo que dá, me recorda sempre quando vou a Belem n'um dos da Companhia de *cá*.

Vamos até ao Mangue tendo o cuidado de tapar o nariz, e reparemos no edificio que lá estão fazendo, destinado a asylo de velhos, com todas as apparencias d'uma penitenciaria, e dize-me depois se precisas ou não d'um sujeito de energia, gosto e bom senso, que te abra largas ruas, levando as velhas existentes na ponta da picareta; que aproveite o teu dinheiro fazendo-te edificios convenientes, simples e elegantes, e que te livre agora e sempre da ceramica nacional, dos marmores d'importação e dos estuques d'Afifes!

Amen.

II

O paquete — se não fez escala pela Bahia e Pernambuco, se não levou os passageiros a Dakar a visitarem o rei da ilha que os recebe meio nú e pedindo um shilling — depois de 17 dias de viagem já avista ao longe, na fimbria das aguas e sahindo da orla esbranquiçada da terra, os picos conicos da *Serra dos Orgãos.*

Horas depois, sob um sol de fogo e cortando um mar celestemente azul e mansamente ondulado, começa a entrar no recinto das rochas que dão ingresso á bahia tendo á direita a *Serra dos Orgãos,* que parece ter-se afastado para nos dar entrada, e á esquerda o *Corcovado,* gigante immenso, indolentemente deitado.

Será um symbolo?

Depois começa a aproximar-se dos flocos d'alvissima espuma que vão desfazer-se d'encontro ás fortalezas que defendem a entrada da barra; e no meio d'uma admiração que absorve o individuo, o vapor fundêa entre duas ilhas sombreadas de coqueiros.

Podemos desembarcar.

Acolá está um barco tripolado por dous portuguezes. Não é difficil conhecel-os.

Raça nomade; hoje levando-nos à terra no Rio de Janeiro; ámanhã trabalhando nas catraias da Bahia, tempos depois em Lisboa levando passageiros a 30 reis para Cacilhas, ou banhistas de graça para a *Deusa dos mares*.

Levantam vôo com a facilidade das gaivotas.

O seu viver é no mar, pouco se importam do nome da terra onde atracam.

Vão e vem em navios de vela, poucos aproveitam o vapor. A viagem não tem por fim para elles o transportarem-se, mas sim o ganharem algum dinheiro.

Vamos pela alfandega onde nos não remexem a roupa nem apalpam as algibeiras.

Geralmente ha sempre um amigo que nos hospeda, uma casa de commercio a quem vamos recommendados e que põe um quarto á nossa disposição. O *hotel*, como existe em todas as cidades da Europa e America do Norte, é uma planta que começa a desabrochar no Rio de Janeiro.

Se o viajante é fazendeiro ou amigo d'algum, dirige-se immediatamente a casa do *commissario*. A maioria previne com antecedencia o dia em que chega para que o *commissario* lhe alugue bote e trate do despacho das malas e encommendas.

Na ordem dos hoteleiros *gratis* occupa o primeiro lugar o *commissario de café*. Para casa d'elle vão não só os que lhe enviam café para vender — com uma commissão de 3 por cento, mas tambem todos os seus parentes, amigos e conhecidos.

Ha fazendeiros que mandam café para mais d'uma casa a fim de terem mais d'um hotel ás ordens.

Nas compridas mesas em que a peça obrigada é o *roast-beef;* onde em dias alternados figura, com chronometrica regularidade, o bacalhau, a feijoada e o cozido, sentam-se ordinariamente de seis a trinta hospedes que, pelo simples facto do *commissario* vender o café d'um amigo, se julgam com o direito de comer, beber, obrigar o pessoal da casa a acompanhal-os ao theatro, a fazer-lhes as compras para a familia — e que compras! — e a arranjar-lhes as encommendas de meio mundo.

Se á entrada da porta encontrarmos um sujeito com a barba por fazer, palito na orelha, cigarro na bocca, sem manta no pescoço, com o collete desabotoado, as calças descahindo da cintura, deixando avolumar o estomago por cima do cós, e fazendo desleixadas pregas sobre uns sapatos de trancinha, fi-

camos desde logo sabendo que é um roceiro que está fazendo a digestão, contando os saccos de café que entram ou sahem do armazem; entretendo os caixeiros com historias mais ou menos escabrosas, e preparando-se para dormir, ou para ir massar os donos da casa, que merecem o céo pela paciencia de que dão provas no mundo.

Na escala dos hospedeiros seguem-se os negociantes de fazendas e de seccos e molhados, que compram das casas importadoras para retalhar para a provincia.

Os importadores, quasi sempre allemães e inglezes, julgam-se dispensados d'aquelles incommodos e despezas.

Tem ainda o viajante o recurso d'outras casas de commercio. Agora se não tiver dinheiro, se fôr maior de trinta annos — e de Lisboa, e se se apresentar de barba feita, camisa lavada e unhas limpas, dizem-lhe com um carregar de sobr'olhos desconfiado e sorriso de despedir hospedes: — « Tenho muito gosto em conhecel-o e cá estamos ás ordens. O almoço é ás 9 e a *janta* ás 3 ». Isto dito estendem negligentemente a mão e viram-se a tres quartos de perfil para dar uma ordem.

Só resta sahir... e não tornar a passar por aquella rua.

Não é preciso muito tempo para visitar a cidade.

Nas proximidades da bahia, na cidade velha, trabalha-se; na cidade nova, onde as ruas são largas e

subordinadas a um plano — mora-se; e á medida que nos vamos afastando da cidade, onde as moradias vão sendo mais formosas e de luxo — vive-se.

Póde dizer-se que só nos arrebaldes se vive.

Visto o *Museu;* o *Hospital da Misericordia* grandioso e opulento; o *Hospicio de D. Pedro II,* casa de alienados — magnifica construcção e pathologia séria e avançadá; o *Jardim do campo de Sant'Anna;* depois de passéar até ás 3 horas na *rua do Ouvidor;* podemos ir jantar a *Santa Thereza;* monte para o qual dá serventia um magnifico plano inclinado.

Aqui o ar é puro, a viração constante, a vegetação frondosa e viva, a agua excellente, e a vista esplendida. Olhando para baixo tem o viajante toda a cidade estendida a seus pés, n'um semi-circulo immenso banhado pelas aguas claras e serenas da bahia.

Mal que se põe o sol e com elle desapparece o dia, milhares de luzes começam a brilhar dando á cidade um tom phantastico, fazendo lembrar os formosos jardins d'Italia, as noites quentes de Napoles em que as illuminações á *giorno* substituem a pallida luz da lua.

No meio d'esses milhares de luzes surge o immenso facho de fogo da chaminé da fabrica do gaz, atirando ao ar linguas d'um vermelho infernal.

No dia seguinte podemos ir no *bond* a *S. Christovão,* continuação da cidade, bairro de movimento e vida, especie d'Alcantara, no formigar de gente e

nas tendencias. Alli vive o monarcha no seio dos republicanos mais exaltados.

Se fosse possivel uma revolução no *Rio de Janeiro,* com certeza viria para a *rua do Ouvidor* nos *bonds* (Nota 4.ª) de *S. Christovão* e do *Sacco do Alferes.*

Este ultimo bairro é quasi exclusivamente occupado por operarios de fabricas de fundição de metaes, e artifices que se occupam da construcção e reparos dos navios e seus accessorios.

População rixosa, violenta e uma das que mais dá que fazer á policia. Avultam entre ella os catraeiros. As ruas n'esta região são mal calçadas, e o serviço de *bonds* moroso e incommodo.

Villa Isabel, para onde ha tambem uma linha de *bonds,* porque convém dizer que rara é a rua no *Rio de Janeiro* onde não corra uma linha de trilhos, está em relação aos outros arrabaldes como uns certos sujeitos que aos 35 annos ainda são *esperançosos mancebos.*

A cidade sente uma repulsão instinctiva para se alargar para lá.

E eu creio que a cidade tem razão.

A esplanada em que a futura villa pretende assentar-se é descoberta, e abruptamente fechada pelas montanhas; é como que a ampliação do *Jockey-Club* que estabeleceu perto a sua arena.

Em quanto alli se não fizerem grandes plantações de arvores que mitiguem o insupportavel ardor do

sol que dardeja a nú, não será para aquelle lado que a cidade se espreguiçará.

Mais adiante encontra-se o *Engenho Novo,* fim da linha de *bonds,* e das aspirações do *viver fóra da terra,* innatas nos caixeiros graduados e nos interessados em 5 por cento das vendas ao balcão.

O passeio predilecto é ao bairro *chic,* ao centro do *high-life* — a *Botafogo.*

Encontram-se alli os *chalets* mais lindos e bem lançados do Rio de Janeiro, erguidos á beira da estrada no centro de jardins bem sombreados, cultivados com esmero, cheios de pujantes begonias, de ponisettias vermelhas como purpura, de trepadeiras caprichosas, de feixes de bananeiras, de cactus os mais raros, e dos coqueiros mais esbeltos, divididos entre si e da estrada por grades delgadas e alegres, que apenas indicam a divisão do dominio sem darem idéa de guarda brutal nem de defeza prévia.

A bahia de *Botafogo,* immenso tanque de clarissima agua do oceano, espera triste e só que o bom gosto a encha de gondolas elegantes e de galeotas mysteriosas.

Só uma vez por anno o publico fluminense, quando vai vêr as regatas, se lembra d'ella. Depois as aguas unem-se, e só as fende algum barco levando arêa, tijolo e manilhas para as obras — inglezas de mais — da *city improvements.*

Fóra d'estes casos excepcionaes a bahia lamenta-se com os zephyros que lhe enrugam a face, en-

tristece-se com a lua que lhe projecta por aguas fóra a sombra do *Pão d'Assucar,* e ouvindo o rugir da loucura que lhe mareia os encantos da *Praia Vermelha,* contempla debalde e anciosa, mesmo em pleno verão, as janellas das casas, *chalets* e palacios que n'ella se reflectem, tenazmente fechadas, deixando de dia entrar a custo pelas persianas a luz do sol; á noite guardando ciosas a luz do gaz, com medo que a da lua lhe tire os encantos.

A natureza fadou-a para o movimento, para os segredos embalados, para os idyllios sensuaes, para qualquer cousa em que entrasse Lamartine ou Byron, e os fluminenses desprezam-na e, como homens *praticos,* encerram-se nas casas como se por fóra os envolvesse a neblina opaca de Hyd-Parck. Desdenham as brizas e as phosphorencias tremulas das aguas, deixando-as á mercê do empreiteiro M. Benest.

Não se perde o tempo em ir ao *jardim botanico* onde se encontram as mais formosas alamedas de palmeiras imperiaes do Brazil. Não creio que na India em volta dos pagodes, ou nos jardins dos Rajahs, se encontrem outras mais altas, mais elegantes e mais cuidadosamente alinhadas do que aquellas.

Sob a sua folhagem e á sombra d'outras copadas arvores permitte-se a povoação da côrte algumas merendas, copiosamente regadas a cerveja ou Bordeaux. Depois do repasto os convivas perdem-se entre os arbustos gozando a humida frescura... e a solidão.

Para não sermos indiscretos voltemos para a cidade onde nos esperam os theatros. Temos só a difficuldade da escolha. Maus são quasi todos, excepção feita da comedia fina representada por Furtado Coelho no tempo de frio. No tempo de calor não raro é vêl-o lançar mão do drama ou da magica. Este artista applica á arte a escala thermometrica, subindo quando desce a columna de mercurio, descendo no caso contrario.

S. Pedro dá sempre o grande drama de d'Ennery. Situações violentas e finaes d'actos d'effeito. Nas occasiões d'apuro lança mão da *D. Ignez de Castro* e do *Pedro Sem.*

Na *Phenix,* opera buffa e mesmo comica, com salpicos das *Lagrimas de Maria* e frequente desvio para as magicas e drama phantastico.

No *Casino, Alcazar* e *Brazilian-Garden,* canções ligeiras cantadas (?) por cantoras ainda mais ligeiras, com acompanhamento de cerveja e bebidas mais ou menos alcoolicas; intermedios de pugilato entre os espectadores, e epilogo na estação da policia.

Não falta uma praça de touros para os amadores; obra e invenção d'um patricio nosso que sonha com o engrandecimento de Leça da Palmeira, e o estabelecimento d'uma cidade que vá de Leixões a Mathosinhos com um *boulevard* até á Povoa de Varzim.

Tem dous bons circos. O proprietario d'um d'elles converteu a arena em platéa e em vez das farças dos clowns, dos saltos pelos arcos de papel e do *Sal-*

*

teador das montanhas da Calabria, convida-nos a ouvir Gayarre e a Fricci, e representa, acompanhado por magnifica orchestra, todo o reportorio lyrico em boas graças na *Scala* de Milão, no *Covent-Garden* de Londres e na *Grande Opera* de Paris.

Figura ás vezes entre estes divertimentos o da *patinação*. Ora patinar quasi no tropico de Capricornio, ao escapar da zona torrida, creio que é abusar um pouco do asphalto.

Quem te havia de dizer, ó branco gelo, que a tua superficie escorregadia, lisa e resvaladora havia de ser substituida pelo negro e granuloso asphalto ou pelo amarellado e quebradiço macadam de cimento?

Mas os brazileiros teem d'estas cousas. Dão o cavaco por imitarem e fazerem o que fazem os outros povos.

Recebem o que lhes mandam sem reacção nem protesto.

De verão, em vez de se vestirem de linho como faz o yankee, usam o que os figurinos apontam como moda em Trouville ou Spa; no inverno quando lhes bastava uma meia casimira acham-se na obrigação de envergar enormes e pesados casacões com os quaes, sem medo do frio, poderiam viajar na Siberia.

E é infelizmente por estas e outras exterioridades que se julga o brazileiro.

Nós, partindo da maneira dôce do seu fallar, do uso continuado dos diminutivos na conversação, julgamol-os e compomos logo um brazileiro conven-

cional. Assim como os francezes teem um typo particular do inglez e do americano — caricatura inventada por Sardou; assim nós temos um brazileiro a quem no intimo responsabilisamos por todos os ridiculos effeminados da humanidade, como eram responsaveis das asneiras do seculo passado os frades Bernardos, e de todas as tolices presentes e passadas os homens da Laurinhã; o que não impede que em publico lhe chamemos, nas maximas expansões da rhetorica — *um povo de irmãos!*

Isto deveriam dizer os estrangeiros, que facilmente nos confundem, sendo em Paris, por exemplo, portuguez e brazileiro synonymos do mesmo individuo, indicando aquelle o pobre e este o rico; preferindo ouvir fallar este a nós outros, cuja linguagem lhes faz, aos parisienses, um *drole d'effet.*

O brazileiro é amigo de se instruir.

Mal que póde faz logo a *sua* viagem á Europa; volta amiudadas vezes pela America do Norte e chega cheio de aspirações que se vão estiolando no meio da elevada temperatura.

D'esta lucta das aspirações com a falta de energia na sua realisação nasce a grande rhetorica em politica, os receios e as hesitações na industria, o abandono do commercio aos estrangeiros, um *statu quo* nervoso e febril.

Spiritus quidem promptus est, caro autem infirma; parece ter dito Christo na hora das angustias em relação aos brazileiros.

Deixam-se ir á tona d'agua; sempre com impetos de reagir contra a corrente e sempre deixando-se levar por ella.

E quasi que não póde ser d'outro modo; quando nós os estrangeiros que precisamos trabalhar para comer, muitas vezes ficamos inertes, flaccidos, absortos na contemplação do azul profundo do céo; n'essa atmosphera que communica a tudo quanto envolve o tom quente dos tropicos, a sensualidade da verdura, a voluptuosidade da agua.

Á noite desdobra-se no céo o manto de vividas e rutilantes estrellas, sem que a mais tenue nuvem intercepte ou desvie os raios de luz que d'ellas dimanam.

Dizia-me Bordallo Pinheiro, n'uma d'essas noites suavemente arejadas, limpidas e em que a luz de gaz é um pleonasmo, noite que se tinha seguido a um dia quente e formoso, durante o qual parecia ter-se observado a vegetação a expandir-se e a crescer a olhos vistos, dizia-me elle — o artista — que era preciso contemplar a natureza tropical para se ter um verdadeiro sentimento da paizagem.

Quando, viajando na Europa, acontecer encontrarmos um bando de brazileiras actuadas pelo *enguement,* especie de *spleen* peculiar aos povos das latitudes quentes, podemos logo afiançar que o que lhes falta em plena civilisação, são as suas grandes arvores, a que se enroscam um sem numero de trepadeiras, ornadas de mil graciosas parasitas, cobertas

de musgo, sempre verdes, copadas e através das quaes não passam os raios do sol.

Tudo para ellas é bonito; teem instrucção e instincto para apreciarem os inventos e as fórmas da arte, mas os encantos d'esta não lhes supprem os da natureza.

Por isso não sejamos muito exigentes e levemos á conta do meio a inacção do brazileiro.

Enthusiasma-se pouco, sabendo porém reconhecer o merito.

Prova-o a maneira como foi recebido Agassis.

Tem impetos de reacção quando á força o querem capacitar da bondade de cousas más, que muitas vezes deixa passar simplesmente para se não incommodar.

Um dia entrou na rija cabeça dos bispos a idéa de fazer politica de combate. O brazileiro ao principio deixou-os; mas vendo que começavam a deitar as mãosinhas de fóra, agarrou d'elles e metteu-os na cadêa, d'onde os fez sahir pelo mesmo processo illegal por que lá tinham entrado.

Verdade é que a lei d'amnistia aos reverendos foi considerada como uma medida economica.

E já que fallei dos bispos vamos ás igrejas.

Não esperem encontrar nem quadros nem objectos d'arte no interior ou no exterior.

São todas mais ou menos como as que encontramos no Chiado ou na Alfama, sem nenhuma ter as linhas elegantes e harmonicas da dos Martyres.

De resto o fumo do cigarro é n'ellas ás vezes mais denso e eleva-se mais do que o do incenso.

Houve, e não sei se ainda ha em Lisboa um egresso que era parocho, notavel entre outras porcarias pela dos dentes, capazes de causarem inveja aos do *Adamastor*, e o qual dava como desculpa d'aquella falta de limpeza que « — S. Francisco nunca usára de escova de dentes ». Ora a maioria dos reverendos fluminenses creio que são filhos de S. Francisco... pelo lado das escovas de dentes.

Deixemos estes individuos de parte. Não me compraz a analyse de cidadãos que em vez de contribuirem com as suas forças e actividade para o bem commum, de bom grado se entregam á ociosidade.

H. Taine chama ao culto inglez « a opera das almas elevadas, sérias e crentes », referindo algumas linhas abaixo d'esta apreciação que o publico que frequenta as igrejas de Paris em vez de ser o gentleman e o burguez, como em Londres, é composto de velhos cacheticos, de criadas e populares. De observação propria tenho a igreja de Paris como uma repartição publica, e a da Belgica como um armazem onde se negoceia a entrada — tão escandalosamente como em Paris, onde me fizeram pagar 15 centimos para passar d'uma para outra nave na igreja de *Notre Dame*. — Na Prussia rhenana é uma necessidade do espirito christão — quando não é um protesto contra o chanceller; na Suissa um capricho; na Hespanha um antro de gemidos, a que se póde applicar a le-

genda que Dante pôz na porta do inferno; no Rio de Janeiro como em Lisboa, casas onde se exhibem os carolas e os padres ganham a vida. E a prova d'isto é que tanto nas nossas igrejas como nas do Brazil o povo só entra quando sabe que lá encontra o padre.

Leva-o alli um resultado da educação, e não uma necessidade do espirito.

Se o padre se não lembrar de ir á igreja poucos fieis lá irão, e nenhum se lembrará de lhe tomar contas da ausencia.

O povo fluminense frequenta pouco as igrejas, e as procissões passam nas ruas entre duas rareadas alas de caixeiros de plantão.

Frequenta mais os kiosques á procura de bilhetes da lotèria, do que o confessionario á cata de bilhetes de confissão; pelo mesmo dinheiro prefere apanhar a sorte grande a ter a alma limpa (Nota 5.ª), preferindo ás ceremonias do culto o circo e as corridas de cavallos. Em vez de gastar dinheiro em missas joga a *poule* nas corridas do *Jockey-Club*.

III

No Rio de Janeiro vive-se um pouco á ingleza; e se as familias não teem no lugar d'honra da parede da sala o inseparavel quadro comprido dos americanos com a legenda:

Home sweet home

bordada a matiz pela dona da casa nas vesperas do casamento, gostam da sua *home,* e terminados os negocios tambem se concentram.

Não se recolherão a casa para brincar com os filhos, fazer musica e leituras; celebrar as festas tradicionaes, e consagrar á oração e a leituras devotas ou moraes o domingo; tambem não vem *flanar* para a rua, ahi tomar café, discutir politica ao

canto d'um *boulevard*, lêr os jornaes na *brasserie*, e passar a noite no club.

Nada d'isto.

Um meio termo equilibrado e monotono. Uma especie de — vou para casa para que não me incommodem na rua.

Nas casas brazileiras está-se á vontade, livre de qualquer das incommodas familiaridades que se dão entre nós, adubadas por um *tu cá, tu lá*, que já era tempo de desapparecer dos nossos usos, e guardal-o para o intimo tratamento do lar.

Mas creio que isso vem longe; se até ha sujeitos n'esta cidade de marmore e de granito que tratam por *tu* os redactores dos jornaes quando lhes escrevem cartas que tem de ser publicadas!

Um dos nossos defeitos — que felizmente se não dá no Brazil — é a interminavel parentela que acompanha um individuo.

Ha familias, cá, onde as crianças da casa em dias de reunião de chá e bolos são obrigadas a *beijar a mão* a cincoenta pessoas, que desfilam de braço estendido, escudadas pela sua authoridade de tios, tias, padrinhos, primos mais velhos, o diabo!

E é para notar que todos estes individuos se julgam com o direito de reprehender ou puxar as orelhas dos nossos filhos, se os pequenos fizerem alguma diabrura que lhes não agrade.

Felizmente no Brazil não se dá isto.

A familia está mais resumida. Consta só da que

vive no ninho conjugal: pai, mãi e filhos; o resto são visitas mais intimas, á excepção das *vóvós*, sempre bem vindas em todas as casas; boas velhotas para quem os pequenos correm alegres e contentes, enlambuzados de dôces, — gritando por mais.

Infelizmente os carinhos dos paes perdem os filhos, que chegam á idade da razão ao collo das *mocamas*, sempre obedecidos, sempre satisfeitos em todos os caprichos.

Geralmente escolhem-se as amas entre as negras.

Escravas voluntarias das crianças e leites riquissimos e abundantes. Supportam com uma coragem admiravel os caprichos d'estas, as birras, as longas noites em que os choros as não deixam dormir, sem uma queixa, e com uma paciencia bestial, que faz crêr que a criança está no collo d'um automato que adquiriu a qualidade de mulher menos a alma.

São a machina de amamentar na sua ultima expressão. Representariam uma conquista do genio do homem, se não fossem uma prova da inferioridade da especie.

A cabra substitue o *biberon*, a negra substitue a cabra, só a branca substitue a mãi!

A familia é geralmente moralisada, por parte das mulheres, e tanto assim que os *Menelaus* apontam-se a dedo.

Os homens porém não são grandes respeitadores da reciprocidade n'este assumpto; e o numero das *entretenues* é immenso.

Estas ou sahem dos palcos francezes, ou são alistadas na classe inferior entre essas mulatas bonitas, flaccidas e sensuaes que facilmente atiram com a touca por cima dos moinhos com tanto que em troca lhes dêem bons chapéos.

Estão os homens muito longe da hypocrisia e reserva ingleza n'estes casos, e quasi que fazem gala n'aquelle appendice exigido pela lubricidade da besta.

Um ex-ministro da corôa e homem de importancia politica visita com o maior descaro as casas de prostituição depois de ter copiosamente jantado em qualquer hotel.

Não é para admirar encontrarem os filhos na mesma escada.

O commendador B..., na precipitação em que uma noite sahia de casa da amante, levou uma bengala trocada. No dia seguinte o negro que fazia os quartos não sabia explicar como a bengala de *sinhô* estava no quarto de *sinhosinho,* e a d'este n'aquelle.

Nas estações de verão e de aguas raro é apontar-se uma aventura escabrosa d'uma senhora casada.

O que não impede que os novelleiros arranjem os escandalos que lhes convém.

E não é por falta d'adoradores.

A mulher brazileira é elegante no vestir, e sabe trazer com *chic* as modas que lhe enviam de Paris: verdade é que as exagera um pouco. Assim ella não frequentasse tanto o dentista!

Se ama os tons vivos, não apresenta nunca na sua maneira de vestir o disparatado de côres que se vê na Allemanha, e que observadores de boa nota affirmam existir em Inglaterra.

Não devemos fazer obra por umas trouxas de sêda, fitas e plumas capazes de fazer morrer d'inveja, no variegado de côres, as hombreiras das portas de qualquer droguista da rua do Arsenal, e que vemos de quando em vez sahir do Lazareto para se irem alojar aos bandos n'um hotel d'um segundo andar na baixa em quanto não partem para o *Minho*.

Estas não tem que vêr com o que escrevo.

Encontramol-as no verão de sapatos de mouro no hotel do *Nunes* em Cintra.

Á mesa comem peixe com faca e garfo; ensopam muito bem ensopadinho o pão no molho, espetando-lhe depois o garfo para o levarem á bocca; fazem bolinhas das migalhas em quanto esperam outro prato; levam ao buxo o arroz com a competente ponta da faca, que tambem lhes serve para papar morangos, e bebendo o magnifico Collares destemperado com água dizem para o marido: «Ó! seu Juca, este Bordeaux não é como aquelle que vossê bebe lá em casa. Elle lá é melhor».

São os maridos d'estas que depois veem dar assumpto aos romances do snr. Camillo Castello Branco.

Felizmente d'isto encontra-se pouco por lá... e essas poucas vem para cá.

As senhoras na côrte são bem educadas. A meu

vêr a boa educação, trazendo comsigo as conveniencias — guardas avançadas dos bons costumes — produz a moralidade.

Eu creio que um marido prudente deve pôr delicadamente no meio da rua quem quer que seja que, não sendo pai, mãi ou irmão, lhe trate a mulher por *u*.

Esta regra estende-se ás tias velhas e ás amigas novas do collegio... estas duas especies principalmente.

O pé extremamente pequeno da mulher brazileira não tem rival no mundo; não é um pé deformado pelo artificio á maneira das chinezas.

É um pequenino *bijou* que sahiu d'um jacto naturalmente *cambré, mignon,* adoravel.

Eu, se fosse poeta lyrico, ou mesmo se soubesse fazer versos de pé quebrado, dedicava algumas quadras a este sustentaculo de corpos ligeiros, delgados, elegantes caniços que a mais leve briza faz vergar... mas não quebrar.

Não é a ellas que se póde applicar as phrases de M. Taine dirigidas ás inglezas: — «Desposaes um anjo louro, esbelto e candido, e dez annos depois, tereis a vosso lado para toda a vida uma arranjadeira de casa, uma ama, uma parideira. Tenho presente ao meu espirito duas ou tres matronas largas, rijas, e sem idéas; caras vermelhas, olhos azues como azulejos e enormes dentes brancos, emfim uma verdadeira bandeira tricolor».

No trato intimo ha perfeita igualdade entre mulher, marido e filhos.

Mais frouxos os laços do respeito cá a nosso modo; mais apertados os da amizade.

Não é porém a mulher brazileira o que absolutamente se chama: — dona de casa.

O arranjo d'esta corre quasi sempre a cargo dos servos.

Por muito pobre que seja um casal sempre tem meios para ter uma negra velha para fazer a cozinha.

Nas familias abastadas faz pasmar o numero de negros que são precisos para o serviço; rivalisam n'isso com os inglezes.

Por occasião do congresso agricola reunido no Rio de Janeiro em 1878, disseram alguns delegados que o que tirava muitos braços á lavoura era o enorme pessoal de que o lavrador se cercava para o seu serviço e da familia. Este mal é geral.

Póde contar-se o numero de criados pelo das pessoas d'uma casa, sempre com excesso da parte d'aquelles.

Conheço cinco ou seis casas onde a uma mesa de seis a sete pessoas servem tres negras, sem contar as que teem a seu cargo as crianças.

Se formos á cozinha encontramos lá mais tres ou quatro, sem contar as occupadas com a lavagem e arranjo da roupa.

Cada uma d'estas negras tem um ou mais filhos

que vão crescendo e vivendo na mesma communhão dos filhos da casa; o que tem concorrido poderosamente para acabar com os odios de raça.

Apesar d'isso, na minha casa, se voltar ao Brazil como espero, criarei os crioulos na cozinha: não quero ter que verificar no futuro se foram estes que assimilaram as qualidades do branco, ou se foram meus filhos que adquiriram tendencias e propriedades dos filhos das negras.

Creio que a este respeito podemos estabelecer a linha divisoria da democracia na porta da cozinha.

Pena é que as senhoras brazileiras não completem nos collegios a instrucção que hoje alli recebem e onde aprendem linguas, musica e trabalhos de mãos, com a educação caseira, apanagio da mulher suissa, mais ainda do que da portugueza.

Alli, na Suissa, é que a mulher é a verdadeira *menagère*. Encontra no que sabe os meios de poder dispensar criados, cozinheiros, modistas, e no animo educado a coragem de saber usar a tempo.

Nas familias abastadas ha sempre professoras estrangeiras para completar a instrucção das meninas; instrucção geralmente limitada ás linguas e musica.

Na Inglaterra e Allemanha a educação das mulheres é mais completa; mas ahi ellas estão nos collegios até aos vinte annos; teem que pensar no futuro. No Brazil o tempo vôa; assim como os dias não tem crepusculos, assim tambem as idades não teem os nossos tempos d'espera. A moça, mal se sen-

te mulher, casa logo. Ai da que fez os 20 annos sem casar!

Póde contar-se no rol das *vieilles filles*.

Os casamentos são rapidos. Não ha os interminaveis annos de namoro que se dão entre nós; não se comprehende lá que um sujeito comece a namorar uma menina quando assenta praça — frequentando ainda o lyceu — e vá casar quando fôr promovido a capitão; ou que começando por noticiarista n'um jornal *dê o nó* no dia seguinte ao da sua eleição para deputado!...

Nada de demoras. Gosta ou não gosta, e vamos adiante.

O esperar envelhece as mulheres, e aos trinta annos a brazileira — casada ou solteira — começa a emmurchecer.

No Brazil não existem as distincções que se dão em a nossa sociedade. Entre nós ainda se apura um resto d'antiga nobreza; um nucleo grande de aristocratas de 38 para cá; a alta burguezia; a burocracia superior, média e infima; o operario, o trabalhador e o miseravel.

Cada uma d'estas classes se agrupa e fórma um viver á parte, morando em predios que pela apparencia revelam a qualidade do morador; tendo os seus theatros e espectaculos predilectos e até dias proprios para ir a elles. Emfim distinguem-se e podem-se collectar convenientemente.

*

Na sociedade brazileira não se dá esta distincção, e embora a unica divisão que se possa fazer seja a de ricos e pobres, não é a riqueza ou pobreza que divide ou agrupa as familias.

Podemos na primeira sociedade separar os ricos homens e os politicos, quasi todos bachareis formados; d'aqui para baixo segue a cadêa sem interrupção nem salto até o negro mina.

Ha porém uma casta que vive separada, unindo-se e desenvolvendo-se entre si e dedicada a um serviço especial. É o *cigano*. O *cigano* que em Portugal corre as herdades e as feiras roubando e vendendo cavallos, que tem um viver errante e nomada, perdeu esta ultima qualidade no Brazil. Tornou-se sedentario; mas não perdendo as qualidades e instinctos da raça, agrupou-se em roda dos tribunaes constituindo a grande classe de beleguins, officiaes de diligencias, rabulas, e testemunhas falsas. Tempo houve em que deram nome a uma rua. A profissão passa successivamente de paes a filhos, perpetuando na raça os mesmos instinctos.

Os nossos cá fogem da justiça, tremem em ouvir pronunciar a palavra — *tribunal;* os de lá para se livrarem d'esses sustos vivem no proprio tribunal e são personagens — *da justiça!*

Os de cá tosquiam burros atraz do theatro de D. Maria II, e tosquiado o animal guardam a tesoura e desapparecem; os de lá tem escriptorio onde as

partes os procuram quando teem de ser *tosquiadas*.

O serviço já vêem que é o mesmo com mudança d'animal.

Os de Lisboa são porém a expressão symbolica dos do Rio de Janeiro.

IV

« Vi os lugares suspeitos de Marseille, Anvers e Paris ; nem de longe se parecem com este (Shadwell). As casas são baixas ; pobres mas de tijolo, sob telhados vermelhos cruzando-se em todos os sentidos, e descendo com tristeza para o rio. Mendigos, ladrões, meretrizes, estas principalmente, atulham Shadwell-Street. Ouve-se uma musica de arripiar nas tabernas que vendem bebidas espirituosas ; ás vezes é um negro que toca rebeca ; pelas janellas abertas vêem-se camas desmanchadas e mulheres dançando. Tres vezes em dez minutos eu vi a multidão juntar-se ás portas ; havia alli rixas, principalmente entre mulheres ; uma d'ellas, com a cara ensanguentada, as lagrimas nos olhos, embriagada, gritava com voz

aspera e rouca, querendo atirar-se a um homem. Os espectadores riam-se; a esta bulha, as *lanes* visinhas despejavam uma multidão de crianças esfarrapadas, de pobres e de prostitutas, como um esgoto humano que se vasa d'uma vez».

Eis um pequeno canto do grande quadro da prostituição em Londres, como a descreve Taine.

Será esta a prostituição do Rio de Janeiro? Por certo que não. N'este bello paiz nem a prostituição é horrivel, nem a miseria apresenta o quadro hediondo e maldito de Londres ou Berlim.

D'esta ultima cidade escreve assim Tissot:

«Só conheço Londres onde a miseria seja tão horrorosa; cobre toda a cidade como uma espantosa ulcera. Se ao menos fosse a miseria christã, humilde, resignada, tendo vergonha da propria vergonha, mas não, é a miseria pagã, cynica, sem vergonha, descarada, bulhenta como uma ribalda meio bebeda. Apodera-se dos melhores bairros; tem precisão dos passeios largos; trata as ruas como paiz conquistado; os buracos dos andrajos parecem escarrar o sarcasmo e a injuria aos fatos novos e vestidos de sêda que passam. Por toda a parte a encontramos na indecente postura d'esse Ganymedes do museu de Dresde que mostra o que deveria esconder».

Dados taes quadros, em que peze aos abolicionistas, creio que é preferivel ser escravo no Brazil do que *pauper* ou *raff* em Londres.

Se a miseria, porém, quasi que não existe no

Rio de Janeiro, se a prostituição não é hedionda, nenhuma, porém, se encontra que mais descarada seja e mais atrevida.

Vive no coração da cidade, e rara é a rua onde não tenha assentado os seus arraiaes.

O ultimo degrau, vindo de cima, é occupado pela franceza, quasi sempre actriz-cantora no Alcazar.

E digo o *ultimo,* vindo de cima, porque na escala da prostituição não sei quem tenha direito a figurar como primeiro termo da serie — se a mulher do capitalista que tem casa nos suburbios e se prostitue com o tenor por *chic* e com o ministro por um fornecimento importante para a firma da *razão social* do marido, se a desgraçada moradora na rua do Senhor dos Passos dando entrada ao caixeiro da venda que lhe leva a meia quarta de toucinho.

A *franceza* vive em casa propria, tem carro e criados, insulta a policia, desauthorisa os magistrados e fica sempre impune, graças á protecção do conselheiro tal..., do deputado F... ou do juiz P...

É esta, por via de regra, quem serve de protectora ás outras que vivem dispersas pelos hoteis explorando cêas, jantares, passeios de carro a Botafogo e os anneis de brilhantes dos fazendeiros incautos.

Esta gente apparece sempre em todos os espectaculos, occupando os melhores lugares.

Frequentadoras assiduas dos botiquins, não é raro vêl-as cercadas d'homens casados, de deputados, senadores, advogados distinctos e vadios de profissão.

D'esta vida descuidosa acorda-as uma bella manhã o dono do hotel, obrigando-as a sahir com a roupa do corpo e sem joias, que ficam penhoradas á conta de maior quantia.

O Brazil, acostumado a importar todos os generos de primeira necessidade por intermedio de terceiros, applica o mesmo processo á prostituição.

Nas ruas da crapula encontram-se poucas negras, algumas mulatas, grande numero das nossas mulheres do Minho e Douro, e abundancia das das Ilhas.

Vivem acocoradas ás janellas de casas baixas e insalubres, alumiadas pela luz vermelha d'um mau candieiro de petroleo que satura a atmosphera d'uma fumaça pesada e suffocante, no torpôr da embriaguez da cachaça, de cigarro no canto da bocca e chamando os que passam com voz cava.

Quantas vezes não desembarcam nas praias do Rio grupos de dez e doze mulheres formosas, brancas de neve, perfeitos typos das raças do Oriente, sahidas, com promessa de gozo de vida honesta e trabalhadeira, das margens do Vistula, das ruas de Pesth ou Vienna, dos montes da Georgia, dos desfiladeiros da Albania, dos portos de Trieste ou dos plainos d'Italia que apenas chegadas alli, em vez do trabalho honesto para que foram contractadas, são levadas á força, sem dó nem piedade, para os alcouces pelo *caften!*

O *caften* apodera-se d'ellas e pela seducção, pela fome e até pelos tormentos, obriga-as a uma vi-

da d'opprobrio, de que é elle sempre quem lucra.

Algumas d'estas infelizes tentaram reagir: primeiro foram vencidas, mas n'estes ultimos dous annos teem encontrado energico auxilio na policia, que, ainda assim, apenas se limita a livral-as da escravidão do *caften* — deportando-o.

Na classe d'estes miseraveis todas as nações tem alli tido os seus representantes; e até a nós, para de *tudo* termos no Brazil, nem isso nos faltou.

O nome d'um dos mais astuciosos eu calo sómente para não envergonhar *alguns jornaes* de Lisboa, que das suas columnas o comprimentavam com a mais grandiloqua da sua prosa todas as vezes que o miseravel vinha a Lisboa buscar *genero* para o mercado.

Ainda espero tornar a vêr este sujeito jornalista em Portugal!

É a essa classe de mulheres que as sociedades carnavalescas vão buscar o elemento feminino para as suas festas.

Parece que até as danças publicas, que durante o anno absorvem as attenções e os dinheiros da classe caixeiral, são expressamente feitas para a exhibição d'um par composto d'um caixeiro e d'uma dama da vida airada.

Seria curioso estudar a este respeito os annaes e memorias secretas dos *Tenentes do Diabo,* dos *Fenianos, Democratas, Club,* etc., e tantas outras sociedades bem organisadas e largamente providas de

dinheiro que todos os annos apresentam espectaculosas mascaradas, — criticas dos factos até então occorridos.

Essas criticas percorrem a cidade exhibindo immensos quadros vivos em mutuo despique do successo.

Os moradores das ruas por onde passam decretam-lhes corôas e proclamam-lhes os triumphos.

Essas mascaradas estabelecidas sobre grandes carros — *carros da idéa* — são seguidas de pares avulsos todos em carros descobertos.

Estes pares constam d'um socio e d'uma meretriz!

Á noite reunem-se nos salões da sociedade onde ha baile. Os pares já se sabe què são n'uns dias sahidos do alcouce; nos outros procurados na familia.

O *boudoir* que na vespera foi maculado com o vinho que a meretriz lançou, serve no dia seguinte para a irmã ou a esposa segurar a camelia que lhe orna os cabellos!

Não quero terminar sem dar alguns exemplos das poesias que por essa occasião se distribuem profusamente na cidade, atiradas dos carros pelos mascaras. Entre ellas escolhi algumas das melhores, sendo duas até formosissimas, das mais decentes e mais limpas:

T. D.

Coquetterie . . .

Eu passo grave e timida,
E os bellos seductores
É logo: — *Tentadores*
Que são os olhos teus!

Que frescos seios turgidos!
Perfume! vida! amores!
Se em languidos ardores
Eu lhes chamasse meus...

A vida é isto, crêde:
O amor — a eterna sêde!...
O lubrico desejo!...

E a tudo est'alma foge!
— Se elles me vissem hoje...
Ah! se eu lhes dera um beijo...

T. D.

Ricanerie . . .

Se elles soubessem como

Folga! sorri! palpita!
Do velho doudo — o Gozo!
A fina flôr catita...

O beijo languoroso
De uns labios — rosa fresca!...
Sonho voluptuoso!...

Delirios de *Francesca!*...

E o cubiçado pomo
De vós — ó mágoa escura! —
Amantes sem ventura:

O arminho do meu seio!
— Loucura! amor! enleio!...

Se elles soubessem como...

T. D.

Ás senhoras formosas

Feericas visões anemicas, franzinas,
Almas que ás *réveries* impellem para o *alto,*
Gemem os mandolins na ponte do *Rialto,*
— Venho cantar-vos hoje as carnações mofinas.

Eu sei que o vosso Deus, chloroticas meninas,
Petit gommeux gentil, esteril como o asphalto,
Tem grande horror á carne e ás vozes de contralto,
Ao *Quinium Labarraque* e ás aguas alcalinas.

Ama só o mysterio e a dôce voz magoada,
A languidez na *pose,* a face descórada,
Os merencorios *tons* de um coração já morto...

É tolo o vosso Deus... tolo, *blasé,* e manco...
— Amai o deus-Saude, o riso alegre e franco,
O *bifsteck* inglez e o fino velho Porto.

CARTA

Que ao exc.mo snr. bispo do Rio de Janeiro, D. Pedro de Lacerda, dirigiu um fiel... christão

EXC.mo SNR.

Eu não sei se v. exc.a rev.ma, pela sua elevada posição social, como bispo do Rio de Janeiro e principe da Igreja, pela sua *erudição,* como é provada pelos seus sermões e mais especialmente pela sua ultima pastoral, pelo seu reconhecido bom senso, haja vista á maneira como se tem havido na questão religiosa, não sei, repito, se se dignará lançar os olhos para o rez-do-chão d'este jornal [1] e lêr estas linhas.

Comtudo, ha sempre em todas as casas um *demonio familiar,* que nem o parlamento poupou, na phrase d'um nobre conselheiro da corôa, o qual com-

[1] *Gazeta de Noticias.*

praz em fazer conhecer estas e outras cousas a quem ellas interessam.

Se no paço episcopal morar algum d'estes *moleques,* embora seja *escravo,* que elle faça sciente a v. exc.ª que deve lêr o que se segue:

Diz-se no publico que foi a pedido de v. exc.ª, e não em cumprimento do disposto n'um aviso obsoleto, que se expediu a circular que prohibe os espectaculos desde o dia 23 do corrente até o 1.º de abril inclusivè.

Expedida a ordem, só resta aos empresarios conformarem-se com ella, e fecharem os seus theatros.

Durante dez dias os habitantes d'esta grande cidade podem fazer tudo quanto lhes aprouver, menos ir ao theatro esquecer-se durante duas ou tres horas das amarguras da vida contribuindo com o seu superfluo para a sustentação de centenas de familias que d'alli tiram uns parcos meios de subsistencia!

Mas o snr. bispo assim o quer...

A religião cá da cidade assim o exige...

E digo «cá da cidade» porque basta a qualquer crente entrar na barca, pagar 200 reis, atravessar para Nictheroy para encontrar outras crenças e outros costumes. Conseguindo desembarcar na Praia Grande póde logo assistir a um espectaculo, sem que se abra o céo, sem que se rasgue o véo do Templo, sem que a excommunhão cahindo sobre todos os espectadores e actores, os deixe mais tisnados do que o S. Benedicto... do Gymnasio.

A este mesmo theatro não lhe valeu o ter Santo de casa, para escapar da quarentena geral.

Eu não quero contar a v. exc.ª o que se passa pelas sacristias, nem o que vai pelos claustros; essas cousas, todas ellas com certeza edificantes, devem ser conhecidas de v. exc.ª, mas vou-lhe dizer o que é o theatro, esse antro de crimes e desordens, esse auxiliar de Satanaz que a Igreja condemnou, negando a sepultura a Molière, com tanta razão, sciencia e consciencia, como obrigou a retractar-se das suas theorias o velho Galileu.

Ao disparate praticado para com aquelle, vingase a humanidade repetindo a phrase de Armand Bejar; para com o segundo não tem a Igreja legenda para oppôr ao *E pur si muove!*

Vamos ao que é o theatro.

Por fóra — uma sala illuminada como o não é sacristia nenhuma, policiada, onde se sentam e ouvem o drama seiscentas, oitocentas ou mil pessoas, que de certo não pensam em offender a Deus, rindo-se ou chorando, conforme as scenas a que assistem são comicas ou dramaticas.

Pessoas que acreditam que o theatro é um sôpro vivificador da moderna civilisação; que se lembram que o hereje de Voltaire disse: *Le theatre instruit mieux que ne fait un gros livre* [1]!

V. exc.ª provavelmente ouviu dizer que no thea-

[1] Lêa-se: pastoral.

tro se representam peças de Alexandre Dumas, e que estas peças são immoraes; parece-me que enganaram a v. exc.ª a este respeito, e tanto assim é que aquelle author deveu a sua entrada na Academia franceza, onde tem assento bispos e arcebispos, a essas taes immoralidades, e que nenhum dos irmãos em Christo de v. exc.ª se lembrou de protestar contra semelhante admissão, como aliás fizeram quando Littré foi com razão, moralidade e justiça nomeado um dos quarenta!

Pessoas ha que acham que vale tanto assistir hoje a um espectaculo no theatro como em ir ouvir a missão e que ha n'isso tanto crime como haveria nos primeiros seculos do christianismo em applaudir as momices dos *Loucos; Kyrie* dos *asnos;* os *Autos* nas capellas-móres das cathedraes; os *Mysterios* no corpo das igrejas, e presencear durante o anno, fazendo parte do culto, a *Adoração dos magos;* as *Bodas de Canaan;* as *Virgens loucas* e as *Virgens de juizo,* e outras tantas praticas trazidas do paganismo, que apenas serviam para atrellar, pelo espectaculo que deslumbrava os sentidos, os povos grosseiros ao carro da nova idéa, que felizmente fez caminho e civilisou a humanidade!

Eu sou, exc.mo snr., um dos mais acerrimos defensores do christianismo; um dos que não se envergonha de confessar os serviços que elle prestou á sociedade no seu momento civilisador; só quero agora que elle não seja ingrato, e que se lembre de

quanto o theatro, ainda em embryão, lhe serviu para a sua catechese, ainda quando, segundo diz o nosso velho mestre Villemain: *ce qui était naïf alors semblerait bouffonnerie.*

Deixemos estas cousas que v. exc.ª sabe muito melhor do que eu, e passemos a dizer-lhe o que é o theatro por dentro.

Já lá vai a época em que as actrizes eram as rainhas do seu tempo; em que o talento fazia esquecer uma vida de escandalosa crapula; em que, despendendo os milhões como prodigalisavam os sorrisos, arruinavam os principes para morrerem depois ou beatas velhas, como o diabo; ou esquecidas na enxerga d'um hospital.

Esse tempo passou para ellas.

Hoje, ou sahem do ensaio para irem para o *atelier,* ou volvem a casa, se não para lavarem os cueiros dos filhos, pelo menos para darem novo feitio a um vestido que veio do tintureiro.

Tem anneis de brilhantes, mas tem tambem os dedos picados da agulha, e algumas levam a *prosa* a ponto de serem casadas á face da Igreja e terem deposito na caixa economica!

Já vê v. exc.ª que por aqui não vem mal ao mundo, e que hoje ha menos perigo em ir á caixa de um theatro, do que em ser irmão de qualquer ordem terceira — gasta-se menos e é mais limpo!

Aqui tem o theatro por dentro, na sua parte mais brilhante e dourada...

Quer que lhe descreva o resto?

Tem v. exc.ª animo para encarar a miseria de frente? Deve tel-o, porque teve a coragem precisa para ampliar essa miseria, tornando-a a unica expiadora do crime de ha dezoito seculos.

Vou dizer-lhe o que são os porteiros, os figurantes, os coristas, os carpinteiros, os moços, emfim todo esse povo que geme e sua ao som das nossas gargalhadas.

É tudo gente que, além do trabalho de cada dia, rouba seis horas ao somno para não morrer de fome.

V. exc.ª tem um palacio magnifico, arejado, commodo, dizem até que confortavel, dominando a cidade; a sua mesa deve condizer com a sua posição, não conhece o tormento de andar no *bond* ou o perigo de ser esmagado por este ao voltar uma esquina, e enfeita o dedo com um annel riquissimo que nem suspeita, ainda bem, o que seja o *prego*.

Pois os *malditos* do theatro vivem (?) em casas sem ar e quasi sem luz, dão-se por felizes quando tem carne secca ao jantar, vinho não o bebem, não sabem o que sejam banhos, andam a pé, não teem joias e tem filhos que lhes pedem pão, em quanto v. exc.ª tem á sua ordem os snrs. conegos, beneficiados, cantores e mais empregados que lhe beijam todos os dias as mãos a tanto por mez, sem descontos pelo carnaval.

Quando o divino Jesus, cuja Paixão a Igreja com-

memora presentemente, padeceu pelos homens, padeceu só.

Consentiu que João dormisse, que Pedro o negasse, que Judas o trahisse e que Thomé o desconhecesse. Não arrastou ninguem comsigo ao Golgotha, no caminho do qual só encontrou a Mãi, que elle não tinha visto nos dias dos *Hosannas!*

Para que ha-de v. exc.ª tirar o alimento a tanta gente, para que ha-de fazer, que de uma população de 400:000 almas sejam só 600 ou 800 a padecer?

Sempre ouvi dizer que quem dá o pão dá tambem o ensino; creio que o inverso é verdadeiro e que quem dá o ensino deve, pelo menos, não tirar o pão.

Não quer que haja theatros?

Muito bem; está no seu direito. O paiz é catholico apostolico romano, e a logica manda que seja v. exc.ª o unico interprete official da religião; mas então á sua fé ardente junte tambem uma caridade acrisolada.

O SS. Padre Pio IX vive menos mal accommodado no *albergue* do Vaticano, na sua mesa não ha faltas, e quando as houvesse podia soccorrer-se ás fabulosas riquezas que os seus cardeaes accumulam e deixam por sua morte aos *afilhados;* pois do dinheiro de S. Pedro tire v. exc.ª a importancia precisa e pague as diarias dos theatros; em quanto não fizer isto não tem o direito de impedir o ganha-pão de centenas de familias; ou então provará que a cari-

dade ecclesiastica é uma cousa differente da caridade christã.

V. exc.ª está ainda a tempo de reconsiderar e de insinuar uma revogação d'este edito, muito parecido em theoria com a doutrina que fez proclamar a revogação do edito de Nantes.

V. exc.ª quer parecer-se com o grande Bossuet, o que eu louvo muito, e assim como elle perseguiu o theatro na pessoa de Molière, abusando até do pulpito para tirar uma vingança do homem que já frio e inanimado no tumulo não podia responder-lhe, escrevendo um novo *Tartufo,* v. exc.ª que ao menos tem o merito de saber observar a differença que ha entre o bispo de S. Sebastião e o de Meaux persegue os pobres comparsas, os extenuados coristas, os laboriosos carpinteiros, e obriga-os a um jejum prolongado, não se lembrando que, a respeito de jejuns, quem trabalha os não póde supportar, tanto que o nosso commum mestre padre Scavini consente: — que os que trabalham na igreja durante a semana santa possam comer carne!

Agora pois que v. exc.ª teve uma voz amiga que o poz ao facto da questão, reconsidere e não se importe com o que a imprensa tem dito.

Não queira fazer com que triumphe uma má versão que affirma que: — por isso mesmo que a imprensa tem censurado o acto, é que elle não será revogado.

Desculpe-me v. exc.ª esta minha ousadia e lance a sua manhosa benção

Ao seu

Rio, 27 de março de 1877.

etc. etc.

A reproducção d'esta carta faz-me lembrar uma armadilha que ha sempre em exercicio na camara ecclesiastica para apanhar o dinheiro dos que intentam casar-se.

Entre outros vou narrar um facto que alli se dá com todos os portuguezes que precisam arranjar os papeis necessarios ao casamento.

Para A... provar o seu estado livre é preciso que a noiva vá á camara ecclesiastica declarar que quer casar com elle, como se A..., depois de provar que é livre, não possa casar com quem quizer; mas, como geralmente as senhoras brazileiras allegam um impedimento qualquer para se não exporem ás vistas lubricas dos satyros da camara ecclesiastica, ha sempre um que vai tomar a casa aquella declaração, pelo que recebe duas libras.

O portuguez é obrigado a fazer — depois de justificado o seu estado livre — correr banhos em Portugal, deixando de fiança 20$000 reis.

Assim que o noivo larga os taes 20$000 reis póde logo casar. Ora vamos a suppôr que os banhos

vão para o Rio com impedimento; o que farão os reverendos da Conceição?

Descasam o homem?

Ou os proclamas são uma formalidadade necessario e então sustem o casamento até que elles cheguem, ou se é um pretexto para apanhar os taes 20$000 reis, ajuntem-n'os aos emolumentos e escusam de apoquentarem os que cahem na asneira de subir á Conceição, quando á falta de registro civil podem lançar mão da Igreja protestante, onde os sacerdotes são mais serios... e mais baratos.

Sobre a porta da camara ecclesiastica deve collocar-se como sobre os muros das quintas no Minho:

Aqui ha uma ratoeira!

UM TOAST DIPLOMATICO

Assim que o snr. conselheiro Mathias de Carvalho viu terminados os *seus* negocios do Brazil, deu-se pressa em voltar á Europa, dizendo por uma vez adeus ás terras quentes.

Os seus casacos estavam já sebentos de mais, tanto elle se encostára ás pilhas de carne secca da rua de S. Pedro; as suas calças precisavam de fundilhos, de roçadas que foram pelos *bancos* da rua Direita.

Antes, porém, de sacudir a poeira das botinas cambadas entre o *Pão d'Assucar* e a *Ilha da Cotunduba,* conseguiu que lhe fosse offerecido um jantar pela colonia portugueza (*sic*), cujo preço, se não me

engano, andou por uns 35$000 reis fracos por cabeça, incluindo vinhos.

Foi n'este jantar que o snr. barão de Cottegipe, então presidente do conselho de ministros, exalçando as virtudes diplomaticas do collega que em tempo na camara dos deputados em Lisboa não soube responder « d'onde vinha, o que queria, nem para onde ia », declarou, em plena bochecha dos medalhões da colonia, que se aquelle diplomata mais não fizera em favor do seu paiz, inclusivè o contracto de propriedade litteraria, fóra porque elle — governo — não quizera!

Os MEDALHÕES : — Apoiado!

O que *elles* querem, os taes que dão jantares, é o contracto da propriedade do bacalhau!

ESCRAVIDÃO TEMPORARIA

A BORDO do *Congo*, que a 15 de setembro de 1880 sahiu do Rio de Janeiro para Lisboa, veio, entre outros passageiros de prôa, o snr. Manoel Alves.

O homem é um portuguez nascido e creado lá para os arredores de Braga.

Veste de briche nacional e usa a cara rapada como os padres, de quem é amigo decidido e dedicado.

Vai alegre.

Fez um bom negocio.

Volta satisfeito porque conseguiu vêr galardoado o fructo do seu trabalho de quinze annos.

Collocou os filhos!

Abençoada creatura!

Quando tinha 18 annos e ajudava á missa na Misericordia de Braga, casou-se com a criada d'um dos senhores conegos da Sé, que o presenteou com dous filhos no fim de tres mezes d'hymeneu abençoado e fecundo... graças ao Senhor... conego.

Elle tambem, o Manoel Alves, pela sua parte não se descuidou d'amanhar a vinha do Senhor, por isso obteve nos quatro annos seguintes um filho em cada anno, já que a physiologia se oppoz a que fosse um em cada mez.

A conta corrente estava escripturada da seguinte maneira:

Mezes	Annos	Filhos
Dezembro.....	1864	2
Outubro.....	1865	1
Setembro.....	1866	1
Junho.....	1867	1
Junho.....	1868	1
Somma.....		6

N'esta época, Manoel Alves, um tanto ou quanto implicado n'um roubo d'uns galões d'ouro d'um paramento de pontifical, foi até Vigo e de lá, graças á bondosa tolerancia das authoridades consulares portuguezas — embarcou para o Brazil.

Escusava de tanto trabalho; então, como hoje, as

agencias dos varios paquetes encarregam-se d'*arranjar* passaportes.

Desembarcou jubiloso; e, se soubesse italiano, teria, parodiando a exclamação de Gioto, gritado:

An ch'io sono commendatore!

Com uma recommendação que trouxera do senhor conego para um outro ecclesiastico administrador d'uma casa de beneficencia, entrou como servente n'um hospital.

Instinctivamente envaredou pelo caminho da fortuna fazendo-se humilde, sabujo e velhaco. Fez economias; e, esquecido o negocio dos galões, voltou á patria, annos depois, com alguns contos de reis.

Durante o tempo da ausencia a mulher não augmentou a conta corrente dos filhos na columna do haver.

O senhor conego tinha tomado uma outra ama.

Em quanto esteve no Brazil os filhos cresceram, e a mãi, e alguns senhores padres — porque emfim ainda se não acabaram os bons corações — lá se arranjáram conforme puderam para alimentar e educar os filhos.

O nosso Alves sabia, como bom christão que era, que a Providencia nunca falta com a comida ás avesinhas, e por isso nunca mandou vintem á mulher.

Ora elle que tinha assistido ao *congresso agricola* convocado pelo snr. Sinimbú, levava a idéa fixa,

pelo que alli ouvira dizer, de que o Brazil precisava de braços, e sem pensar duas vezes fez de novo a viagem até Vigo com os filhos.

Chegado ao Rio de Janeiro procurou nos *frejés* (Nota 6.ª) e *vendas* da rua do Senhor dos Passos, visinhas e circumvisinhas, commodos para os pequenos.

No fim d'um mez conseguira collocar todos os rapazes, tendo tomado a precaução de levantar dos respectivos patrões 600$000 reis adiantados, o que perfazia a quantia de 3:600$000 reis, moeda fraca, com que a bordo do *Congo* em 15 de setembro de 1880 se retirava para Braga.

— Já cá não volto senão d'aqui a tres annos — dizia elle — *aluguei* os pequenos por 200$000 reis por anno, e o cobre vai aqui; mas depois quem os quizer ha-de pagal-os mais salgaditos!

Com vista aos abolicionistas... pretos.

HISTORIA D'UM BEBEDO

Pouco antes de chegar ao Penedo, um kilometro aproximadamente, o meu trol (Nota 7.ª) encontrou na estrada um carro carregado de milho e puxado por quatro vagarosas juntas de bois. O negro carreador ia indolentemente deitado no meio da carga e saboreando um grosso cigarro de palha com as delicias d'um turco no tempo em que os harens legitimos eram mais do que uma flôr de rhetorica; o moleque, que guiava os bois, caminhava adiante d'estes sem se importar com a direcção dos animaes, e dando pontapés nas pedras que encontrava, as quaes rolando pelo barranco iam cahir no rio.

O eixo, propositalmente embebido em oleo de mamona, chiava a ponto de ensurdecer os dous guias. O carro chegando-se ora para a direita, ora para a

esquerda, á vontade dos bois, occupava toda a estrada, que aliás não era muito larga, impedindo a passagem do trol, e por isso o meu cocheiro não fazia senão assobiar, gritar, bater com os pés, em quanto os dous caminhavam e deixavam caminhar os bois como se fossem os unicos habitantes d'este mundo.

Emfim, chegados juntos do carro, e, á força d'assobios, fomos ouvidos.

— Arreda o carro para eu passar! — grita o meu cocheiro.

— Para onde? — replica o negro, sentando-se sobre a carga.

E de facto a estrada não offerecia desvio; e assim caminhamos um atraz do outro cêrca de quatro a cinco minutos.

Felizmente á direita, por sobre o rio, o barranco accentuava uma grande curva, e uma especie de plaino permittia que o carro alli parasse e nós passassemos. A passagem, porém, não foi das mais felizes; um dos burros, assustando-se com um movimento brusco d'um dos bois das dianteiras, *passarinhou* e envolvendo, na volta que deu, as pernas nos tirantes, cahiu.

A queda d'este elemento da viação roceira accelerada, fez-me apear, e em quanto o cocheiro praguejando contra o carreiro, arranjava os apparelhos, e este seguia o seu caminho sem se importar com o acontecido, fui andando a pé para dar um pouco de movimento ás pernas entorpecidas.

Teria dado uns trinta ou quarenta passos quando me chamou a attenção uma cruz de madeira, pintada de preto, fincada no sopé do barranco que me ficava superior, e rodeada de quatro garrafas, cahidas, espalhadas pelo chão, como se na vespera se tivesse dado sobre aquella sepultura uma orgia sacrilega.

Pelos rotulos via-se que o vinho do Porto e a cerveja Bass tinham sido os liquidos das libações pelas almas dos mortos aos pés da cruz!

Impressionei-me.

A minha viagem terminava n'aquelle dia em Penedo.

O sol declinava com rapidez, queimando com violencia, embora de flanco. O vento estava parado. A atmosphera limpa e serena, fazendo tudo presagiar uma noite morna d'abril, sem viração nem frescura, e cujo silencio só seria quebrado pelo coaxar de milhões de rãs e os assobios dos sapos.

Não era a primeira vez que eu ia a Penedo; tinha alli conhecidos e era esperado em casa d'um amigo que já d'outra occasião me tinha hospedado.

A conversa, ao jantar, recahiu sobre o que eu já appellidava a *Orgia da Cova;* mas explicado o caso, tomou outra feição e fiquei sabendo que as garrafas foram alli postas para que a cruz tivesse quatro velas de sebo que a illuminassem em a noite dos finados.

Eram um testemunho de piedade e não de malvadez!

*

Antes assim! Respeite-se o pudor da morte!

O culto dos que passaram é a religião dos homens de bem.

Sobre a campa, visto que *nada* resiste á corrupção, haja ao menos quatro velas de sebo nos gargalos de quatro garrafas, attestando aos viandantes que o individuo cujo corpo cahiu e foi sepultado á beira da estrada ainda tem quem se lembre d'elle.

Depois vem o vento e espalha as garrafas, o tempo e destroe a cruz, o progresso e mette o alvião no morro para nivelar e alargar a estrada, e os ossos, se ainda existirem, irão encher aterro e acabou-se *tudo!*

Ao jantar disse-me o dono da casa:

— Onde viu aquella cruz, é a sepultura do Orlandino; uma noite cahiu por alli e foi encontrado morto; e lá foi enterrado porque o senhor vigario disse que o não enterrava em sagrado — para exemplo.

— Felizmente que ainda ha bocados no mundo que não são sagrados — replica um dos que jantava comnosco, e que depois me disseram ser o doutor promotor publico da comarca, alli de passagem, bom moço e orador da loja maçonica da cidade.

— Mas o senhor devia tel-o conhecido! — continúa o dono da casa dirigindo-se a mim, e espalhando uma colhér de farinha de mandioca n'um prato de gallinha ensopada com quiabos.

— Eu?

— Sim; não se lembra d'aquelle bebedo que o anno passado rolámos no sacco?

A historia do bebedo *rolado* appareceu-me immediatamente; e o que, passado um anno talvez, vira e ouvira, estava tão presente ao meu espirito como a posição das garrafas cahidas sobre a sepultura do Orlandino.

E recordára-me de tudo que vira então em quanto os commensaes passavam da gallinha com quiabos ao tutu de feijão preto com carne secca desfiada; e d'umas lascas de bacalhau frito em pingo de toucinho derretido a uma gallinha assada, sobre que assentavam umas papas de milho, tudo mais ou menos regado por um liquido d'um vermelho amarellado, producto fabricado no Rio de Janeiro com o nome de vinho, e que a metropole da febre amarella manda, em lugar d'esta, matar na roça.

A differença que ha entre uma e outra é que a febre mata mais rapidamente e o tal vinho só o faz depois de ter produzido e alongado a dyspepsia!

Os medicos receitam-no a todas as comidas!

Era um domingo. O dia tinha estado quente, sombrio, ameaçando chuva e provocando o mau humor.

Dava vontade de discutir politica.

O Orlandino, como de costume, cahia de bebedo. Parado no largo da igreja, e unico da povoação, abria as pernas, para se conservar de pé, deixára descahir a cabeça sobre o peito, e começára a invectivar contra o vigario. Depois avançava cinco ou seis passos

rapidos, cambaleantes, parando de repente; e assim andando, cambaleando e parando deixou-se cahir no limiar da igreja, cujas portas estavam abertas de par em par. Tentou accender um resto de cigarro, que depois de muito procurar encontrou atraz da orelha, não conseguindo, depois de gastar dez ou doze phosphoros, mais do que queimar os dedos e chamuscar as barbas. Barbas grisalhas, senão quasi brancas, sujas, compridas, crescendo sobre umas faces de maçãs proeminentes e macilentas, deixando vêr lá no fundo dous olhos pretos, grandes e embaciados.

A roupa em desordem, a camisa rasgada e com grandes farpas onde estiveram pregados os botões, descalços os pés, e a cabeça descoberta.

Na igreja centenas de vozes entoavam os canticos do mez de Maria, cantos alegres como o mez das flôres na Europa, meigos como o mez de maio no Brazil, mas que os nossos padres — hybridos do missionario mau e do bonzo estupido — teem transformado n'uma psalmodia triste e descórada.

A reza ia acabar.

Dous ou tres devotos arredaram o bebedo da porta da igreja, com singular violencia e extrema falta de caridade.

O povo jorrou para o largo, as mulheres foram-se escoando pelas ruas e pondo-se apressadamente a caminho da roça porque a noite ameaçava chuva, os homens enchiam as vendas, e os professores publicos faziam-se preceder, encaminhando-se para casa,

pelós alumnos, formados a dous e dous, como se fosse para os levar como carneiros a ouvir o mez de Maria que os paes lh'os mandam, e o governo lhes paga.

Depois sahiu o vigario acompanhado d'um rapazito de treze annos, aproximadamente.

O pequeno era alto, magrinho, pelle branca e fina, olhos negros, humidos, rasgados e de expressão melancólica, cabello castanho escuro cahindo-lhe em cachos sobre os hombros. Vestia limpamente de preto, trazendo os pés apertados n'umas botinas de verniz.

Á direita d'elle ia o vigario. Não tento descrevel-o. Não era o vigario da roça, mais ou menos limpo, que discute politica, e trata dos preços do café, e da colheita pendente, sentado á porta da loja de fazendas do canto, de barba por fazer, cigarro na bocca, chapéo desabado que tanto póde ser d'um capoeira como d'um sacerdote, e batina arregaçada: este não; tinha a physionomia geral d'um padre francez director de congregações religiosas de mulheres, realçada pelos meneios adamados, e pisar feminil d'um lazarista educador. O cabello cahia-lhe corredio e lustroso até ás costas, um pouco arqueadas; a sotaina, cingida nos rins e desenhando-lhe as fórmas posteriores, dava-lhe á figura um *quid* que causava nojo.

Tinha a fronte elevada e proeminente; olhos azues d'olhar vago, beiços grossos, trazia a barba

cuidadosamente escanhoada, e fitava a vista no chão, comprimentando á direita e esquerda com requintada hypocrisia. N'aquella physionomia parada, n'aquelle olhar que parecia não poder vêr muito além, nos labios entreabertos e sem energia, o mais que se poderia lêr á primeira investigação era a sensualidade bestial denunciada por uns lampejos instantaneos, brilhos humidos que lhe passavam nos olhos quando estes viam uma moça de quinze annos ou um rapazito de treze a quatorze!

Era geralmente estimado; comprimentava todos e não se dava com pessoa nenhuma: era conego honorario, esperava uma distincção da côrte de Roma que lhe fôra promettida por um missionario em quem durante um mez abdicou os seus direitos, instituira a devoção do mez de Maria — para as crianças a quem ouvia de confissão a miude — e era o unico assignante do *Apostolo* e do *Brazil Çatholico* nos tres municipios mais chegados.

Quando os dous atravessavam o largo o bebedo quiz investir com elles, mas o alcool não deixou, fazendo-o cahir. Um, mais caridoso que lhe quiz evitar a queda, segurou-o pelo casaco, que despedaçando-se, não evitou o tombo, e deixou o pobre ebrio com um farrapo no corpo.

Então começou uma scena de cannibalismo!

O resto do vestuario foi-lhe tirado pelos devotos do mez de Maria; os pequenos que o professor mandára retirar para casa juntaram-se aos homens, e em

quanto estes puxavam pelas calças do Orlandino, os pequenos arrancavam-lhe a camisa aos pedaços!

Em poucos minutos o Orlandino ficou nú!

Da venda mais proxima sahiu um caixeiro com uma sacca de linho crú, e n'ella introduzido o bebedo que foi rolado pelo largo no meio de palmas, bravos e gritos infernaes!

Por momentos me julguei perdido no sertão, assistindo ao preparo barbaro e grotesco d'uma victima.

Algumas pessoas mais sensatas fizeram com que o sacco fosse rolado até á porta da casa em que me achava, onde tiraram o misero para fóra. Tinha a cara ensanguentada, escorria-lhe sangue pelas ventas contundidas, e uma grande excoriação na testa dava um aspecto medonho á physionomia d'aquelle desgraçado.

Os devotos berravam que lhes dessem o ebrio. Era domingo e queriam divertir-se; o tempo estava aborrecido, precisavam de commoções violentas; a oração durára pouco, era preciso encher o tempo d'alguma maneira. Tinham-se organisado alguns *vis-peres,* uns oito jogavam a malha; mas o grosso dos devotos, já meio encachaçados, reclamavam a pessoa do Orlandino.

Foi-lhe recusada. Vestiu-se o desgraçado com a roupa feita pedaços, e lá o deixaram deitar para um canto, onde dentro de poucos minutos resonava com o estertor peculiar de *quem a está cozendo.*

A noite tinha vindo. O largo estava deserto, as

casas fechadas e sem luz, atravessando amiudadas vezes a escuridão da noite uns relampagos vividos e rapidos. Ás dez horas o dono da casa quiz pôr o bebedo na rua; mas ferrado no somno, como estava, não houve nem gritos, nem safanões que o acordassem; iam recorrer á aspersão d'agua fria, e já um caixeiro, homem feito, armado d'um riso alvar se aproximava de caneca cheia, satisfeito de si e da obra que ia fazer, quando consegui não só obstar ao designio do filho de Braga, como que deixassem dormir o Orlandino, allegando que tendo de seguir viagem logo depois da uma hora, mal despontasse a lua, eu vigiaria por elle, e o faria sahir então.

O filho da *santa* Braga pousou magoado a caneca, foram-se todos deitar, e eu estendi-me, mesmo vestido, n'uma marqueza procurando dormir.

Cêrca da uma hora da noite o Orlandino acordou. Não se admirou de se encontrar alli, provavelmente por estar acostumado a acordar todos os dias em lugar differente. Orientou-se e levantando-se lançou mão da caneca deixada pelo *bracarense,* bebendo a agua a longos tragos.

Chamei-o.

Em quanto elle dormia tinham-me contado que tinha uma filha já moça, umas casitas que trazia de renda, e uns escravos que andavam alugados; mas que tudo, continuando elle n'aquella vida, seria *bebido.*

Quiz convencel-o de que n'aquella idade e posição não devia beber.

A necessidade de não dormir faz-nos ás vezes ser até... moralistas.

Ouviu-me chorando.

— O que eu quero é deixar as casinhas para a menina! — diz-me por entre soluços.

— Com certeza não deixa — lhe respondi eu — se continúa bebendo assim.

— Se me dessem o meu menino eu não bebia mais... eu lhe juro que ainda tomava juizo.

— De que menino falla?

— Do que o senhor vigario me tirou.

— Para que?

— Para que?... Não me pergunte isso.

— Nada... Diga-me tudo. Em primeiro lugar, para que deixou tirar o pequeno?

— Eu ainda não bebia — diz elle perfilando-se commigo e pousando-me as mãos nos hombros — elle, o pequeno, gostava de ir ás festas d'igreja; depois o vigario, que tinha vindo para aqui de novo, taes cousas lhe disse, ou fez, que o pequeno não largava a igreja, já ajudava á missa ao padre, comia á sua mesa, e por fim começou a ir ficar umas noites por outras a casa d'elle, fugindo de mim e sem querer saber da irmã.

— Seu filho é aquelle menino que hoje sahiu da igreja com o vigario?

— É esse mesmo. Hoje está magrinho que não parece o mesmo.

— Mas porque o não vai buscar? — insisto eu, antevendo a terrivel realidade — porque o não trouxe ou traz para o seu poder, visto que d'isso depende a sua emenda?

— E é verdade; se eu o tivesse em meu poder — repetiu elle — não bebia mais.

Insensivelmente fôra-se sentando na beira da marqueza. A embriaguez tinha quasi desapparecido, e um tom de profundo desanimo e tristeza coloria o que contava. Havia nas suas palavras o accento da verdade, a expansão conscienciosa d'uma alma acostumada a desabafar quando não sabe o que diz, e a calar n'esses poucos intervallos que vão d'uma a outra bebedeira.

— Mas porque não usa do seu direito?

— Qual! aqui não ha direito. E demais ouça: o pequeno começava a apparecer-me em casa com santinhos e dinheiro, e a fugir sempre para a igreja. Não reparei muito n'isso porque nós todos temos uma idade em que só gostamos da igreja. Depois o vigario veio ter commigo e disse-me que descobrira muita habilidade no pequeno e que o queria ensinar a lêr. Consenti.

— Fez mal; o homem de bem não deve servir-se do padre para nada.

— Que quer? a gente não vê as cousas senão

quando já não teem remedio. Um dia o pequeno entrou-me pela porta dentro com a roupa em desalinho, muito vermelho e chorando; vou a interrogal-o quando entra o vigario, um tanto ou quanto enfiado, e á queima-roupa me pede desculpa d'uma ligeira correcção que tinha applicado ao pequeno. Á vista d'aquillo reprehendi meu filho e obriguei-o a ir de novo com o vigario. O pequeno foi, depois começou a apparecer em casa com dinheiro, o cabello sempre cheio de oleos cheirosos; um dia, desconfiado do negocio, metti o pequeno a confissão; e soube que elle era a victima das torpezas do vigario. Perdi a cabeça, dei em meu filho uma sova... mas não dei um tiro no padre.

— Devia tirar-lhe mil vidas.

— O pequeno ficou doente, o padre deu queixa contra mim ao sub-delegado, fizeram auto de corpo de delicto, o diabo, acabando por me metter na cadêa. Quando sahi não quiz vêr mais o rapaz que tinha fugido para casa do padre e... e para me esquecer comecei a beber... Hoje tenho dó da criança, que nem olha para mim... tenho saudades d'ella... mas toda essa gente vê no padre um santo... e eu bebo até cahir.

— E sua filha?

— Essa fica com as casas e os escravos quando eu morrer.

— Duvido!

— Pois dêem-me o meu menino que já não bebo.

Eram horas. Segui viagem.

Um anno depois, quasi á mesma hora, contava-me o meu hospede que aquella sepultura que tanto me impressionára era a do *bebedo que nós roldmos no sacco!*

— Morreu ha muito? — perguntei.

— Deve haver uns seis mezes. Uma manhã, como já lhe disse, appareceu estendido na estrada com uma grande brecha na cabeça; parecia que tinha levado uma pedrada.

— E levou?

— Nunca se soube!

— Não lhe fizeram autopsia e analyse da ferida? — perguntei eu com incrivel ingenuidade.

— Para que? Ora! foi um bebedo de menos!

— E quem lhe mandou accender as velas no dia de finados?

— Havia de ser a filha.

— E o que foi feito d'ella?

— Oh! essa está muito bem, o senhor vigario *tambem* tomou conta d'ella.

OS CAVALLINHOS

A CHEGADA da companhia de cavallinhos é um dos grandes acontecimentos da roça.

O annúncio anonymo faz o seu caminho. Trazido por um viajante que viu trabalhar a companhia na cidade mais proxima, que dá noticia do facto no hotel, pedindo ao proprietario que mande collar na porta o cartaz com o retrato do director da companhia — gravura em madeira mal acabada e ainda peor começada —, passa do hotel ao barbeiro, que por alli apparece sempre á chegada dos passageiros, que o vai contar ao boticario, d'onde passa ao subdelegado, e chega assim de escala em escala até o barão, terminando, por não poder subir mais, no *manda chuva* da localidade, fazendeiro influente po-

litico que dispõe de cincoenta e dous eleitores, quando o snr. Sinimbú empunha a bandeira do partido, e que tem *peso* para dar um deputado provincial á chapa do governo. Como a *calumnia* descripta por Beaumarchais em phrase musical, o annuncio inunda a povoação e a faz ter em que fallar n'essa noite.

Geralmente com a primeira noticia vem sempre o embryão da critica, que cresce e se desenvolve simultaneamente com a novidade, tomando tanto mais corpo quanto mais consistente esta se vai tornando.

Encontra-se sempre quem já conheça os trabalhos; e o nome do finado Antonio Carlos, ou o Carlos do Carmo, nome que dá a S. Paulo mais uma gloria, figura como ponto de partida e de chegada de toda a critica.

Ouve-se este recommendar os ditos do palhaço, rapaz que teve estudos — foi até o quarto anno —; aquelle narrar que trabalhos na escada como os do Coelho não ha, e que para exercicios de corda como X... é que não se encontra e que emfim a companhia é admiravel.

Ha porém sempre na roda um critico que tem visto as companhias estrangeiras que tem trabalhado na côrte e que não admitte que alguem trabalhe melhor do que os estrangeiros.

Infelizmente idiotas d'esta ordem encontram-se aos centos, em todos os generos e em toda a parte!

Á tarde os passeios estendem-se do lado da praça onde estão fixados os palanques de pau tosco, em fórma de escadas, sobre que se estenderão d'ahi a dias as tábuas que hão-de servir de bancos; sendo tudo envolvido n'um grande pano, á maneira d'um queijo pouco consistente, e coberto por um toldo de campanha.

Isto feito está o circo prompto.

É d'aqui que sahem quasi sempre os grandes artistas que vão depois fazer admirar o mundo... e onde tambem, em compensação, vem acabar os que fazendo se admirar do mundo não morreram d'um tombo ou d'uma lesão de coração.

Acontece porém que grande parte das vezes a imaginação e invenção dos senhores roceiros poupalhes o bilhete, e o circo então fica deserto, e os lucros, se lucros ha, são minguados; por isso não é para admirar que os cavallos andem magros, que os bordados das vestes sejam de ouro falso, e os *maillots* de algodão, lavados a miudo e tintos em casa n'um banho geral côr de rosa — com passagens, e cheios de pregas e de refegos depois de envergados.

Porque o roceiro quando lhe dá para não ir ao espectaculo tanto faz questão do calor como do frio: quando porém se influe dá n'uma noite gente para encher dous circos. É então a occasião de se vêr como é expansivo o rosto do empresario, e de apreciar a alegria dos artistas... e dos cavallos, seduzidos

pela risonha perspectiva... d'uma *manjadoura* abundante.

A mim o que mais me interessa n'estes espectaculos é o palhaço.

O palhaço — fingindo de branco ou de preto — d'inglez ou de hespanhol — tira-me o peso dos annos, faz-me, sem que eu dê por isso, volver aos tempos em que, entre meu pai e minha mãi, disputando o lugar a meus irmãos e fazendo orgias de pevides assadas e de limonadas de cavallinho, batia as palmas mal os funambulos entravam de turbilhão na arena, parando repentinamente, depois de se terem applicado mutuas e simultaneas bofetadas, no meio da geral gargalhada. N'uma palavra, o palhaço faz-me criança, o que equivale a dizer que me faz feliz.

Por isso o palhaço ha-de ser eterno e immutavel, como são eternas as puerilidades da criança.

Meu pai dizia-me que no tempo d'elle havia só um palhaço em cada funcção!

Desgraçados tempos!

Nós, os homens, a quem — felizmente — um quê da meninice nunca abandona, quando queremos ir aos cavallinhos vêr os palhaços, envergonhados d'esta escapadella para os doze annos dizemos sempre: — «É para levar as crianças».

Hypocrisia! nós amaldiçoamos-te e todavia tu abrigas-te mais ou menos disfarçada no fundo de nós todos!.....

.....

Em quanto escrevo estas cousas ouço as walsas que acompanham os trabalhos do trapesio; a quadrilha vulgar e corriqueira que me denuncia que uma gentil pastorinha de perna fina invejada e suja, de sapatos de setim de côr indecisa, saias tufadas com um tom d'anil, salta os arcos de papel dando pulos de cegonha, e agachando-se por baixo d'elles por ter falhado o salto no momento proprio, até que a final depois de ter fustigado as orelhas do rocinante, fura quatro arcos de seguida cahindo estatelado na sella e ficando radiante, em posição risonha, recebendo os enthusiasmos dos corações bem formados, e as ovações do palhaço bem contundido.

Outras vezes a musica cadenciada e varia, terminando por um galope faz-me vêr o volteio final do director, que depois de ter mudado sete vezes de vestuario no celebre *acto* dos *Vinte annos ou a vida d'um jogador,* anda em volta da arena vestido de ilhama de prata, de espada flammejante na mão, representando o anjo vingador que no dia do *juizo final* ha-de tomar severas contas aos jogadores... e aos inventores de taes pantomimas.

Acontece muitas vezes que a espada flammejante que tem de castigar o vicio, é tambem utilisada em fustigar o animal que, cançado, offegante, de pescoço estendido, sem cabeçada nem freio, aggrava com esta corrida do *juizo final* a pulmoeira que ha-de dar cabo d'elle d'alli a sete ou oito espectaculos, se antes

*

d'isso o director não quebrar dando os animaes em pagamento da comida dos artistas.

Elles (os cavallos) comem a palha, mas elles (os artistas) devoram os cavallos.

Mas a musica parou! Ouço uma gargalhada geral: são os palhaços que entram.

Adeus, leitor... deixa que eu vá ser feliz por um quarto d'hora!

UMA PRIMEIRA REPRESENTAÇÃO

LÁ PARA OS LADOS DE PINDAMONHANGABA

A RECITA está annunciada para as oito e meia.

Depois das cinco da tarde começam os negros, como formigas seguindo o mesmo trilho, a carregar cadeiras e mochos para os camarotes.

Nas casas o ferro d'engommar trabalhou com certa actividade passando fitas de todas as côres; as senhoras frisam os cabellos e as mocamas alteiam a carapinha.

O consumo de perfumarias — marca Oriza — é enorme. As lojas vendem todo o *foin fraichement coupé*.

No theatro vai um trafegar incessante. Uns arranjam os camarins, outros preparam os candieiros de kerosene, aquelle dá os ultimos borrões de ocre n'um

reprego de montanha, o *comico* que accumula as funcções de machinista põe cordeis novos n'umas arvores que transforma em pavilhão, em quanto que tres ou quatro influentes da localidade, rapazes d'espirito e que dão o tom em cousas de arte, sobem e descem n'um alçapão que acaba de ser aberto á bocca da scena.

Ás sete horas já os lugares das galerias começam a encher-se, e uma familia espera n'um camarote de fundo que se accendam os candieiros, que passem as sete e meia, batam as oito, e cheguem as oito e meia para então começar o espectaculo!

Durante este tempo o moleque cança-se em servir copos d'agua para ajudar a engulir as *balas* queimadas.

Os comparsas, escolhidos entre os vadios da localidade, já passeiam ao fundo vestidos de guerreiros da idade média e quatro mulatas, magras, pallidas e meio envergonhadas, esperam que lhes dêem com que se vistam para a figuração.

O director mostra-se incansavel; de grande charuto na bocca, recommenda que não rasguem a nuvem, que accendam a lua, que ponham o vento ao fundo, que não queimem o mar, que pendurem o raio, que estiquem os penduraes do lado da rua, que vão caracterisar as donzellas, e não se esqueçam das barbas para os soldados.

Vê tudo, a tudo attende, sendo elle proprio o ultimo a ir vestir-se.

O santo, orago da parochia, é o sobre todos milagroso S. Benedicto; santo com quem se não brinca e o primeiro na escala da adoração alli pela margem direita da Parahyba [1], exactamente por onde andou a *Maria Angú* do meu amigo e collaborador Arthur de Azevedo. Segue-se-lhe depois o Espirito Santo, e Nossa Senhora ou qualquer das *suas irmãs*.

O culto de Deus não o encontrei. É desconhecido alli, inclusivè dos padres.

Entre estes o culto mais profundo que encontrei foi o do *cigarro*.

Ora como n'aquelle anno se fazia a festa do bemaventurado negrinho com todo o esplendor, tinham os devotos, para dar mais realce á funcção, contractado a companhia dramatica que havia mais de vinte dias estava na cidade proxima, d'onde não sahia por falta de concorrencia aos espectaculos, para vir dar uma serie de seis recitas; mas com a condição de ser a primeira com o drama sacro de grande espectaculo, *Os milagres de S. Benedicto*.

Houve duvidas, hesitações, recados para lá e para cá porque no reportorio da companhia não havia aquelle drama. Mas tres dias depois de troca de notas entre o director e os festeiros — algumas até de reis 20$000, o contracto effectuou-se. Tinha chegado o drama da côrte e conjuntamente o artista Silva Pereira.

---

[1] Por alli diz-se a Parahyba e não o Parahyba.

— O Silva Pereira por cá! — disse eu — não falto ao espectaculo.

Fui ao theatro; procuro o Silva Pereira e apparece-me um sujeito alto, muito alto, magro, olhos e cabellos pretos e voz de trombone.

— Então o senhor é que é o Silva Pereira?

— Sou, sim senhor, chamo-me Jeronymo Collaço da Silva Pereira.

— Porque não se annuncia o senhor, para evitar equivocos, Collaço da Silva?

— Porque tenho Silva por parte da mãi e Pereira de meu pai, e seria um mau filho...

Não quiz ouvir mais. Mal sabia eu entretanto que nova desillusão me esperava ainda.

Na mystificação do Silva Pereira cahi por minha culpa; eu já tinha sido escaldado com um Taborda, um Martinho e uma Julia de Castro, homonymos de que se aproveitam os empresarios não para provar que: — ha muitas Marias na terra — mas muitos tolos na roça.

Deram oito horas.

A familia que tinha vindo antes das sete acabava de esgotar o vigesimo ou trigesimo copo d'agua, sem conseguir esgotar a paciencia.

Fartou-se d'aproveitar o seu dinheiro.

No palco vai uma bulha infernal, o pano de bocca oscilla com os continuos safanões, ouve-se gritar, pregar e ensaiar um côro a secco lá ao fundo.

A orchestra afina pela terceira vez.

Dão oito e meia e nada de começar o *S. Benedicto*.

O theatro está cheio. Nos estreitos corredores dos camarotes não se póde já transitar; uma columna cerrada de quantas mocamas, copeiros, pagens e servos de variadas côres que ha em casa, tudo acompanhou as familias ao theatro para vêr... sem pagar.

Uma nuvem de fumaça invade a sala... Fuma-se nos corredores, no fundo dos camarotes, na platéa, e até do buraco do ponto sahem grossas baforadas de fumo.

A familia das sete horas boceja e já não bebe.

O publico impacienta-se, conversa-se em voz alta, e um ou outro dito da platéa para os camarotes promette apimentar a noite se o levantar do pano não vier pôr termo á expansão da critica.

O sub-delegado resolve-se a ir vêr o que causa tal demora.

Emfim vai começar o *S. Benedicto*: parece que a causa da demora fôra que na confusão d'uma primeira recita, e de grande espectaculo, a primeira dama, que fazia o *anjo*, tinha perdido dous dos seus dentes e tinha sido uma campanha para os encontrar depois n'uma das botas do diabo.

A orchestra rompe uma abertura, cujo author não me foi dado conhecer; creio até que o mesmo aconteceria com o author em relação á sua *ouverture* se a ouvisse.

Acabada a musica tomam todos os seus lugares;

mas como o pano ainda não vai acima e do regulador gritam para o maestro:

— Mais musica!,

o maestro dá-nos como supplemento da *ouverture* uma quadrilha de contradanças!

São quasi nove e meia, acaba a contradança, restabelece-se o silencio, espera-se um pouco, ouve-se o almejado apito, o pano estremece, dá um arranco e sóbe.

A familia das sete horas está completamente a dormir!

A scena representa um claustro escuro, tão preto como o *santo* que se patenteia com a sua carapinha tufada, seu *zoio* esperto, seu beiço vermelho, sentado á bocca da scena entre o *anjo* vestido de saiote curto, botina verde de salto raso, cabelleira frisada sobre que assenta um capacete dourado, e azas de pennas descahidas; e o *diabo* vestido de meia vermelha, chifres dourados, talco encarnado nas palpebras, saiote de velludo preto com raios e chammas de ouro e vermelho, muito vermelho e muito ouro por todo elle, e botas á Luiz XV.

Eis que o santo pondo os olhos no céo recita com compungida unção os seguintes versos ao som do trémulo de clarinetes na orchestra:

De nada se arreceia
Aquelle que leva a vida
Pela virtude medida.
Amando....

Não quiz ouvir mais. Fugi, como fugiria o meu amigo Arthur d'Oliveira se ouvisse um realejo tocar uma walsa de Chopin.

Estava roubado!

Não era o *S. Benedicto* que eu vira na côrte levar um empresario ao céo nas azas da fallencia; era o *Santo Antonio* do defunto Braz Martins com uma demão de cortiça queimada!

Fugi para não vêr no ultimo acto o pai *de S. Benedicto* resuscitar branco como se fosse o pai de Santo Antonio!

Tudo eu podia soffrer, menos este ultraje á moral familiar dos santos pretos.

CONCORRENCIA SCIENTIFICA

PASSAVA das onze horas da manhã. O sol já aquecia devéras a faxa amarellada, cavada no morro, ou livre de hervas na varzea, e que na roça se chama — estrada. Linha tortuosa, traçada em tempos pelas rodas d'um carro puxado por dous bois inquietos. As folhas do arvoredo, perdendo o brilho e o envernizado do orvalho começavam a murchar, fazendo dominar o fosco no matiz verde da meia encosta. Jaborandis e ambaúbas pendiam como se tivessem sahido d'um accesso de febres intermittentes. O cafeeiro com os cocos verdes e um ou outro já avermelhado, exhalava um perfume suavissimo, e o trino e piar das aves, acolhidas

aqui e alli á sombra do matto, eram como lamentos sentidos, que quebravam a monotonia do berrar das cigarras.

D'estas umas tem o canto aspero e secco; outras sibilante, outras metallico; grande numero berra constantemente, umas produzindo apenas um ruido elementar, outras elevando-se até á consonancia ou mesmo produzindo modulações!

D'este conjunto nasce uma inferneira que só tem o seu simile no enthusiasmo popular da cegarrega n'uma praça de touros em Hespanha, em tarde de corrida de regosijo nacional.

Acompanhado do snr. Domingos, especie de administrador da fazenda da *Agua Molle,* caminhavamos deixando á vontade trotar os cavallos pela ladeira da meia encosta, tendo á direita o cafezal debruçado no barranco, com os ramos pendidos para terra, já matizado com a nova floração de côr escura e lustrosa, capinado, e á esquerda, lá em baixo por entre capins e mattagaes, o rio turvo e impetuoso, despenhando-se das cachoeiras e correndo espumante de pedra em pedra, ora ladeando-as, ora saltando-lhe por cima, até ao encontro da barragem que lhe faz desviar um braço para ir alimentar a turbina do engenho.

Fallava-se da falta de chuva, que não deixava tomar desenvolvimento ao feijão (estavamos no meado de março); da necessidade de quebrar o milho, que já ia seccando, da febre amarella na côrte, e da

mula baia da D. Ermelinda que tinha sido sangrada na vespera.

Toda esta conversa não passava d'um pretexto para nos aborrecermos mutuamente. Os cavallos arfavam sacudindo as orelhas já sangrando pelas mordeduras da pertinaz mosca, fustigando as ancas com a cauda, em quanto a cabeça se abaixava repentinamente como querendo ir pedir ás pernas o auxilio de a livrar das mordeduras.

O corrego atravessa a estrada e em quanto os cavallos sequiòsos bebem, contra a corrente, e as borboletas batem as azas com certa voluptuosidade pousadas nas bordas humidas da arêa, o snr. Domingos descança o corpo na perna esquerda, puxa um rolo de fumo, que lhe fôra dado pela mulher do barão das Tres Varas, e prepara o cigarro lamentando as más qualidades das palhas e accendendo-o depois na isca que traz guardada n'um canudinho de *metal amarello.*

A nossa viagem não tem um objectivo qualquer. Sahimos de casa para não nos irmos deitar depois do almoço, dando de passagem uma olhadella ao eito.

No caminho que levavamos, entranhada n'uma quebrada do morro, ficava a *Quintinha,* pouso onde vive o filho de um mingoado fazendeiro da *visinhança.*

A *Quintinha* consta de uma pequena casa de barro e telha, com o seu terreiro na frente limitado por um corrego para além do qual se estende fron-

teiro á casa o brejo, o formoso brejo com todas as suas perfidas seducções, com as flôres alvissimas, carnudas, de um aroma activissimo, e folhagem larga e exuberante. No fundo e na encosta da esquerda um cafezal velho, cheio de milho e feijão, onde não ha pedras, e á direita a matta por onde segue a estrada.

Mal chegamos ao terreiro eis que vemos assomar á porta da casa uma mulher, com olhar ancioso e gritando:

— Venha depressa, snr. Domingos! Não encontrou por ahi o meu Juca? A menina d'elle está com convulsões!

— Isso não ha de ser nada — responde com um sorriso de sabio — que sabe allemão — o Domingos, desatando a ponta de couro verde do cabresto do arção do sellim, e amarrando com ella o cavallo a um tronco de bananeira, que dava uma sombra fresca á beira do corrego.

Eu imito-o e sigo com elle para a casa.

Era um interior aceado. O typo genuinamente usado pelo aggregado roceiro. Casa de entrada ou sala com porta e janella, porta ao fundo para a cozinha, e á direita e esquerda outras para dous quartos interiores.

Entre a porta e a janella uma canastra de couro; e outra igual encostada á parede da esquerda. Esta parede foi a escolhida para a ornamentação. Pregada com dous pregos vemos á altura da vista uma tira de

palmo de largura, do *Jornal*. É sobre esta tira de papel, já amarellado de fumo, e brigando com a linha do nivel, que estão pendurados os *passe-partous* com retratos photographicos de amigos e conhecidos — aquelles celebres retratos de braço esquerdo encostado a uma pilastra, permittindo ao corpo um certo descahimento *artistico*, obrigando-o a levantar a cabeça para olhar para o canto da machina, a mão estendida, annel dourado, sobrecasaca preta de prega escorrida e chapéo de sol fazendo angulo de 60° com a perna direita; um registro de uma Nossa Senhora milagreira da localidade, e um annuncio chromo-lithographado da salsa-parrilha de Bristol.

Uma caixa de charutos, pendurada, por um furo que tem no fundo, na hombreira do portal do quarto, serve de nicho a um despertador de viagem, parado e sem o ponteiro dos minutos.

O snr. Domingos pousou chapéo e relho (Nota 8.ª) na mesa que está encostada á parede do fundo, bebeu uma pucara d'agua tirada da talha que está no canto e entrou no quarto da direita para onde passou a um puxado (Nota 9.ª) de uma agua, onde vai entrar como anjo salvador.

A unica janella que este quarto tem está fechada; e a luz entra coada pelas gretas do telhado de telha vã.

Encostada a uma parede uma cama. Os lençoes não estão frescos, e um cobertor vermelho, com no-

doas côr de vinho, estendido sobre o leito prova que as noites são frias na *Quintinha*. Atravessada diagonalmente sobre a cama, de uma a outra bandeira de duas portas, está esticada uma corda que serve de guarda-roupa — e de guarda de mosquitos e pernilongos para as zunidas e ferroadas da noite. N'um canto temos uma prateleira onde se acham em confusão frascos que serviram a perfumarias — marca Orizza; botijas que foram de genebra; uma garrafa com um resto d'um oleo qualquer, algumas maçarocas de milho, duas roscas e um par de botinas que talvez sejam de mulher.

Sobre a cama está sentada uma rapariga de olhos pretos e vivos, morena, cabellos negros e corredios. Se não é branca o sangue africano já alli deixou poucos vestigios da sua passagem. Com o pé esquerdo sobre o joelho direito, e a perna d'este descahida assenta no chão a ponta dos dedos encurvados.

Tem no collo uma criança pallida, com os beiços roxos, os olhos cerrados e banhada em suor. Está embrulhada n'um lençolinho de algodão crú, tendo em volta da cara um grande lenço de flôres encarnadas, que mais faz reparar na triste côr amarella das faces.

As olheiras são profundas. De vez em quando ergue os braços, torce-se toda, revira os olhos, ouve-se-lhe um estertor abafado e cahe n'um tremor de frio que cede o lugar a um suor abundante, deixan-

do-a depois n'uma especie de somnolencia acompanhada de respiração accelerada e de gemidos sumidos.

A mãi olha com os olhos rasos de lagrimas para nós.

O semi-circulo de comadres, crioulos e visinhos formado em volta do leito, exhalando um aroma pouco salutar, abre-se para nos dar lugar, convergindo todas as attenções sobre o snr. Domingos, que, depois de ter applicado um pontapé a dous crioulos que rolavam pelo chão impedindo-lhe o caminho, avança, deixando brincar um sorriso nos labios dos quaes o novo Salomão vai deixar cahir uma sentença de vida ou de morte.

Domingos aproxima-se e pergunta tomando o pulso da criança:

— Então o que foi isto?

— Eu não sei, não senhor — responde a afflicta mãi — ainda hontem a minha menina estava tão boa e hoje assim! Valha-me Deus! Eu creio que é uma indigestão.

— O que comeu ella?

— Nada, não senhor, snr. Domingos. Só se foi uns bolos do padeiro que o camarada trouxe hontem da cidade.

— Ha-de ser isso — responde com um meneio affirmativo de cabeça o meu companheiro de passeio.

— Ella tem febre? — pergunta uma comadre, al-

ta, magra, com uma criança ao collo chupando n'umas tetas amarellas, cheias de sardas e descahidas.

— Está quente — responde o Torres Homem da fazenda da *Agua Molle*.

— Eu bem disse — replica uma outra visinha — isso é lombrigueira que a pequena apanhou. O pai Domingos do snr. barão tem um remedio muito bom para ella.

— O pulso bate que parece um cavallo — pondera o snr. Domingos.

— Veja a barriguinha d'ella — continúa a mãi, descobrindo a criancinha.

— Está que parece um zabumba — corrobora elle.

— E não faz senão estar em convulsões — accrescenta a comadre da lombrigueira.

— Quando uma pessoa está com convulsões não é bom fallar n'isso diante d'ella — observa sentenciosamente o snr. Domingos — porque o doente tem logo uma.

A criança, como que querendo provar a verdade da abusão, estorceu-se violentamente: apoderou-se d'ella um tremor febril; os dentinhos batiam com força uns contra outros; ergueu os braços com as mãos crispadas, recurvou-se, fincando os pésinhos e os hombros nas pernas da mãi, e cahiu extenuada, como se tivesse esgotado as ultimas forças.

Nos cinco ou oito minutos que este accesso durou passou-se a scena seguinte:

— Isto não tem que vêr — opinou mestre Domin-

gos — é indigestão. Tem oleo de ricino? É preciso purgal-a.

Seis mãos avançaram logo para uma garrafinha de vidro azul escuro, delgada e comprida.

— Aqui está o *azeite* — diz a primeira pessoa que logrou agarrar a garrafa.

Domingos provou o remedio para vêr se estava bom, pediu caldo de gallinha, que lhe foi immediatamente servido, e em quanto misturava n'uma colher o oleo com o caldo, desenvolvia a theoria therapeutica de que o oleo applicado com o caldo tem mais do duplo do poder purgativo, do que tomado simples.

A criança foi obrigada a engulir a mistura, findo o que o snr. Domingos declarou que no outro dia — já ella andaria a correr.

E eu calado sem nada poder nem me atrever a praticar em favor da pobre criança. Tinha a convicção de que o oleo de ricino fôra vasado na bocca d'uma pequenina moribunda; e, como tenho uma filha, estremeci, sahindo do quarto.

Os gallos cantavam ao desafio no terreiro, o brejo exhalava um perfume inebriante, os nossos dous cavallos, á sombra das bananeiras, enxotavam com morbidez as moscas teimosas.

Esperava-se o pai da criança, o *seu* Juca, irmão da mulher que nos chamára, e que tinha ido á cidade buscar o senhor doutor.

Domingos opinava que eram vinte mil reis mal

gastos, porque o doutor não tinha mais nada a fazer.

No fundo o Domingos talvez tivesse razão!

O pai chegou e com este o medico. Aquelle magro, amarellado, de barba crescida e rareada; este pequeno, sordido, de botas de couro da Russia até ao joelho, chapéo do Chile, camisa de chita suja, casaco grosso e ennodoado e annel de esmeralda no indicador da mão esquerda.

Apparentemente era a unica cousa que tinha de medico — era o annel.

É tambem a unica que se compra á vontade.

Em quanto ao resto ha uns que o *obtém* e outros que o *conquistam*. Este era dos do primeiro grupo. Grupo vasto, ramificando-se dia a dia e que constitue o que se chama — homœopathas nas capitaes e senhores doutores na roça.

Este era o doutor Antonico do conego. Parece que o pai tinha sido, ou o tio, um conego honorario, vigario da parochia e muito conhecido outr'ora na redondeza pelas aventuras amorosas, sua chalaça pesada nas casas de familias e violencia de meios politicos por occasião das eleições.

Apeados, o pai tira o chapéo de palha, enxuga com as costas da mão o suor que lhe inunda a fronte e segue o doutor, de cabeça baixa como um cão. Não se póde aqui applicar o celebre aphorismo: *A visita d'um grande homem é um beneficio dos deuses.*

Os deuses ás vezes estão irados com os pobres e mandam-lhes certos medicos a casa.

Entram no quarto.

O medico encara logo com Domingos, como quem fica pouco satisfeito do encontro; este sorri-se para si, conscio de que tem pela frente um rival... inferior no conceito publico.

— Bons dias, senhor doutor — saúda o Domingos, com um ligeiro resaibo de ironia no sorriso.

— Pelo que vejo não tem café no terreiro — retorquiu o doutor, como se quizesse dizer: — Já a mim me admirava de cá o não encontrar.

— Que quer, senhor doutor?... todos temos obrigação de servir uns aos outros.

— Então o que foi isto? — pergunta. o medico tomando o pulso.

— Eu já disse alli ao snr. Domingos — responde a mãi; — creio que foi uma indigestão.

— Vossês deixam-lhe comer tudo... — diz o doutor em tom de reprehensão.

— Bem sabe que não podemos andar sempre atraz d'elles — responde o pai a medo.

— Está com febre; tem a temperatura elevada, o pulso accelerado; o ventre *tumefacto* — afiança o doutor, atirando com aquellas, e mais tres ou quatro palavras acabadas em *oze,* tristes qualificativos de vulgar sciencia, como se fossem tiros de rewolver successivamente desfechados ás canellas do Domingos. — Já lhe deram alguma cousa?

— Appliquei-lhe oleo de ricino em caldo de gallinha — responde mestre Domingos, com a consciencia, tranquillidade e sobranceria de quem tem esgotado o ultimo recurso da sciencia em taes casos.

O doutor ficou como que assombrado.

— Mas que fazer? — pensou elle resmungando — Tambem é só o que sabem dar.

Mas a mãi dizia que a doença era indigestão, e o Domingos tinha dado um laxante, restava o chá de macella, o chá da India, e algumas outras infusões ou cozimentos de uso indigena, adoptados n'aquellas circumstancias, mas tudo eram palliativos, e alli, em presença do Domingos, precisava dar um golpe de mestre. De repente, como se tivesse uma inspiração, receitou uma cataplasma de linhaça para a barriga da doentinha, que entrava já no estado comatoso, e sinapismos de mostarda para tornar a si, e sahiu, prognosticando que no dia seguinte a criança estava boa.

— As crianças são sempre assim — disse elle despedindo-se de mim e apertando-me a mão — hoje a morrer, ámanhã traquinando como se tivessem o diabo no corpo.

Accendeu um cigarro, cavalgou o animal que o pai da doente lhe foi buscar e foi-se.

Eu e *seu* Domingos sahimos a continuar o passeio deixando a criança nos braços da mãi, no meio da algazarra das comadres, e cabriolas e gritaria dos

crioulos a que tem vindo juntar-se o grunhido d'um porco que sahiu da cozinha.

— Aquillo é uma cavalgadura — diz-me o Domingos, referindo-se ao medico, mal o Juca se afastou de nós para ir á fazenda da D. Chiquinha buscar os medicamentos receitados.

Domingos continuou:

— Aquillo não é medico, é um mata cavallos.

Tive vontade de lhe responder que não era pela violencia do receituario.

O doutor ia lá dizendo comsigo, provavelmente: « Ora o que andará por aqui medicando este idiota? » O governo devia pôr serio cobro n'isto.

No dia seguinte seriam seis horas da manhã e vejo entrar na fazenda onde estava hospedado o pai da criança. Estava cadaverico. Tinha soffrido e chorado.

Vinha montado n'um cavallo que manquejava.

Fomos ao seu encontro. Dous fios de lagrimas que lhe corriam pelas faces descarnadas diziam tudo.

— *Seu* Domingos, venho pedir-lhe o favor de sangrar o meu cavallo para ir logo ao enterro da minha menina.

Receei pela vida do *pequira* (Nota 10.ª); mas o animal foi mais feliz do que a criança.

— Eu bem disse que ella morria — assevera o Do-

mingos em tom de consolação, e atravessando com alfinete o couro da perna dianteira do animal para vedar o sangue.

— Crianças! — murmurou o pai: — com um sol d'aquelles andou todo o dia mettida no brejo; a mãi mudou-lhe de roupa tres vezes.

Eis o que elles chamavam indigestão! Era o pantano alli mesmo em frente da casa, em eterna fermentação e fulminando de vez em quando com... a indigestão!...

Dias depois o doutor não se esqueceu de mandar a seguinte nota:

«*Pelo tratamento do filho do Juca do Manuezinho* que morreu de indigestão... 20$000 reis».

O Domingos foi quem leu a conta.

Dobrou-a, entregou-a ao pai e disse:

— Bem dizia eu que elle não vinha cá fazer nada... Eu ao menos fui lá de graça...

— E ainda me sangrou o cavallo! — acrescentou o pai reconhecido.

IMPRENSA NA ROÇA

É uma cousa séria a imprensa na roça. Quando não é o chefe de policia ou os seus agentes que mandam deitar o prélo ao ribeirão mais proximo; é o missionario que d'ordinario não contente em fazer com que a turba-multa dos devotos empastele os typos, quando o redactor não é perfeitamente da opinião do frade, lastima em altas vozes que ainda não houvesse uma alma justa para uma pequenina nova S. Barthelemy, fazendo em *picadinho* o maroto do redactor.

Se não houvesse politica jesuitica e jesuitas politicos a imprensa da roça passava... um *vidão!*

Em tendo para o papel, uma caixa de tinta e

para o pagamento — atrazado — de dous ou tres compositores e um impressor, vai de foz em fóra.

A redacção é *gratis:* fica a cargo do dono da folha, dos amadores pelo amor da arte, e da tesoura.

Quem escreverá a historia da collaboração da Tesoura?

Quem dirá o que tem sahido do encontro dos córtes das suas laminas?

Ha *variedades,* que tendo feito o giro de todos os jornaes da côrte investem pela provincia, vão do Amazonas ao Prata, de Pernambuco a Cuyabá passando por Goyaz, acabando por ser transcriptas como *novidade,* outra vez, nos jornaes da cidade de S. Sebastião.

É uma *boa farça!*

Os jornaes da roça distinguem-se pelo bom papel, má justificação, falta de quadratins, pessima ou optima impressão — não tem meio termo — e annuncios de espectaculo, quando os ha ou está para haver — que occupam toda ou quasi toda a quarta pagina.

Signaes particulares: — Tem quasi sempre falta d'uma letra nos caixotins, e desconhecem absolutamente o uso do $.

Vivem á custa dos partidos politicos que assignam e concorrem com uma quota parte da despeza, quasi sempre sob pretexto de ajudar um amigo.

Transcrevem telegrammas atrazados, occupam-se com a politica ingleza, analysam a situação do imperador da Russia, criticam as pretensões dos realistas

francezes, isto tudo com um perfeito eclectismo de opiniões.

Ganham algum vintem com a publicação da lista dos jurados, com as pautas da qualificação dos votantes, e com os avisos e annuncios judiciarios.

Um verdadeiro maná para elles quando, por obra do acaso, ha leilão na terra.

Então a quarta pagina embandeira, põe luminarias, queima fogo d'artificio, dá-se ares de adro de igreja em vespera da festa do divino Espirito Santo, ou de S. Benedicto.

Sahem as vinhetas, as tarjas, as phantasias, e a imaginação do compositor vôa alto, entremeando filetes e variando typos na composição do catalogo.

Para a redacção o dia de festa é quando chega o deputado amigo: então das caixas, regularmente empasteladas, e que balouçam ao mais pequeno encontro, sobre uns cavalletes meio cambaios, sahe o invariavel:

« Acha-se outra vez entre nós, e nos braços da « sua illustrissima familia, de volta dos seus trabalhos « parlamentares... etc., etc. ».

O jornal roceiro tem a bossa lyrica muito pronunciada; póde dispensar o artigo de fundo, as noticias locaes, o folhetim chronica ou o romance de torna-viagem e já com tres ou quatro edições em volume; o que elle nunca dispensa e que constitue a sua gloria, senão o que justifica a sua existencia, é o *recitativo* e as poesias eroticas; o que não quer dizer

que as não haja tambem vermelhas e que não sejam concedidas duas ou mais columnas por numero ao *satanismo*.

Credo! São para metter medo!

É por elles que, geralmente, começam quasi todos os politicos, que passados tempos tem a dita de se verem por extenso nas columnas do *Diario Official*, e os poetas editados depois ou pelo Garnier ou por conta propria.

Os titulos dos jornaes roceiros são altamente curiosos, e variam entre: — *Correio, Pharol, Aurora, Voz, Echo,* ou usam do adjectivo gentilico da localidade em que se publicam; por isso temos como specimen do genero o *Pindamonhangabense* e o *Guaratinguetense,* e o *Pharol de Vassouras* e a *Voz d'Araras* e o *Echo de Cantagallo* e a *Aurora Barramansense* e o *Correio de Chapéo d'uvas,* quando não decidem a questão mais synthetica e rapidamente intitulando-se o *Liberal* ou o *Conservador*.

O *Repulicano* é que ainda nenhum se atreveu a chamar-se, nem mesmo a *Republica de Marianna*. Serviu-lhes de norma e de exemplo o que aconteceu á *Republica* da côrte.

Se porém fizermos excepção do *Jornal do Commercio* e da *Gazeta de Noticias,* os jornaes da roça parecem-se com os da côrte em livrarem do ultimo vintem os respectivos empresarios!

E comtudo eu tenho saudades do tempo em que era redactor na roça!

O jornal sahia duas vezes por semana: era exactamente as vezes em que então ia ao barbeiro. Eram taes os elogios que elle me fazia ao artigo do dia que nunca tive animo de achar a navalha aspera; e deixava ceifar a barba humedecendo os pêllos com as lagrimas dos olhos.

Se o Gil Blas de Santilhana fosse como o meu barbeiro nunca teria sido despedido por s. exc.ª o bispo.

Calino ás vezes dá-lhe na cabeça e faz-se editor. Encontrei-o um dia dizendo-me:

— Um dos meus lucros é vender os jornaes que recebo em troca, a peso, por isso troco com todos!

— Se é esse o lucro — objectei — talvez fosse melhor não trocar: poupava a estampilha!

— !!!

O SNR. JOSÉ PALMELLA

Ou elle nasceu para a roça, ou a roça existe por elle e para elle!

Ha oito ou dez annos que s. exc.ª faz parte integrante da paizagem do interior.

É a nota litteraria perdida no meio das bananeiras, á sombra do ipé, fitando as flôres vermelhas do sanandú. É a embira maçonica em volta do jacarandá reaccionario; a realisação moderna do ideal do heroe de Cervantes.

Sahiu de Portugal com um livro, uma conferencia, uma carta de Victor Hugo e uma idéa!

Foi mais rico do que eu que não levei nada.

E eil-o com esta bagagem correndo a roça. Investiga S. Paulo, atravessa Goyaz, entranha-se por

Minas, demora-se no Paraná, percorre o Amazonas, perde-se em Matto-Grosso, palmilha o Rio Grande, visita Santa Catharina, cultiva o Maranhão, anda pelas Alagôas, *sécca* o Ceará, sonda o Pará, saborêa a Bahia, faz-se ouvir no Espirito Santo, é festejado na Parahyba, tem arrobos no Rio Grande do Norte e descahe sempre no Rio de Janeiro, vindo temporaria e periodicamente ao municipio neutro vivificar-se nas aguas lustraes do Oriente do Valle dos Benedictinos!

Durante esta peregrinação vende o livro, recita a conferencia, mostra a carta e procura realisar a idéa!

Cataguazés abre-lhe o seio onde elle deposita a conferencia, e o *Leopoldinense* esmerilha a melhor da sua prosa nas duas seguintes noticias, que dias depois são transcriptas em todos os jornaes da côrte... nos—*a pedido:*

«Achando-se de passagem entre nós o snr. José Palmella, litterato portuguez, e desejando o povo de Cataguazés ouvir a palavra do sympathico orador, que já tão conhecido é em nosso paiz pelas numerosas conferencias que tem feito em differentes provincias do imperio, por isso temos o prazer de annunciar que o referido snr. Palmella annuiu ao convite que alguns distinctos cavalheiros lhe fizeram, a fim de dar no salão da camara municipal, domingo 9 do corrente, pelas seis horas da tarde, uma conferencia, que tratará da—*Influencia da instrucção sobre a mulher no seculo XIX.*

«É mais um progresso que muito honra o povo

de Cataguazés, e que plenamente demonstra o seu ardente amor pela instrucção.

«É mais um dia festivo para o nosso povo, *ao qual* concorrerão as principaes familias, abrilhantando assim este modesto banquete civilisador, que fará despertar o estimulo e o apparecimento de muitos talentos promettedores que, ainda em flôr, darão mais tarde dourados fructos á nossa querida patria».

Dá vontade até de uma pessoa séria gritar cheio d'enthusiasmo: «Toca o hymno!»

O segundo artigo recommenda-se como documento futuro para se recompôr a historia communal de Cataguazés:

«Domingo, 16 do corrente, effectuou-se no salão da camara municipal d'esta villa a segunda conferencia dada pelo snr. José Palmella sobre: *O espirito da associação e seus beneficios no nosso seculo.*

«Occupando a tribuna por espaço de quasi duas horas (do que se livraram os que lá não foram!) foi no fim muito e muito applaudido e felicitado pelo numeroso e escolhido auditorio de ambos os sexos.

«Seguiu-se depois o baile de honra, offerecido ao snr. Palmella pelos principaes cavalheiros e familias d'esta villa, e que se prolongou até ás duas horas e meia da madrugada, com muito brilho e enthusiasmo.

«N'outro numero seremos mais minuciosos sobre a conferencia, o baile, festim, e outros cavalheiros que usaram da palavra n'aquelle bello convivio, onde o

*

espirito e o corpo se associaram tão nobremente».

Infelizmente não possuo o tal promettido numero; o programma é de fazer crescer agua na bocca ao menos guloso.

É pena! Mas emfim, se o encontrar, prégo com elle na segunda edição d'este livro... porque eu conto que a primeira se esgotará muito depressa...

O livro do snr. José Palmella intitula-se:

«*Da aristocracia da belleza feminina na antiguidade*».

É a apologia da mulher, feita por um apostolo de melenas compridas, olhar pudico, e maior — muito maior — de quarenta annos.

Signaes particulares:

Questiona com o *Apostolo* e não gosta do snr. bispo D. Lacerda.

Parece que Sardou tinha noticias d'este defensor do bello sexo quando escreveu o *Daniel Rochat*. Não vai á *igreja*. Apenas frequenta o *templo;* mas estou persuadido que se uma moça bonita lhe pedisse muito, mas muito, mesmo muito que a *levasse* á igreja, que elle ia até lá... Olé se ia! E realisava a idéa!

QUE LIVROS SE ENCONTRAM NO LEILÃO

D'UM CHARGÉ D'AFFAIRES

HABITUALMENTE quando um secretario de legação fica, na ausencia do respectivo ministro residente, *chargé d'affaires,* se este volta ao cargo, o secretario pede e obtém *congé.*

Lá voltar outra vez a secretario, nem que lhe dêem um dôce. Isso é privilegio exclusivo do snr. Garcia da Rosa.

O caso de que trato deu-se com o *chargé d'affaires* da Belgica.

Fallou-se logo em leilão de livros.

— Que bons livros que deve alli haver! — dizia um.

— Quem sabe se entre as paginas d'um livro d'alta politica não se encontrará, esquecido, algum

rascunho de nota secreta importante! — pensava o filho d'um diplomata, moço bonito, elegante, cavalleiro de primeira força, e que ainda não conseguiu fazer exame d'arithmetica...

— Era homem muito calado e circumspecto, os livros devem resentir-se d'isso — opinava um *touriste* doudo por musica e por mulheres.

E com estas e outras observações e commentarios passavam do meio dia ás tres á porta do hotel de Bragança, os que não jogam nem o bilhar nem o voltarete, e se dispensam de dormir de dia.

O *Mercantil* dá á luz o catalogo.

É lido com avidez, interpretado, porque os revisores deixaram-no sahir que era preciso adivinhal-o!

Que desillusão!

Sobre cento e trinta e seis volumes á venda e esperando o sacramental: — Preços, meus senhores! — pronunciado com voz fanhosa pelo leiloeiro; um terço compõe-se de romances... e que romances! Outro terço de litteratura e critica amena com alguns diccionarios á mistura e uma *guia polyglotta* de francez e portuguez!!! cinco ou seis livros de philosophia de 3$^{fr.}$,50 o volume e quatro fasciculos d'um jornal de direito internacional!!

Dize-me com quem andas e dir-te-hei as manhas que tens.

O leitor que applique, e que veja em que mãos está a tranquillidade das nações.

Os livros subiram a preços exorbitantes.

Quatro volumes da *Bibliothèque utile,* cujo preço é de 25 centimos por volume, foram arrematados por 1$100 reis!

Ou os senhores diplomatas ignoram o preço do franco ou são muito *francos* em relação a elles.

Decididamente a diplomacia européa, principalmente a ingleza e argentina, esperava encontrar alguma nota nos taes livros porque foram os collegas *chargès* e ministros d'estas nações que arrematataram a maioria por preços incriveis.

Felizes nações!

Tenho vontade de lhes mandar um abraço... e um catalogo do leilão... com os preços á margem.

Agora o que todos com certeza encontraram no dia seguinte, depois da duche, foi a *nota* do leiloeiro com a respectiva percentagem de 5 por cento.

O QUE É PARA ALGUNS LIVREIROS

A LITTERATURA REALISTA

A LIVRARIA Maia & Ramos, da rua de S. José, no Rio de Janeiro, fez publicar nos jornaes o seguinte annuncio:

OS NOIVOS

Leitura realista (genero do «Primo Basilio»)

Seguia-se o resto do catalogo onde figuravam entre os livros mais honestos as *Treze noites de Jane!*

O snr. doutor Teixeira de Queiroz, um dos mais honestos e conscienciosos escriptores da moderna geração, que agradeça a camaradagem aos snrs. Maia & Ramos... se estes ainda existem physica e commercialmente...

A proposito:

Quando o Rio de Janeiro estava na effervescencia... do *Primo Basilio,* os livreiros, apenas vendiam um exemplar da magnifica edição de Ernesto Chardron, offereciam logo a faca de marfim para se abrirem as folhas, na pag. 320.

A litteratura d'esta pagina já tinha alli sido explorada, e com successo, por um conselheiro de chinó, nos *Serões do convento.*

SIMPLES HISTORIA D'UM COMMENDADOR

O SNR. ***, hoje cidadão brazileiro, já foi portuguez. Um dia partiu das Ilhas e foi fazer *fortuna* para o Brazil.

Dispunha de boa presença e de soffrivel calligraphia, e por isso creio que se fez professor publico ou cousa que o valha.

A fortuna sorriu-lhe no sorriso da filha d'um fazendeiro, com quem tratou casamento.

As relações da futura noiva arranjaram-lhe o lugar de agente do correio para o que necessitou naturalisar-se, sendo pouco depois eleito vereador da camara municipal, assignando, dias antes de tomar posse do lugar, uma declaração no tabellião M... em como tinha *extraviado* um dinheiro que pertencia a terceiro.

Esta pequena contrariedade não impediria a realisação do casamento se a mulher e os filhos de quem se tinha esquecido não lhe cahissem em casa na vespera da solemnisação do acto!

Para o compensar do desgosto e premiar tão benemerito portuguez de meia viagem, el-rei o senhor D. Luiz brindou o mallogrado noivo com a commenda de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa.

Então dizei qual é mais excellente:
Se ser do mundo rei, se de tal gente!

CIUMES DE MÃI

Ha mais de dez annos que esta historia aconteceu. Encontrei-a viva na tradição; mas ornamentada a capricho pela imaginação popular.

Hoje transmitto-a ao leitor despida dos singelos encantos que infelizmente não sei reproduzir.

D. Maria de Seabra era uma senhora de quarenta annos, viuva, e mãi d'um filho de vinte e dous annos.

Seu marido, fazendeiro importante, morrera no fim d'um anno de casamento, deixando-a aos dezoito annos mãi e senhora d'uma fazenda de perto de duzentos negros, colhendo para cima de vinte mil arrobas de café.

Não faltaram á viuva os pretendentes. Rejeitou

a todos, concentrando as forças affectivas de sua alma no filho que viu crescer a seu lado e que educou com todos os cuidados de mãi e mimos de mulher.

Tinha-se casado porque os paes lhe apresentaram um noivo.

O marido fôra um bom rapaz, mas sem educação nem instrucção.

Acostumado aos trabalhos da roça levantava-se cedo, montava a cavallo, vinha almoçar a hora incerta, tornava a sahir e só dava ao matrimonio a vitalidade animal dos vinte annos.

Era pouco.

D. Maria que vira fazer em casa pouco mais ou menos a mesma cousa, não comprehendeu o casamento; continuando a ignorar o que fosse essa mutua familiaridade cheia de delicadeza e prevenções que faz com que a união do homem e da mulher seja mais do que uma aproximação sexual.

O marido não soubera fazer vibrar a fibra do amor conjugal, e a sua morte impediu a revelação espontanea d'esse sentimento. Em compensação a mãi amava o filho com ciumes de leôa.

A educação fez-se docemente. Era ella propria que o ensinava porque no seu egoismo de mãi não confiava d'outrem esses cuidados.

Ensinou-lhe a lêr e musica; muita musica que ella sabia a fundo.

Quantas vezes, perdidos no extase provocado pela execução d'uma sonata de Beethoven ou d'uma me-

lodia de Schubert não deixavam passar as horas compridas das noites da roça acalentando-se ao piano; ella temendo sempre que o filho lhe fugisse; elle pensando n'alguma cousa mais que não sabia o que era, que o trazia triste e nervoso, e que, a pezar seu, o desviava da mãi.

Ás vezes, tocando a quatro mãos, os dedos corriam o teclado em phantasias delirantes, *ad libitum*, não se cingindo a musica nenhuma escripta, deixando cada qual que a phantasia lhe impellisse os dedos; os d'elle ageis, vivos, energicos percorrendo as escalas com rapidez vertiginosa deixando perceber por entre os arabescos d'uma execução caprichosa e d'inspiração espontanea um motivo simples, gracioso e curto, a que se unia com rara felicidade o acompanhamento triste, grave e melancolico da mãi, procurando trazel-o ao desenvolvimento do thema e afastal-o das variações chopinianas.

Era a phosphorencia d'uma outra mulher que começava a accentuar-se entre os dous.

Um dia ella percebeu que elle fazia frequentes passeios á fazenda de D. Emilia Cunha, uma outra viuva cuja filha unica acabava de chegar do collegio de madame Lorenz na côrte; e que o amor que ella nunca conhecera desabrochára vivo no coração de Pedro, que, todo entregue á affeição que Amelia lhe despertára, fugia dos carinhos da mãi como se um remorso o perseguisse.

D. Maria quiz afastal-o d'Amelia, dando-se por

desentendida, e só conseguiu fazer do filho um hypocrita e úm mentiroso.

Dia a dia mais melindrosa se lhe tornava a situação; já parentes e medianeiros instavam para que se fizesse o casamento, e ainda ella não acreditava que pudesse existir uma mulher que lhe roubasse o filho.

Uma noite mandou-o chamar.

A sala de jantar estava ás escuras; D. Maria, embalouçando-se na rêde, queria interrogal-o e confessal-o, queria que elle se abrisse com ella, só com ella e para isso dava-lhe a afouteza das trevas, convertia a casa em confessionario, desviava o testemunho da luz.

— É verdade que te queres casar? — pergunta-lhe impetuosamente, e como quem se vê forçada a dizer uma cousa que lhe punge.

— A mamã bem sabe — responde elle com voz sumida — é esse o meu maior desejo; e acrescentou animando-se: — e o d'*ella* tambem!

— Como sabes tu que é tambem o d'ella?

— Porque m'o disse.

— Teem então conversado muito! — murmura a pobre mãi, por entre os dentes, com um tom de ironia amarga e fazendo tinir um mólho de chaves que traz á cinta. — O que tu queres é deixar-me...

— Isso não, mas bem sabe que na minha idade...

— Oh! na tua idade tambem eu podia ter-te substituido no meu coração. Era moça, forte, amiga

de rir e de folgar, sacrifiquei-me porém a viver isolada e só para ti, para te acostumar desde o berço a amar-me, e tu chegas a essa idade e deixas-me, sem talvez me dares um beijo... já não digo de gratidão e d'amor, mas como recibo da partilha... Vai-te, és um ingrato! — exclama ella n'um choro desordenado, correndo a fechar-se no seu quarto.

No dia seguinte, mal se encontraram, foi ella a primeira a dirigir-se a elle:

— Então é irrevogavel?

— Já não posso recuar.

— E quando te casas?

— Quando a mamã me der licença.

— Seja, e quanto mais depressa melhor. E para onde vão morar? — pergunta ella entre a esperança e o receio.

— Ficamos morando em casa d'ella; bem sabe que a mãi está velha e que não ha quem tome conta da lavoura...

— E precisam d'um feitor; escolheram bem: és trabalhador e poupas o ordenado.

Desde este momento implantou-se-lhe o odio no coração. Odiava Amelia com tanta intensidade como amava o filho.

O casamento realisou-se dous mezes depois d'esta scena. D. Maria compareceu, fez mesmo com que a festa fosse na sua casa da cidade.

A grande sala de jantar foi esplendidadamente ornada de cortinas, arandellas e lampeões, e, entre verduras, armou-se um altar no topo.

Ás oito horas da noite começaram a chegar os convidados. As damas dirigiram-se para a sala de jantar assim transformada em capella e tomavam lugar nas cadeiras encostadas á parede e alli se conservavam silenciosas, de flôr na cabeça e lenço na mão, como a antiga D. Ignez de Castro do tempo da *Dulubina* (Nota 11.ª) á espera da *deixa* do principe D. Pedro.

Os homens reuniram-se na sala, fumando e conversando de politica, de lavoura e assumptos correlativos; em quanto alguns rapazes, mais atrevidos, se agglomeravam ás portas da sala do jantar sem se atreverem a entrar, rindo-se e chalaceando uns com os outros.

Ás nove horas chegou o vigario; a sala de jantar foi invadida e a ceremonia do casamento realisou-se no meio dos sorrisos e das cochichadellas da reunião attenta e curiosa a vêr qual dos noivos chorava.

Os dous estavam radiantes: apenas pelas faces pallidas e severas de D. Maria corriam duas grossas lagrimas.

Sentia que lhe fugia o coração; e dando ao filho o

ultimo beijo de mãi, deu á nora o primeiro osculo de Judas...

Os convivas dirigiram-se para a sala a tomar chá e biscoutos servidos pelas mocamas e por dous ou tres convidados mais intimos e folgazões, em quanto na casa do jantar se desarmava o altar, transformando-se a capella em salão de baile.

No dia seguinte os noivos retiraram-se para a fazenda de D. Emilia da Cunha.

D. Maria viu-os montar a cavallo e partir. Ficou no limiar da porta até perdel-os de vista, mas o filho enlevado na contemplação da noiva só se lembrou de olhar para traz quando voltou a esquina, e o beijo que enviava á mãi nas pontas dos dedos foi d'encontro ao muro esboroado do quintal.

— Que ingratos são os filhos! — murmurava a mãi deixando-se cahir n'uma cadeira de balanço.

Entre estas duas mulheres estabeleceu-se instinctivamente um odio profundo, embora dissimulado.

Amelia, educada n'um dos maus collegios da côrte, onde a *camarata* começa por viciar os sentimentos, filha unica d'uma viuva rica que lhe fazia todas as vontades, não era a mulher que convinha a Pedro, creado no meio dos carinhos da mãi, bafejado pelo pudor d'uma mulher energica e previdente.

*

Afastar-se, livrar-se uma da outra era a idéa fixa d'aquellas duas mulheres: a mãi, para ter o filho sempre junto de si, livre d'uma superficie isoladora onde recochetava o seu amor; a esposa, para ter quem, sem receio d'ouvir uma reprehensão, cedesse a todos os seus caprichos.

E não eram poucos os taes caprichos: — assignatura para a companhia lyrica na côrte onde o pobre marido fazia bem triste figura quando a mulher se achava n'uma roda de amigas do collegio; inaugurações, festas, passeios, *pic-nics,* emfim tudo quanto se fizesse fóra da fazenda e que servisse de pretexto proximo ou remoto para abandonal-a.

Pedro seguia-a por toda a parte, resignado mas infeliz. Tinha aprendido com a mãi a amar, mas ignorava as mais elementares noções da educação das salas. Conversava pouco, criticava a medo, só gostava de musica classica — boa; — não supportava por mais de dez minutos um par de luvas, e fumava entre a sopa e o ensopado.

Amelia, coquette, amiga da côrte e das modas, lia Zola e ouvia sermões — o que vale o mesmo; tocava, sem saber — polkas e quadrilhas d'ouvido, e era devota, por moda, dos padres francezes e das irmãs de caridade.

Por isso, se estavam na côrte, em quanto elle ao piano só, de cigarro pendido e mal seguro no canto da bocca e olho fechado por causa da fumaça, se recordava d'um motivo de Schuman ou d'um preludio

de Sebastião Bach, ella discreteava sobre a arte moderna e discutia com duas ou tres amigas os convenientes e inconvenientes da reproducção das modas do *Directorio*.

Na roça, mal chegava, não pensava senão em voltar á côrte. Lia os jornaes de modas, tinha voto nas questões politicas e deitava-se tarde.

Elle levantava-se cedo, corria os eitos, escolhia o porco que se devia matar, ia á enfermaria vêr os negros doentes, dava uma volta pelo engenho, examinava o café que tinha de seguir para o commissario e comia quasi sempre na companhia da sogra, porque Amelia levantava-se tarde e gostava d'almoçar na cama.

Pobre moço! Bom, leal, impressionavel, alma de mulher em corpo de Hercules, tinham-lhe formado o coração em plena natureza. Desconhecia os pequenos desvios e atalhos por onde se póde seguir no caminho da vida: era infeliz.

A mãi visitava-o poucas vezes, por altivez; elle, envergonhado, não a procurava.

Foi assim que querendo as duas mulheres afastar-se uma da outra, vieram a encontrar-se.

Tinha chegado a semana santa.

As duas familias vieram á cidade assistir aos of-

ficios divinos. Tinham, como todo o roceiro rico, casas proprias. As d'estas familias eram proximas uma da outra.

A casa de D. Emilia era frequentada, alegre, sempre em festa; a de D. Maria triste, só e como que trajando o luto christão n'aquelles dias.

D. Emilia era uma devota fervorosa; passava o dia na igreja e dava chá á noite em casa; e o mesmo musico que tinha acompanhado a *lamentação* na igreja vinha tocar polkas em sua casa.

D. Maria era filha de familia suissa. Era protestante de coração; não ia á igreja, e em quanto em casa da devota se dançava, ella lia e acreditava na Paixão de Christo.

D. Maria convidára o filho e a nora para jantarem com ella no domingo de Paschoa.

Amelia prometteu ir, mas chegada a occasião pretextou uma dôr de cabeça e quiz que o marido ficasse junto de si.

Acostumado a obedecer, o triste, quasi que não sabia dizer *que não;* nem tão pouco resistir, embora conhecesse que não podia faltar a sua mãi.

Pediu á mulher que o acompanhasse.

Esta recusou.

— É preciso que d'uma vez para sempre defina a sua posição — replicou-lhe ella, de pé e fitando-o com desdem; — é meu marido ou o escravo da mamãi!

— Amelia!

— Estou farta da concorrencia d'essa mulher!

— Essa mulher é minha mãi; quero que a respeite, ouviu?

— Quero?! Desde quando lhe consenti conjugar esse verbo na minha presença?

— Desde o dia em que se casou commigo que me concedeu esse direito á face dos altares.

Esta phrase «á face dos altares» que elle pronunciou com uma seriedade digna d'um burguez de Labiche provocou uma gargalhada estridente — e tola — da parte de Amelia.

Pedro não a soffreu, teve impetos de a esmagar e com a vista turvada e andar incerto, receando fazer uma asneira terrivel, voltou-lhe as costas, poz o chapéo na cabeça e sahiu, sem nem sequer responder á sogra que do canto da casa do jantar, embalando-se na rêde e procurando reanimar as cinzas do *pito* (Nota 12.ª) rosnava um aborrecido: — «Deixem-se de tolices!»

D. Maria mal o viu chegar sósinho, com os olhos vermelhos e o semblante carregado adivinhou tudo.

— Tua mulher não quiz vir — diz ella correspondendo ao beijo que elle lhe dera na mão, beijando-o nas duas faces; — é o mesmo, jantaremos os dous como *n'outro tempo!*

Esta phrase — *outro tempo!* — cahiu na alma do filho como um allivio: via-se querido, estimado, livre nas acções e pensamentos, vivendo em plena natureza bafejado pelo amor de sua mãi! Comparou o que esta fizera por elle com as torturas que Amelia lhe infligia e de tal confronto resultou pronunciar entre dentes estas palavras: — Gostará ella d'outro?

O grande coração de D. Maria sentiu-se ferido: — gostar essa mulher d'outro que não fosse seu filho! — Mas se assim fosse, provocaria uma separação. Vingava-se da nora e readquiria o filho. E, no seu egoismo, sem pensar no que fazia, deixou que a malvadez lhe maculasse a alma, dizendo ao filho, em vez de o desillúdir:

— É muito possivel!

Elle ergueu-se hirto e cadaverico, fitou os olhos nos da mãi e articulou em tom cavernoso:

— Oh! se assim fosse!

— Se assim fosse o que fazias? — perguntou a mãi com a ancia de quem espera uma sentença de morte.

— Deixava-a — respondeu elle deixando-se cahir na cadeira e fazendo saltar em hastilhas a folha d'uma faca que com força vergára d'encontro á mesa.

O precipicio attrahia a pobre mãi, que, vendo brilhar longe o clarão do mal, o tomou pela alvorada de paz, e deixando-se resvalar continuou:

— Então se ella te enganasse tu deixaval-a?

— Immediatamente.

— Mas já viste alguma cousa por onde pudesses desconfiar?

— Não sei — diz elle pondo de parte o talher e sahindo arrebatadamente.

Era noite.

A rapidez com que sua mãi aceitára a idéa d'uma traição da parte d'Amelia fazia-lhe mal, pesava-lhe sobre o coração como se uma mão de ferro o esmagasse.

O infeliz, desconhecendo os defeitos de educação, levava á conta de erros de coração, de depravação moral o que não passava de faltas d'um caracter mal formado.

Subiu os primeiros degraus da escada de casa; ouviu varias vozes. Conhecendo que tinha visitas desceu. O estado d'agitação em que se achava não permittia que se apresentasse em face d'estranhos.

Sahiu e foi dar um grande passeio.

Quando voltou a sala estava illuminada e a dança animada.

Era noite de festa!

Sentiu que começava a ser uma cousa desnecessaria em casa.

Ia de novo retirar-se quando sentiu que mão vi-

gorosa lhe agarrava o braço, e aos ouvidos retiniram-lhe estas palavras:

— Vamos, cobarde... dá-me o braço e vinguemo-nos!

Era D. Maria.

Deixou-se levar.

Quando entraram na sala só um par andava dançando. Os dous walsantes quasi que faziam um só corpo, unidos um ao outro, com as faces incendidas, os musculos tremulos. Ella descahida no hombro d'Elle já dançava por capricho, e quando todos os outros pares já se tinham sentado extenuados ainda elles continuavam no redemoinhar rapido, vertiginoso e louco da walsa a dous tempos, tendo ambos a consciencia de que cahiriam mal que parassem.

Mas o capricho aguilhoava-os, e quanto mais sentiam as mutuas palpitações do coração, mais corriam em redor da sala passando como visões, até que cambaleando segurando-se um ao outro só pararam quando a senhora que acompanhava ao piano, de cançada, deixou de tocar.

Os walsantes eram Amelia e o promotor publico, rapaz sahido dos bancos de S. Paulo, não com grande cópia do que se aprende nos casarões do velho convento de S. Francisco, mas com toda a bagagem das bugigangas do *gai savoire,* e mais entendido em walsas e polkas do que no codigo do processo; sa-

hindo-se com mais applausos d'um *recitativo* ao piano do que d'uma accusação no jury.

D. Maria tomou lugar entre as senhoras; seu filho simulou uma presença d'espirito que ella estava longe de suppôr.

Amelia dançou toda a noite com o promotor publico.

No dia seguinte Amelia declarou terminantemente a seu marido que não voltava mais para a fazenda e que ficava morando na cidade; e Pedro retomou sósinho o caminho da roça. Restava-lhe um lenitivo: — podia vêr sua mãi todos os dias.

D'uma vez D. Maria diz-lhe abertamente:

— O que vai o doutor promotor fazer todos os dias a tua casa?

— Eu sei lá!

— Soez!

— O que?

— Pois não vês que é o amante de tua mulher!

— A prova? — murmurou Pedro.

— Queres uma prova? Agarra a primeira, a mais simples, a mais vulgar, a de todos os dias e a que nunca falha: simula uma viagem, e em vez de partires esconde-te e observa.

Filho e mãi combinaram a experiencia para a o dia seguinte.

Amelia não desconfiando de nada fez-lhe encommendas.

Pedro chegou á fazenda de sua sogra, largou o trol, tomou a espingarda e quando anoiteceu tomou a pé o caminho da cidade.

A casa de sua mulher ficava no largo da praça, junto da casa de D. Maria.

Os dous quintaes eram communs e estendiam-se suavemente pela meia encosta, de maneira a poderem ser observados a cavalleiro.

Chegou pouco depois das nove e meia; sua mãi tinha-lhe dito que a entrevista no jardim costumava ser ás dez horas. Esperou.

A casa estava silenciosa, a deslocação das luzes deu-lhe a saber quando Amelia entrou para o seu quarto. Viu-a abrir a janella, sentar-se n'uma cadeira de braços e ahi deixar-se ficar embalando-se indolentemente.

Elle ficára fixo, immovel, encostando-se ao cano da espingarda.

Embora não fizesse luar, a noite estava clara; as estrellas brilhavam com intenso fulgor, elevava-se magestosamente o cruzeiro, e a briza fresca em vão tentava abrandar o fogo do rosto incendido do marido da preguiçosa que tão descuidadamente se balouçava.

— Espera pelo amante — murmura elle verificando se a espingarda — um Lefaucheux de lei — tem as capsulas no seu lugar; — e, comtudo, continúa

pensando — eu nunca vi nada!... Será illusão de minha mãi?... Será um phantasma suggerido pelo excesso do seu amor por mim?...

E como se a resposta se não quizesse deixar esperar, o latido do cão deu-lhe a conhecer que havia gente no jardim. Amelia chega á janella e no meio dos arbustos surge um vulto, embrulhado n'uma capa e encobrindo o rosto com um grande chapéo derrubado.

Amelia tenta vêr o que provocava o ladrar do cão, quando o som d'um tiro, seguido instantaneamente d'um gemido, a fazem chamar por soccorro.

Em quanto os negros e negras da casa, ainda a pé, conseguem que lhes abram a porta e correm ao jardim, sente-se bater á porta da rua; Pedro entra ainda d'espingarda na mão, como se quizesse gozar o supplicio de sua mulher vendo o amante na agonia. Ao mesmo tempo chegam dous negros do jardim carregando um corpo moribundo em seus braços.

Pedro recúa aterrorisado; quer gritar, mas a voz fica-lhe presa na garganta, e arquejando com violencia estende as mãos e cahe redondamente no chão como fulminado!

Do peito do cadaver jorrava a ultima golfada de sangue indo com ella todo o amor e todo o odio que se lhe abrigavam na alma.

O cadaver que jaz estendido sobre a mesa da casa de jantar é o de D. Maria, que, vestindo-se de

homem, quiz vingar-se da nora e reconquistar o filho para sempre.

A triste comedia acabava em tragedia.

O promotor publico preparava a toda a pressa o processo do parricida, mas o desgraçado filho falleceu dias depois no delirio d'uma febre cerebral.

Eil-os para sempre unidos!

Amelia, herdeira de duas fortunas, casou com o seu par do domingo de Paschoa; o sangue que viu correr a jorros não a impediu de sonhar um futuro de walsas e contradanças.

PELA SERRA

Já porque na serra que se eleva do Parahyba e dá ingresso para os plainos da Bocaina e de Minas não ha hoteis, não é isso um motivo para que se não viaje por alli; é talvez mesmo uma razão para que se faça uma visita por aquellas vertentes ferteis, viçosas, alegres e frescas.

O primeiro fazendeiro cuja porteira se transponha, quer com a lua alta ou o sol baixo, põe á disposição do hospede o que tem de melhor.

Não é por alli que tem applicação o ditado: — *Pela sua porta com o sol nado e a barriga cheia.*

E não se cuide, como muita gente pensa, que se passa exclusivamente a feijão, arroz, farinha, carne de porco ou secca e gallinha nos dias de festa;

embora só com isto já se passe muito bem, temos melhor; upa!

Não é raro vêr apparecer na mesa um *Madeira* secco delicioso para depois da sopa; um *Sauterne* legitimo com que se acompanha o peixe — do rio é verdade, mas tão bem cozinhado que parece do mar. O Pomard é vulgarissimo bem como o Bordeaux, e um Porto de 1815 como se não bebe muitas vezes na cidade da Virgem.

Tinham-me dito que como em Minas não ha sal — o da opportunidade sei eu que abunda na Bahia — e o transporte d'uma broaca d'aquelle genero ficando lá por um dinheirão, era luxo servir-se a comida tão adubada de sal, como de pimenta leva um legitimo vatapá á bahiana.

Qual! Pura peta, simples *blague* dos comedores d'empadinhas no Castellões.

Os cozinheiros são de *primo cartel.*

Um conheço eu que faz perú truffado que nem no *Café Riche* em Paris.

Estou já vendo o leitor com agua na bocca e com vontade de ir para Minas lamber-se com um bambinho fresco de carne branca, de porco morto na vespera; carne macia e aromatica: regalar-se com um *roast-beef* de fazer inveja ao mais glotão inglez; com a hortaliça mimosa, e fructos delicados. Pois vá, e não se admire se no meio do jantar ou ao entrar para o quarto, alto, branco e confortavel, ouvir em puro latim uma sentença d'Horacio.

A felicidade do Brazil seria fazer reunir o seu parlamento na serra de Minas. Alli os deputados e senadores abundantemente nutridos, enrijados pelo banho frio, dormindo bem quentinhos, livres do contacto do mundo não pensariam em cousas tristes, sendo até capazes de applicar o subsidio á extincção do imposto do vintem!

Se os animaes em que viajamos estão fatigados, podemos alli deixal-os a descançar, tomar outros da casa e seguir.

Depois de ter esboçado este quadro, embora com a *perfeição* dos desenhos ingenuos das crianças, como alguem se póde tentar a adoptar como modo de vida o viajar por aquelles lados, sempre lhe quero dar um conselho: leve troco... porque depois d'uma recepção principesca — que faz lembrar a dos antigos castellões ou a dos abbades senhoris — quando montado no cavallo o viajante se estiver despedindo alegre e reconhecido, promettendo fazer a volta por alli, não repare, porque é de uso secular, se o peão que lhe segura o estribo disser:

— Os animaes fizeram de despeza de milho pataca e meia...

BONDS

Houve tempo em que ninguem os queria.

Toda a gente se ria da originalidade de fazer correr por meio das ruas um carro sobre dous carris de ferro.

O privilegio dos primeiros da côrte andou de mão em mão, e ninguem pegava nas acções nem de graça. Appareceram uns *americanos* que fizeram a obra e hoje todos os que não quizeram tomar parte na empresa torcem as orelhas e não deitam sangue.

As acções da Companhia de Botafogo dão de rendimento, por anno, dez vezes o preço do seu custo!

Mas tambem a reacção foi violenta; bastou vêr uma companhia ganhar para pullularem as empresas

de *bonds* como cogumellos no matto n'um dia de sol depois de quatro de chuva.

Não houve aldêa que não fizesse constituir o seu progresso n'uma linha de *bonds*.

Uma cidade conheci eu que tinha uma linha de *bonds* servida por um *bond*... e dous burros, um que trabalhava de manhã e o outro de tarde.

Mas o cumulo do genero é o seguinte:

Quando a estrada de ferro S. Paulo e Rio de Janeiro estava para chegar a Lorena, levantou-se grande grita na cidade contra o traçado d'aquella estrada porque passava naturalmente junto da povoação.

Houve petições, requerimentos ao governo e á Companhia, ao empreiteiro e á provincia para que o caminho de ferro passasse meia legua afastado da cidade.

E querem saber a razão principal que se dava para errar assim o traçado? — « Afim de poder acompanhar no progresso as suas irmãs da provincia e ter tambem a *sua* linha de *bonds*. Do que... etc.

E R. M.^{cê} ».

FREI CAETANO DE MESSINA

(Uma missão na roça)

Um dos factos, senão o facto mais importante do meado de 1876 no léste da provincia de S. Paulo, foi a missão de frei Caetano de Messina, notavel pela opposição que levantou nos espiritos illustrados, e pela serie de desgraças que produziu.

Na occasião em que se deviam amanhar e semear as terras foi quando surgiu o frade arrastando as povoações, retendo-as junto de si por vinte ou trinta dias, impedindo-as de trabalhar, fazendo-as gastar as economias com que haviam de viver na má estação, obrigando-as a trabalhos de exclusiva competencia municipal, semeando entre as familias diver-

gencias profundas, e resuscitando entre portuguezes e brazileiros velhos odios, nunca esquecidos.

Na sua qualidade de italiano empregava todos os meios de que dispunha a sua grande authoridade entre os simples do povo e os especuladores da politica para inimizar a colonia portugueza, attribuindo-lhe vicios e defeitos que são o exclusivo da colonia italiana.

Frei Caetano de Messina era dos mais notaveis religiosos do Brazil. Era o geral dos missionarios; dispunha do valimento da côrte, onde o diziam aparentado, e impunha-se ao povo d'uma maneira extraordinaria.

Possuia todas as traças do verdadeiro missionario, e jámais será esquecido depois de visto ou ouvido uma vez.

«É cousa digna de vêr-se — escrevia em 12 de junho de 1876 de Caçapava á *Provincia de S. Paulo*, o dr. Martiniano Brandão — a habilidade com que aquelle frade sabe penetrar no seio das massas de um povo ignorante e alli apanhar os seus fracos para dominal-o! Não ha escaninhos do coração humano que elle não conheça! Não ha brechas por onde se possa assaltar a independencia do homem por onde elle não penetre como em faceis avenidas.

« Velho, ostenta os seus cabellos brancos e o vigor dos seus setenta e tantos annos como uma prova de que a oração e o jejum e *sobre tudo a confissão* servem de elixires de longevidade, e então concita o

povo a esses actos perguntando: Onde estão os velhos d'esta terra? Não ha: todos morrem moços porque se não confessam.

« Illustrado despe as suas orações da phrase castigada dos eruditos e falla a linguagem rasteira e chã, unica que o ignorante comprehende, indo buscar suas figurações e comparações na *panella que ferve ao fogo* e dizendo que « *assim como ha homens que gostam mais do som da flauta ou do som da viola, assim a Divindade mais aprecia umas orações do que outras* ».

Tinha plena confiança em si. Só uma vez o vi trepidar não sabendo aproveitar-se da situação.

Foi em Caçapava.

A igreja estava apinhada de gente, e no meio do religioso silencio todos ouviam a linguagem meio italiana meio bunda do prégador. Este silencio ou era apenas interrompido pela risota que produzia uma ou outra facecia mais crua, ou pelos soluços provocados pelas descripções terriveis. De repente, do lado da porta ouvem-se gritos agudos, e um grande movimento se faz na multidão que ondéa e se comprime para abrir um carreirinho por onde avança até á frente do pulpito, uma rapariga com os cabellos desgrenhados, a bocca espumando e pedindo ao padre que a açoute!

Os gritos da desgraçada eram dilacerantes, a dôr parecia horrivel, e de pé com as mãos erguidas, dedos crispados e olhar fixo gritava: — « Meu santis-

simo padre missionario... eu quero... eu quero que elle me açoute para exemplo das outras». (Textual).

«E a desgraçada — escreve uma das testemunhas do facto — luctava, rasgava os vestidos e bramia compungindo os corações sensiveis dos que presenceavam tão contristadora scena!

«Pensam que o compassivo sacerdote — é ainda a mesma testemunha quem falla — desceu do pulpito para com suas phrases de brandura e consolo ir acalmar aquelle espirito, que elle mesmo transtornou?!

«Engano.

«O santo missionario apontou a desgraçada á multidão, dizendo phrases mysteriosas que a denunciavam como um terrivel exemplo, que a malicia publica tratou de decifrar...»

E comtudo o povo conservou-se calado. Um silencio d'estupor tinha-se apoderado da assembléa. Viam todos n'aquella desgraçada uma pobre louca a quem ainda de manhã illuminava a luz da razão, e que ao negar-lhe o padre a absolvição ficára reduzida áquelle estado!

O missionario porém, vendo que a situação esfriava, reclamou o auxilio da policia, fazendo expulsar a sua victima do templo!

Estava então no poder o partido conservador, a agitação eleitoral começava a manifestar-se em toda a provincia, e a predica de frei Caetano, tendo toma-

do um caracter politico pela obediencia cega que elle prégava ao poder, havia tornado as authoridades subservientes.

A *Provincia de S. Paulo,* a proposito d'uma correspondencia contando os feitos do frade, accentúa da seguinte maneira, em artigo editorial, o caracter politico da missão: «Entretanto esses factos se dão n'esta altiva provincia e prestam-se para definir uma situação que tem á sua frente uma princeza beata e um principe soldado.

«Se o missionario é chamado a influir directamente na politica, bem vamos nós! Antes de chegarmos ao céo, havemos de passar pelos ergastulos do despotismo.

«Não ha duvida: chegaremos até Deus entre o frade e o soldado. Mas é isso mesmo que não queremos.

«Cheguem até lá, com os frades, os que quizerem; mas não nos obriguem a todos a sermos levados á força.

«Seja fanatico quem tiver aptidão para isso; que fique, porém, livre pensador, protestante, catholico, aquelle que não se dispõe a carregar pedras para a edificação ou concertos de templos.

«A liberdade é um sol que aquece a todos e com ella devemos prégar a perfectibilidade dos homens e a verdadeira doutrina christã que nos ensina a grandeza de Deus.

«Mal do paiz se a politica conservadora fizer al-

liança com o fanatismo religioso, porque então a revolução será evidente ».

O procedimento do presidente da provincia e dos parochos de Caçapava e Taubaté foram severamente censurados por toda a gente séria.

A cruzada contra o frade foi encetada em Caçapava pelo engenheiro dr. Brandão, e continuada em Taubaté pelo snr. Alfredo d'Almeida, proprietario e redactor do *Paulista,* e por mim, bizarramente auxiliada pela imprensa da capital da provincia, especialmente pela *Provincia de S. Paulo,* onde fui sempre acolhido como amigo e correligionario.

Mas não havia dique capaz de oppôr-se á corrente e fazel-a retrogradar, quando os parochos eram tão NESCIOS a ponto de serem os primeiros a desauthorisar-se, chamando a si o missionario. Só um, o conego Benedicto da Silva Pinto, vigario de Guaratinguetá, obrigou a missão de frei Caetano a tomar o caminho de Minas.

A missão annuncia-se ao longe, adivinha-se como as longas tempestades de inverno. Os espiritos começam a andar agitados, como se sobre elles actuasse uma especie de terror. É a hora de olharem todos para dentro, consultando a consciencia e arreceando-se de que o frade possa lêr n'ellas as maculas que lá vão.

Ouve-se por todos os lados:

— O missionario vem?...

— Não vem?...

— Vem hoje?...

— Chega ámanhã?...

— Disse que não vinha?...

São tudo duvidas, receios e ancias. O missionario tinha sempre o cuidado de nada dizer de definitivo para trazer a imaginação das povoações em sobresalto.

Os *espiritos fortes* do lugar, porque tambem os ha na roça, riem-se e repetem a miudo que vão impôr silencio ao frade: o parocho (Nota 12.ª) declara que não lhe cederá a igreja, e fórma-se uma tal ou qual oppsição que cahe sem nem sequer ter tentado o combate mal o trol que conduz o missionario aponta á entrada da cidade escoltado pelos homens notaveis da cidade visinha.

Os espiritos fortes evaporam-se, o parocho corre a receber a benção apostolica, e o povo começa a agglomerar-se no largo do Convento onde o sacerdote se hospedou.

É porém noite, e o velho missionario cançado da viagem resolve ir deitar-se e não receber nem abençoar ninguem.

É cauteloso.

Não arriscava bençãos em vão, como quem diz, que não era bom gastar cera com ruins defuntos.

Frei Caetano de Messina já morreu.

Foi uma perda irreparavel para a Igreja Romana do Brazil.

Elle por si só valia mais que todos os bispos juntos.

Era o Marianno Cyrillo d'aquella *corja*.

Este artigo tem por fim tentar reconstruir esse typo que, por quasi meio seculo, talvez, occupou o primeiro plano do drama religioso no Brazil.

Era alto o frade, esbelto, calvo, olhos d'um brilho dominador, cahindo-lhe sobre o burel de S. Francisco, elegantemente cingido na cintura, a longa e formosa barba branca.

Quando ultimamente visitei a *Seo* de Saragoça, pesado e sombrio quadrilongo d'onde o christianismo expulsou os sectarios do Propheta, quando no meio d'um silencio sinistro apenas quebrado pela chuva batendo com força d'encontro aos vidros das longas jánellas, eu pisava o local onde cahira assassinado o conego inquisidor D. Pedro Arbués, pareciame que do emmaranhado das figuras esfumadas do grandioso retabulo gothico d'alabastro, via sahir a imagem de frei Caetano, vibrando a longa e fina varinha que nunca o abandonava, evocando as chammas infernaes, e o fogo celeste para arrasar os que não acreditassem na sua doutrina.

Alli estaria bem o frade.

Não se admitte na Igreja *coquette* de França, nem nos templos elevados e magestosos da Allemanha; mas sim nas sombrias cathedraes da Hespanha onde

o povo se roja no chão, a Virgem não tem sorrisos, e Deus só respira vinganças.

Prégador, inquisidor e carrasco acham-se á vontade nas igrejas enfumaçadas pelas fogueiras dos *autos de fé*. Aquellas figuras comprehendem-se illuminadas pelos clarões do martyrio, afagadas pelos gemidos das victimas.

Mas em plena natureza cheia de vida e de força, no meio d'um povo entrando no caminho da vida adiantada e nova, comprehende-se quando muito a cruz no alto do morro como symbolo de paz, ou a que as estrellas lhe bordam no firmamento como bandeira de união e progresso. Cantos que só fallem de vida, de esperanças e de amor.

A nova de que frei Caetano estava em Taubaté correu com extrema rapidez e foi levada a todos os cantos do municipio com a velocidade dos ruins boatos.

No dia seguinte viam-se as estradas cobertas de povo, e pela tarde, no largo do Convento de Santa Clara, achavam-se para cima de duas mil pessoas.

Frei Caetano prégou essa noite na igreja.

A igreja de Santa Clara pertence ao pequeno convento dos frades de S. Francisco, e está situada no alto d'uma ribanceira.

O convento, outr'ora prêsa d'um incendio, está muito damnificado. Viviam n'aquella época alli dous frades italianos que tinham enviado, diziam elles, para o convento no Rio de Janeiro as joias e alfaias da igreja hoje reduzida a penuria extrema.

De manhã, do alto do convento, frei Caetano observou que a ribanceira, que se estende talvez por uns duzentos metros ou mais, era irregular e cheia de fundas depressões, monticulos, e toda ella coberta de silvas e matagaes. Bastou fazer um aceno, proferir uma palavra para que uma multidão de homens, mulheres e crianças, ricos e pobres, de côr e brancos, livres e captivos, se entregasse ao trabalho durante 60 horas, de dia, sob os raios do sol, de noite á luz dos fogaréos, para converter aquella superficie de 30:000 metros quadrados n'uma soberba esplanada.

Era prodigioso semelhante trabalho! No meio do formigar d'aquella multidão, uns cavando, outros transportando terra, não se ouvia nem um murmurio, nem uma cantiga, suave companheira do trabalho. O sol dardejava, o calor abrasava, e todos trabalhavam com a tenacidade do castor, sem se lembrarem de comer — muitos não teriam mesmo quê, — pensando só que Deus via aquelle serviço e lh'o levaria em desconto dos peccados.

Alguns vereadores da camara, á vista d'um semelhante beneficio municipal, mandaram abonar algumas garrafas de cerveja aos menos confiantes nos juros do futuro galardão eterno.

Encostado á parede se elevava o pulpito, especie de palanque collocado a dous metros acima do sólo, coberto com um docel sob que se erguia um altar.

Um grande crucifixo entre quatro castiçaes e um quadro da Virgem completavam o scenario. No meio do pulpito havia um pequeno escabello.

Do centro da esplanada elevavam-se em turbilhões de fogo e de fumo, as labaredas d'uma fogueira colossal.

A noite estava fria.

Cahia geada.

O céo conservava-se esplendido.

Uma multidão superior a quatro mil pessoas jazia ajoelhada na terra, esperando o missionario. Um *espirito forte* da localidade conservava-se de pé fumando um charuto. O frade apparece meio curvado. Sóbe a custo e lentamente os degraus do pulpito. Espalha os olhos pela multidão, repara no fogo do charuto e exclama: « Esse atrevido que está fumando pensa que vem para aqui mangar commigo... tome conta, que isto não é taberna! » Um murmurio d'indignação contra o fumista se eleva da terra, e n'um instante o charuto desapparece, e a cabeça do *espirito forte,* descoberta, fica de nivel com as que se rojam no pó.

O frade ajoelha e entôa um *bemdito,* que é correspondido por um côro unisono como os não seria capaz d'imaginar Verdi para o seu magestoso *Dies ire.*

Depois ergueu-se. Puxou a si o escabello, sentou-se, e, com voz fraca, narrou que estava doente, cançado de vigilias e jejuns, mas que destinado a morrer no serviço de Deus tanto se lhe dava acabar calado na enxerga da sua cella, como no pulpito espalhando a palavra divina.

— Mas os vossos peccados, minha gente, são o que me fórça a assim perder a saude e a vida em beneficio das vossas almas. Venho hoje porque ámanhã será tarde; venho de noite para que o que expirar na madrugada vá salvo. Os vossos peccados são tremendos. Já não conheço a minha provincia de S. Paulo, já não vejo os seus homens honrados, as suas mulheres honestas e as suas meninas innocentes. Os costumes estão perdidos, desrespeitada a religião, e o tribunal da confissão abandonado ».

Este *crescendo* era executado com superior mestria.

Levantou-se primeiro, cambaleando e apoiando-se nas columnas que sustentavam o docel; depois, á maneira que ia fallando, o corpo endireitava-se-lhe, a varinha vibrava com tremor febril, os olhos scintillavam e os clarões cambiantes da fogueira illuminando-o de chapa, davam-lhe um aspecto imponente, dominador e terrivel.

— Sabeis o que vos espera?... É o inferno.

Seguia-se a descripção do inferno como o comprehendiam e descreviam os terroristas da idade média. O auditorio estava dominado, mudo, aterrorisado.

De repente o frade pára no meio da descripção, desce dous degraus do pulpito com uma impetuosidade de quem tem vinte annos, clamando: « Querem vêr a verdade do que descrevo? » Eis que um grito de milhares de vozes retumba no espaço clamando — *Misericordia!*

Então o missionario, suspendendo-se no caminho, diz com voz pausada e tom de desprezo: « Tenho dó de vossês; não vos mostrarei esse lugar de desespero e de dôres se prometteis ir á confissão ».

Aceito o pacto pela multidão, o padre retira-se, ficando o povo em prèces e lamentos até ao raiar da aurora.

Deixo agora a palavra a outro para narrar o que a este respeito se passou em Caçapava:

« Prégava frei Caetano em uma das noites, explicando em que consistia a condemnação eterna e a punição das chammas do inferno.

« Depois de pintar com côres carregadas o tormento d'um fogo *que queima espiritos,* e de ir pouco e pouco preparando o auditorio para um lance aterrador, levanta-se aquelle vulto vestido de burel, sob a luz pallida dos cirios, que mal espancam as trévas, com a aureola das cans circumdando-lhe a fronte, e, com o prestigio que os cabellos brancos infundem, exalta-se, troveja imprecações, chega aos ultimos transportes d'um homem possuido do que diz e, simulando descer os primeiros degraus do pulpito (reparem que a scena é sempre a mesma), conclue

com estas memoraveis palavras, ridiculas para um espirito esclarecido, mas pavorosas para um auditorio que o escuta:

« — Quereis vêr essa morada de tormentos e fogo — de angustias e de choros?! vinde commigo, eu vou abrir-vos as portas do inferno!»

« Rompeu um brado do meio da multidão: o grito de *Misericordia!* sahiu de centenares de peitos e uma pobre mulher foi retirada desfallecida do lugar em que se achava.

« Narraram este acontecimento ao prégador, e elle estranhou que só tivesse desmaiado uma mulher, pois em outros lugares, descrevendo as moradas de Satanaz, colheu sempre maior *exito*».

Todas estas citações podem ser verificadas nos jornaes *A Provincia de S. Paulo* e *Paulista,* de junho e julho de 1876. Não posso precisar os numeros.

A missão durou uns vinte a vinte e cinco dias talvez.

Durante este tempo frei Caetano não estava inactivo depois das prédicas. Confessava, procurava esmolas para reedificar templos, celebrava actos parochiaes, casamentos — para exemplo, e benzia cemiterios. Em Caçapava obrigava o povo a carregar materiaes para a construcção d'uma nova matriz, que creio nunca passou das fundações, e erguia cruzeiros em todos os largos da cidade, instituindo rezas particulares em diversas noites.

Em Taubaté, como em quasi todas as cidades da

roça, a *Quitanda* — mercado de mantimentos — fazia-se ao domingo. N'um d'elles frei Caetano apresenta-se no mercado, sobe á mesa d'um vendedor de café e ordena que o mercado se faça na segunda-feira, visto ser o domingo dia santificado. A camara municipal não se atreve a reagir e o mercado passou a realisar-se á segunda-feira.

Por essa occasião escrevia eu:

« Para que foi essa mudança?

« Para o povo não trabalhar? Não, porque no domingo o frade obrigou o povo a trabalhar d'enxada e picareta no largo do Convento de Santa Clara.

« Será para o povo ir á missa? Tambem não, porque a missa dura vinte minutos e só a não ouve quem não quer.

« Para que é então?

« Para que é? É para completar o vasto aniquilamento sonhado pelos frades.

« É para encher as vendas de embriagados.

« No estado actual do Brazil, um dia tirado á lavoura equivale a uma onça de sangue tirada a uma criança anemica; equivale a ferir uma nação no amago da sua economia; é o mesmo que roubar-lhe a seiva do seu desenvolvimento.

« É este o plano.

« O frade não quer que as nações tenham uma vida règulada pelas leis do progresso e do trabalho; quer sim que ellas se componham de homens que a um aceno do frade larguem os trabalhos que dão

o pão e passem a executar... *caprichos,* que apenas servem para a manifestação d'um poder que o povo soffre á falta de luz».

Escrevia mais:

« E agora um bocado d'arithmetica:

« Querem saber quanto custa a Taubaté a missão do frade italiano?

« Conta a *Imprensa* — jornal que então se publicava n'aquella cidade, pago pelo partido conservador — que tem ouvido a missão para cima de oito mil pessoas. Ora suppondo que d'estas 8:000 só 5:000 precisam trabalhar, e como quem ouve a missão não trabalha, e esta póde durar uns vinte dias (durou mais), a 2$000 reis, termo medio dos jornaes por dia (pagavam-se a 2$500, 2$800 e 3$000 reis na construcção da estrada de ferro), temos uma bagatella de DUZENTOS CONTOS que durante um mez estiveram parados sem produzirem».

N'uma das ultimas noites frei Caetano sobe ao pulpito e repara que o crucifixo que ornava o altar não existe alli. — Tinha-o elle mandado tirar.

Chama para o facto a attenção do auditorio, e declara que aquella ausencia era filha da indignação de Christo, que não voltaria em quanto se não fizessem penitencias publicas.

E querem saber qual foi essa penitencia?

Em a noite seguinte, depois da meia noite, sob um luar esplendido e uma temperatura de quatro a cinco graus acima de zero, percorreram as ruas de

Taubaté mais de dous mil homens de hombros núS, corda ao pescoço, rosto tapado com um lenço, e corôa de espinhos verdes na cabeça, flagellando-se com açoutes e verdascadas, ao som do monotono *ora pro nobis* da ladainha dos santos.

Nunca assisti a scena que mais me horrorisasse.

Felizmente ao longe já se ouvia o silvo da locomotiva, consolador grito de alento n'aquella noite de trevas espirituaes.

No dia seguinte escrevia contra o frade em nome da liberdade e da razão. Á noite, ao voltar para casa, recebia uma facada no braço esquerdo.

Se ainda ha quem defenda e proteja a missão catholica romana nas povoações menos illustradas, confiem-na então ao jesuita. Este ao menos educa o espirito; póde guial-o mal, mas de brutos faz homens. Os outros missionarios recebem homens e convertem-n'os em bestas.

Esta missão veio provar ainda com taes horrores a superioridade intellectual da provincia de S. Paulo.

Consentiu que o frade prégasse, mas conhecidos os seus intuitos, Pindamonhangaba fecha-lhe as portas, Guaratinguetá manifesta-se abertamente contra elle; deixando-lhe o refugio de Minas, d'onde voltou ao Rio de Janeiro, fallecendo pouco tempo depois.

Passados alguns mezes, dous missionarios italianos que quizeram renovar identicas scenas em Araras, cidade d'aquella provincia, foram pelo povo tirados do

pulpito, collocados n'um *trol,* dando a multidão ordem ao cocheiro de *bater* para onde quizesse, para o inferno inclusivè — e á hora, contanto que os levasse para fóra do municipio.

Tempos antes, frei Eugenio, um dos precursores de frei Caetano, tambem italiano, tinha-se retirado — talvez mais precipitadamente do que convém a um ministro de Deus — da cidade de S. Paulo, levando em sua companhia uma formosa penitente de dezoito annos de idade — e as respectivas joias.

N'aquella grande provincia, a mais avançada do Brazil, ha só tres cidades onde os missionarios ainda fazem fortuna: são as duas que acima nomeei, e Ytu, onde ha mezes o povo applicou a lei de Lynch.

Foi juiz e carrasco.

Agradeça-o aos seus padres e missionarios.

NA BOTICA

Ás oito horas da manhã, quer chova quer vente, o meu amigo pharmaceutico trepa a escada, tira os dous candieiros de kerosene dos braços de suspensão, colloca-os sobre o balcão, limpa-lhes os vidros e apara-lhes as torcidas.

Passo e digo-lhe: — Bons dias, senhor fulano. — E elle responde: — Estou preparando para logo poder pronunciar o *Fiat lux.*

Bateram as Trindades. Tira os candieiros, accende-os, e diz com a mesma seriedade de pela manhã:

— Posso dizer: *Fiat lux.*

— E eu responder-lhe: *Et lux facta est.*

E isto dous annos a fio, sem interrupção d'um dia!

Já foi coragem!

OS LAZAROS

Uma das mais dolorosas impressões que tenho experimentado em viagem, foi a que senti quando, ao aproximar-me da cidade de Taubaté, no léste da provincia de S. Paulo, deparei com um acampamento de leprosos.

Era uma tarde esplendida de junho. Estava frio e a pureza da atmosphera presagiava uma noite de geada.

No dia seguinte vêr-se-hiam queimados os cafeeiros das varzeas e das encostas baixas, e seccos os rebentos das ambubas e das arvores de madeira branca do brejo.

O sol começava a descahir para traz da Manti-

queira cujas quebradas inferiores já se achavam envoltas n'uma velatura azul ferrete; e o grito metallico da araponga elevando-se dos capoeirões que margeiam o Parahyba, vinha completar com a sua toada, monotonamente rhythmada, a melancolia d'aquelle formoso descahir d'um dia de inverno. Seguia por uma estrada accidentada, cheia de porteiras, cortada por varios veios d'agua e sem bellezas. A vista porém deleitava-se agradavelmente contemplando o perfil gracioso e suavemente ondulado da serra da *Mantiqueira,* ou as quebradas asperas e abruptas da *Quebra Cangalha.* D'álem vinha a aragem perfumada fazendo menear a coma das arvores da varzea; da direita adivinhava-se o oceano com todos os seus caprichos e luctas medonhas.

Na estrada, n'aquelle dia, apenas tinha encontrado uma ou outra vara de porcos, fazendo caminho da provincia de Minas para a do Rio de Janeiro, e duas ou tres manadas de burros levantando densas nuvens de poeira e dirigindo-se tambem á côrte.

Fóra esses *peregrinos* uns que passavam de relance, outros que eu deixava grunhindo os enfados de algumas cem leguas de viagem e a perspectiva de ainda umas setenta, nada mais encontrava.

A recente navegação do rio Parahyba, feita por seis ou sete barcos como os que se usam no Douro, e por quatro ou cinco pequenos vapores de reboque, tinha acabado com as *tropas* (Nota 13.ª), que até então haviam sido as unicas conductoras dos varios ge-

neros entre as differentes cidades, e a animação e movimento das estradas do interior.

A navegação do Parahyba matou o movimento das estradas, mas a sua curta vida acaba de ser cortada pela inauguração da estrada de ferro de S. Paulo á Cachoeira.

Ia chegando perto de Taubaté.

Os ultimos raios do sol eram aproveitados com voluptuosidade por uns negros estendidos no pavimento da estrada. Pelos vallados sentavam-se negras conversando e poucas trabalhando d'agulha; rolando-se, saltando e gritando por meio d'elles um bando de crioulos, tendo por unico vestuario uma camisa de algodão grosso, e já da côr d'elles.

Ao aproximar-me ouvi a costumada saudação — *Sum Christo* — ultima abreviatura da phrase « Louvado seja Nosso Senhor Jesus Christo » — e vi estenderem-se para mim *braços* supplicantes; e digo braços porque da maioria d'elles já tinham cahido as mãos.

Attentei então no estranho povo que me cercava, e no local em que me achava.

A pouca distancia, um kilometro talvez, elevavam-se as primeiras casas da cidade.

No lugar em que me encontrava estavam construidas pequenas cabanas — umas vinte — de pau e barro, cobertas de sapé, para as quaes dava entrada uma pequena abertura tão baixa que só por ella se poderia entrar, ou muito curvado ou quasi de rastos;

a porta era feita de quatro tábuas mal juntas, e fechava com uma pequena taramella; o pavimento d'estas habitações era o mesmo da estrada, humido, lamacento e escorregadio na occasião das chuvas, secco e de pó fino e penetrante nos dias de sol. Perto corria um pequeno corrego; tres ou quatro cavallos magros e ossudos pastavam, amarrados a compridas cordas, nas hervas das vallas; nas cercas mexiam-se ao sabor da viração uns farrapos immundos e velhos.

Segui para a cidade resolvido a vir no dia seguinte examinar aquelle para mim novo espectaculo d'uma miseria que me era desconhecida. No caminho encontrei alguns d'aquelles desgraçados que voltavam do peditorio e se recolhiam. Uns vinham a cavallo, outros a pé; a maioria dos cavalleiros eram homens, os de pé eram, quasi sem excepção, mulheres.

Uns arengavam-se, outros a custo se sustinham de embriagados que estavam, todos indifferentes á doença que os punha fóra da sociedade e quasi tambem da humanidade.

Mal o sol se escondesse, se a noite ameaçasse estar fria, veriamos por cada uma d'aquellas aberturas, que servem de portas, entrar um casal seguido de umas poucas de crianças. Espreitando, vêl-os-hiamos depois de passarem de mão em mão uma garrafa de cachaça, deitarem-se todos na mesma esteira de tabúa, e passarem n'aquella horrivel promiscuidade de sexos e de idades, a noite, na modorra d'um tor-

por bestial, esperando que o sol do dia seguinte lhes viesse mostrar mais uma chaga no corpo, um membro de menos, e a necessidade os aguilhoasse a sahir para mendigarem os cobres com que hão-de amparar aquella dolorosa existência.

Escuso descrever o que é a morphêa.

Os negros nas provincias de S. Paulo e Minas são frequentemente victimas d'esta molestia.

O corpo cobre-se-lhes de chagas, deformam-se-lhes nariz, beiços e palpebras; os dedos dos pés e das mãos dilaceram-se e cahem, deixando nos cotos cicatrizes brancas.

O negro encara a doença com certa indifferença. Muitos vêem na molestia o meio salvador da escravidão, porque assim que ella se manifesta, o *senhor* apressa-se, para evitar o contagio, a *dar a liberdade* ao doente, que a aproveita para se embriagar, mendigar e gerar filhos.

A primeira cousa, obtida a liberdade, que o negro faz, é procurar uma companheira. Ou a encontra n'uma doente como elle, ou a aluga.

Causa espanto esta ultima fórma de constituir familia, mas é vulgarissima.

Ha negras a quem os senhores dão uma meia liberdade, contanto que no fim do mez lhes entreguem uma quantia que varia entre vinte a trinta mil reis fracos. Muitas que preferem viver na ociosidade recebem do leproso a exigida importancia e com elle cohabitam!

D'estas uniões nasce uma abundancia de filhos, que crescem sem que ninguem os afague; crianças, fogem d'elles as outras crianças, homens são repellidos por todos, esperando a hora em que n'elles hade começar a dilaceração que os paes soffreram.

Ás vezes a molestia poupa-os apparentemente, e entram na sociedade de que os paes foram banidos. N'estes, porém, é que ninguem toca. Recebem a esmola n'um pucaro de lata que estendem aos que passam. O que compram é-lhes atirado, mas os vendedores não teem receio de receber o dinheiro. Ninguem se senta no banco onde elles repousaram, e nas vendas ha vasilhas especiaes para se servirem.

Um dos seus maiores prazeres é a embriaguez. Então é hediondo vêl-os nas vascas da bebedeira, e passado o estado de excitação cahirem prostrados nas ruas, sem que a policia se atreva a levantal-os e leval-os para a cadêa, expostos ou ás chuvas torrenciaes ou ao sol abrazador. Ás vezes um cão chega-se e lambe-lhes as chagas... É o unico afago que de estranhos recebem na vida.

Lembro-me de ter visto castigar nas ruas de Taubaté um d'estes desgraçados. Vagueava por alli uma lazara que todas as vezes que se embebedava começava a proferir obscenidades. O sub-delegado de policia, n'uma occasião de mau humor, mandou agarral-a, e mesmo no meio da rua erguer-lhe a roupa e açoutal-a!

Isto vi eu!

As mulheres teem uma predilecção immensa pelos enfeites.

Quando nos dias de mercado sahem a mendigar, quasi sempre a cavallo, causa dó vêr a maneira grotesca como se carregam de laços, fitas, contas e missangas, e o effeito que produz um chapéo de palha immundo, com uma pluma desbotada e descahida, cujas fitas emmolduram um rosto onde a doença já tem corroido o nariz e entumecido os beiços.

Poucas providencias os governos provinciaes teem tomado contra este mal, que se é hereditario, faz temer horrendos futuros, porque lá como cá, os governos geralmente só tratam de politica.

Creio que em toda a provincia ha dous ou tres hospitaes, servindo mais como espantalhos para afugentar os lazaros das visinhanças das terras em que elles estão edificados, do que para serviço dos enfermos.

Quando uma cidade vê que a visinhança d'aquelles infelizes é incommoda, porque são rixosos ou porque são muitos, as authoridades fazem espalhar que se vai edificar um lazareto para elles. Os desgraçados começam a andar receosos.

Se vêem começar a construir-se qualquer barracão, e alguem se lembra de dizer que é o tal lazareto, o sol do dia seguinte já os não acha em casa, e a authoridade aproveita-se da sua ausencia para lhes queimar as habitações.

A cidade fica então certa de que se vê livre d'elles por quatro ou cinco mezes.

Depois vem um, dias depois dous ou tres; as barracas de panno em que primeiro se abrigam, são substituidas por outras de sapé, que a seu tempo passam a a ser barradas e em menos de seis mezes as cousas tornam ao seu primitivo estado.

Uma pustula horrenda á entrada da cidade; susto e receio nos seus habitantes.

O SERMÃO DO ENCONTRO

O LARGO da matriz está cheio de gente, uma formosa lua cheia jorra ondas de meiga luz sobre a frontaria branca da igreja.

Ha mais de uma hora que a procissão anda na rua.

O prégador jaz acocorado dentro d'um pulpito portatil collocado n'um canto exterior da face do templo. Fuma e conversa alegremente com umas senhoras das suas relações, que teem mandado ir de casa cadeiras, e esperam com toda a commodidade a palavra inspirada do parceiro infallivel do *baccarat*.

De vez em quando avigora-se o som d'um *passo doble* funebre que a sociedade musical vai tocando, indicando esta recrudescencia de som que a procis-

são passa na bocca d'alguma das ruas que convergem para o largo. Manifesta-se então uma deslocação de povo n'esse sentido; voltando todos tumultuariamente a tomar o seu lugar, porque ninguem quer perder uma palavra do sermão do *Encontro*.

A musica aproxima-se. A procissão está de volta, e o populacho começa a abrir alas. Os irmãos mettidos em opas rôxas procuram com certa vivacidade accender uns cotos de tocha que trazem na mão, e da bocca da rua desponta o andor com a figura alta, elegante, cabellos fluctuando ao vento, longa tunica cingida nos rins, do Christo da Semana das Angustias, com a corda em volta do pescoço e mãos ligadas.

O andor pára defronte do pulpito, e a lua inunda de luz aquella figura severa, rija e angulosa.

O padre, atirando fóra com a ponta do cigarro depois de ter aproveitado a ultima fumaça, ergue-se, espalha a vista sobre a multidão, encara a meiga e soffredora expressão do martyr da lenda christã e troveja *ex abrupto:*

— Mas que vejo! meus irmãos!

E começa em phrase bombastica uma descripção do que não vê; isto é, conta como foi a ida para o Golgotha n'essa noite em que Jesus foi negado por um Pedro e vendido por um Judas; descrevendo sempre o apparato das legiões romanas, o sequito do povo e a turba dos phariseus. De repente exclama:

— Mas falta-me Maria, a Mãi inconsolavel!... Mas não, ella se aproxima!

E da parte opposta apparece o andor com a imagem da Mãi de Christo, sobre cujo rosto branco, lustroso e sem expressão, emmoldurado entre duas madeixas de canudos brilham dous pingos de vidro simulando lagrimas; com as mãos estendidas e sobre ellas uma toalha de fina cambraia de linho cuidadosamente engommada.

Vai realisar-se o *encontro*.

O symbolo do encontro da Mãi com o Filho no caminho da Cruz, embora n'este haja falsidade historica, é tão grandioso, de tal sorte nos commove que difficilmente podemos presenciar a sua materialisação grotesca.

— Aproximai-vos, Mãi! vinde vêr o que fizeram de vosso Filho!

O orador suspende-se, em quanto os carregadores collocam os andores convenientemente, e esgota um copo d'agua.

O silencio é profundo. Por uma volta dada ás figuras é agora a imagem da Virgem que está illuminada de frente, fazendo a lua brilhar o montão de joias com que foi ornada.

A poesia da pallida figura do Christo dominando a multidão desapparecera para mim. O manequim enfeitado que agora está em plena luz não me diz nada ao coração. O orador prosegue:

« Oh! n'insultez jamais une femme qui pleure ».

*

A citação d'este verso, *convenientemente* deturpado, allucinou-me!

Julguei por um momento vêr o Christo desligar as mãos e reproduzir a scena do templo de Jerusalém; mas as duas figuras apenas davam de quando em quando umas oscillações rapidas, — signaes da impaciencia dos devotos.

Á entrada da igreja o homem que levava a cruz bateu com ella d'encontro á bandeira da porta do guarda-vento ainda mal aberta, e o vigario gritou:

— É assim que leva o diabo as cruzes, meu bruto!

Lembrou-me este sermão um da Soledade que ouvi prégar em Santarem a um tal padre Barros, que dizia que o lenço da Virgem tem uma letra em cada ponta — A. M. O. R. Amor!

Ha uma cantiga do fado cujo mote é pouco mais ou menos este.

UM DIPLOMATA CAROLA

A matriz de Petropolis está cheia.

Atravessamos o verão de 1880.

Aquelle immenso casarão que serve de templo, adornado á maneira de barraca de saltimbancos na feira do *pain d'épice,* regorgita de devotos.

A fina flôr da sociedade fluminense, fugindo aos calores e á febre amarella, dera-se alli *rendez-vous* á hora da missa, que deve ser dita por um padre estrangeiro — porque a tal fina flôr da sociedade não comprehende o que seja um padre brazileiro.

Quem entrasse julgar-se-hia, pelo latim dos padres e pelo cochichar das damas, n'uma succursal da Torre de Babel.

Na Europa ha o cuidado de despachar para o Brazil os padres mais asnos e ignorantes que por cá andam... o que não impede que lá sejam muito uteis á causa da lavoura... produzindo braços.

A sineta tocou a ultima vez para a missa. Ouve-se o rodar do *panier* da senhora viscondessa de S. M.*** e o entrar estrepitoso de Madame***, mulher d'um molhadista ricasso da rua da Quitanda, ostensivamente cortejada pelo filho do embaixador F.*** em quanto o marido frequenta os jardins-lupanares dos Recreios e da Phenix Dramatica.

Corre-se o reposteiro da sacristia e avança o sacristão, velho alto, de suiças e bigode branco; respeitavel cabelleira de neve, sorriso d'angelical alegria nos labios, amplo casacão — pai do *casacão* do snr. Saraiva de Carvalho —, ostentando o apagador com um fio de rolo acceso na ponta.

Depois das genuflexões do estylo, accende as velas, abre o missal, examina as galhetas, e retira-se para ir buscar o sacerdote.

Reparo porém que em quanto o sacrista exerce os misteres do seu emprego, o corpo diplomatico agrupado a um canto da capella-mór ri a bom rir, e de mim para mim deploro que aquelles Bismarks e Grotchanof *in herbis,* assim trocem de tão pequenas individualidades.

O padre e o tal sacrista avançam, e o sacrificio dos christãos, como diria Chateaubriand, começa.

Mas a cada genuflexão do acolytho, a cada mesu-

ra, a cada resposta, ao mais alambicado *Dominus vobiscum,* ao mais simples *Amen,* ao mais beatifico *Et clamor meus ad te veniat,* ao mais sumido *Deo gratias,* tudo provoca o implacavel sorriso dos taes diplomatas.

Porque?

Porque?... Quer saber porque, senhor ministro dos negocios estrangeiros com assento no Terreiro do Paço? é porque o tal sacrista era, e é, o secretario d'embaixada, então encarregado de negocios de Portugal, que accumula com o seu cargo diplomatico na côrte o de escorropicha galhetas na matriz de Petropolis.

Que mais podemos desejar, nós os portuguezes no Brazil?

Eu, porém, proponho que, se por infelicidade da patria e dos cotos, o snr. Garcia da Rosa fôr aposentado, que seja nomeado chantre da sé... de Loanda.

Nota. — Como o snr. Garcia da Rosa vive sempre em Petropolis e só sabe dos nossos negocios pelo que lhe informa o consul, acho mais economico supprimir aquelle lugar.

Por occasião dos tumultos do imposto do *vintem* os portuguezes implicados n'elles só deveram favores ao snr. barão de Wildick: se não fosse este funccio-

nario — como *gente bruta* e *perigosa* que eram, na phrase do snr. Pyndahyba de Mattos, ter-lhes-hia sahido cara a brincadeira; o que era muito bem feito para se *não prestarem* a ser instrumentos dos agitadores em terra alheia.

CRENDICES

Tive pouco conhecimento de casos de bruxas e feiticerias. Entre o povo da provincia de S. Paulo deve haver lendas maravilhosas, tradições phantasticas, terriveis ou sympathicas como em todos os povos, mas nunca me aconteceu travar directamente relações com ellas.

As expedições colonisadoras, as aggressões entre portuguezes e carijós, tupys, ururays e outros, as luctas mortiferas dos paulistas e *emboavas,* devem ser riquissimo manancial de lendas e romances, já explorados certamente pela litteratura nacional. Não me aconteceu encontral-o na memoria popular, e eu n'este livro dou conta mais do que *ouvi* e *vi,* do que li.

Será um mau systema, é porém o que adoptei e vou seguir.

Darei umas leves amostras dos abusos, crendices e prejuizos do paulista em geral, incluindo o caipira e o negro, o que provará que n'esse assumpto não se está por cá mais livre do que por lá.

Existem pelas roças, como nas mais povoadas e civilisadas cidades da Europa, o *curandeiro* que tem, na opinião do povo, mais sciencia do que o medico, e a *mulher de virtude,* vulgò, *a feiticeira,* que lê os destinos dos homens no deitar das cartas, exactamente como se usa nas mais policiadas cidades. Estava a calhar aqui uma nesga de erudição a respeito de agouros, sibyllas etc., mas socegue o leitor que da erudição e seus congeneres o livrarei eu.

O principal agente do curandeiro sãoas hervas, medicinaes cuja virtude elle conhece por experiencia, ou lhe foram transmittidas pelos antepássados. O actor mais importante nas operações da feiticeira é sempre a lua, o que não admira que se dê por lá vendo que a maioria da França attribue effeitos thermometricos á *Lune rousse,* e em Portugal as comadrés fazem depender d'aquelle nosso satellite todos os acontecimentos da vida das crianças, antes e depois do parto.

No que vi acreditar bom numero d'individuos d'aquella provincia, especialmente entre os agricultores, foi nas *sympathias.*

A *sympathia* consiste no *vis* particular do individuo de poder, pelo olhar, operar uma cura; ou na virtude peculiar a certos animaes de realisarem o mesmo milagre.

Querem um remedio infallivel contra a asthma? Pois vão ao campo, agarrem duas cobras coraes, aliás bem bonitos reptis, cortem-lhes as cabeças, mettam-nas n'um saquinho e façam com que o doente o traga ao pescoço, ignorando o seu conteúdo, e a cura é infallivel.

Creio que não nos devemos admirar de que haja quem acredite n'este remedio quando todos os dias vêmos que, para estancar o sangue do nariz d'alguem, se lhe collocam nas costas, sem que o paciente sinta, duas palhinhas em cruz!

Para apanharmos as cobras podemos tambem servir-nos da *sympathia*. Ha negros que as colhem vivas.

Collocam-se em frente do reptil, fitam-no e passado um certo tempo agarram-no junto da cabeça com dous dedos; mas nunca o matam, porque n'esse caso, dizem elles, perdem o poder que teem.

Um cavallo atacado de bicheira, cura-se facilmente por meio da *sympathia*.

O individuo encarregado da cura colloca-se a certa distancia do animal, arranca com a mão uma folha de capim, junta-lhe as duas pontas, e pelo centro encara o animal, como se estivesse olhando para elle por uma luneta, e immediatamente os bichos co-

meçam a cahir mortos no chão, como se um veneno fortissimo actuasse sobre elles.

Nunca vi curar d'esta maneira; mas tive um cavallo que padecia da tal molestia, e apparecendo-me um dia curado, affirmou-me o negro que tratava d'elle, que o tinha sarado por meio da *sympathia.*

Por outra vez tendo-se-me introduzido um argueiro no olho, o mesmo negro me ensinou uma *sympathia* para me vêr livre do incommodo.

Eu não me dei muito bem com o remedio, creio que por falta de fé; mas como póde aproveitar a qualquer, lá vai, ainda que incompleto, porque me esqueceu a respectiva oração:

Toma-se um punhado de terra do chão e esfrega-se o olho com as costas da mão que contém o pó, durante o que se pronuncia certa e determinada oração, havendo o cuidado de abrir repentinamente a mão e deixar cahir a terra ao pronunciar a ultima palavra da reza.

A mim produziu-me o effeito contrario, porque ao abrir a mão uma rabanada de vento encheu-me de terra os dous olhos.

Um dos flagellos domesticos no Brazil, são as baratas.

Não ha insecticida que dê cabo d'ellas. Ha-as de todos os tamanhos, passeando e voando por todos os lados, destruindo e damnificando com uma semceremonia de pasmar.

Mas eu quero vêr-me livre das que tenho em casa?

É facilimo.

Agarro tres das baratas, metto-as dentro d'um chapéo cujas abas possa unir e vou muito ancho, de chapéo debaixo do braço, por causa do calor, dar dous dedos de conversa ao visinho, que penhorado pela minha amabilidade manda vir café, os respectivos bolinhos de farinha, fritos em manteiga de porco, a inseparavel rosca, e ás vezes até um pratinho de mellado. Sirvo-me, bebo, como, e na maior expansão d'amizade e gratidão abro surrateiramente as abas do chapéo e deixo escapar as baratas. Despeço-me do amigo e vou para casa dormir socegado, na certeza de que as minhas baratas no dia seguinte teem passado para a casa onde deixei as tres companheiras.

Este processo, senão muito engenhoso, mas em compensação altamente simples, tem além do inconveniente das represalias, o de provocar o visinho, no caso d'elle perceber as intenções da visita, a dar-me com um pau em vez de me offerecer café.

Com a extincção do negro africano vai-se perdendo um grande fundo de lendas e superstições.

O creoulo brazileiro pende pouco não só para a constituição de novas lendas, como tambem para conservar as tradições dos antepassados.

Á noite nas senzallas não se ouve contar historias. Mal o sino toca a recolher começam os tristes

e monotonos cantos de rima facil e vulgar com o acompanhamento de *maxete* — especie de viola, e *caxambu* — grande barril tapado com uma pelle esticada, e outros instrumentos elementares que só servem para marcar o rhythmo e não para acompanhar o canto.

A pouco e pouco os cantores vão adormecendo. Primeiro começa o côro a ser menos intenso, depois cala-se o que acompanha com os guizos, diminue o numero das pancadas de pau, e em poucos minutos só se ouve o batuque irregular do caxambu, até que tudo cahe no silencio.

As historias que as mães contam aos filhos resumem-se á narração dos actos da vida humana praticados por animaes. Uma das principaes é a historia do *Bem-te-vi,* o unico dos passaros que n'um concurso d'aves conseguiu fazer brotar agua d'um rochedo, reproduzindo assim o milagre de Moysés.

Abro um parenthesis para declarar o que todos sabem, — que não sou sabio, e que portanto deixo a ss. exc.as o trabalho de acharem a correlação d'estas historietas com algumas outras da vida da humanidade, de maneira que de élo em élo, encontrem a origem das historias dos negros no paraiso terreal... pelo menos...

Uma das historias de maior successo é a da candimba, especie de raposa, senão a propria raposa — e das farças que ella fazia á pobre onça.

Candimba morava perto d'uma onça, não sei

mesmo se eram comadres. No fundo do matto virgem, sobre as arvores copadas, na toca d'um juiquitibó vermelho, arvore cujo raio media de dous a tres metros, tinha a onça estabelecido um soberbo palacio.

A candimba não vivia tão á larga. Contentava-se com um buraco acanhado d'uma cabriuva cujo balsamo fragrantissimo, o celebre caburé-icica, lhe servia de refrigerante nos dias de calma.

Acontecia, porém, que todas as vezes que a onça sahia a torcer o pescoço d'alguma gallinha, ou deitar a unha á descuidada araponga, para o jantar proprio e d'um filho já meio crescido mas que ainda se não atrevia a caçar senão canarios ou algum tico-tico meio emplumado, a candimba que era douda por *pitar* (fumar n'um cachimbo a que se chama *pito*) entrava-lhe em casa e, como qualquer dama indigena de Pindamonhangaba ou Guaratinguetá, enchia o cachimbo da comadre de tabaco, punha sobre este uma brazinha, e deitando-se na cama sorvia pelo comprido canudo de tacuára as espessas e asperas fumaças do legitimo fumo Daniel.

Mal presentia a dona da casa dava ás de villa Diogo até encontrar occasião propicia para renovar a brincadeira.

Debalde a onça recommendava ao filho que corresse com a visinha. A candimba ria-se do pequeno e continuava na mesma. Um dia a onça desesperada imaginou uma cilada. Depois de muito procurar en-

controu no brejo um tijuco viscoso e com este besuntou a cama, e foi-se á caça.

N'aquelle dia a candimba estava de pachorra. Depois de preparado o *pito* sentou-se no leito, estendeu as pernas uma sobre a outra, pegou na viola da onça e recostando-se para traz, com o cachimbo indolentemente preso no canto direito da bocca entregou-se á *rêverie* da musica e do tabaco.

Mal sabia a parasita que quanto mais se demorasse mais presa ficava.

A onça quando a julgou bem agarrada entra de repente em casa. A pobre quer fugir e sente o pello preso á cama. Só lhe resta preparar-se para morrer. Choros, lagrimas, supplicas tudo foi em vão. A onça agarrou n'ella, metteu-a n'um sacco, atou-o, e á maneira do que o leigo Siciliano fez á Morte, pendurou-a na parede, e sahiu a chamar umas comadres amigas para virem banquetear-se.

Ora em quanto esta fazia os convites voltou para casa o filho. Mal a candimba o sentiu, mais esperta do que a Morte do conto italiano, começou a gritar que n'aquelle sacco, juntamente com ella, estava um grande cacho de bananas, e que era boa occasião do petiz se atirar a elle. O pequeno, guloso como todos, salta ao sacco, desata-o e soffre o desgosto de vêr saltar a candimba para fóra ficando elle no lugar d'ella.

Passado tempo chega a onça com todo o pagode, sem abrir o sacco, por excesso de cautela, e toman-

do os queixumes do filho por artificios da comadre, pôl-o ao fogo a cozer.

Foi só quando foram á petisqueira que a desgraçada viu que tinha morto o proprio filho e, como o corvo da fabula:

..... honteux et confus
Jura, mais un peu tard qu'on ne l'y prendrait plus.

Infelizmente esta fabula não tem a moralidade das de Esopo.

Ha épocas em que os negros se deixam levar para as praticas religiosas, celebrando uma série de rezas e de ceremonias qual d'ellas mais disparatada e extravagante, tendo comtudo por base e fundo o ritual romano.

Uma noite, tendo ficado n'uma fazenda, levei de conversa com o dono da casa até alta noite. Seria mais de hora e meia quando fui deitar-me. Antes porém cheguei á janella com intenção de abaixar as vidraças. A noite estava escura e abafada; não se via uma unica estrella, nem se sentia a mais leve aragem. No meio d'aquelle silencio e profunda escuridão reparei n'uma luz que se avistava lá em baixo, fixa, immovel. Julguei que alguem se servisse d'ella para alumiar o caminho, mas a luz conservava-se no mesmo lugar, sem sem oscillar sequer. Esperei dez, vinte minutos, meia hora até, e o mesmo

silencio quebrado pelo rumorejar do ribeirão que alli perto corria; a mesma quietação por toda a parte.

Temi que fosse signal de revolta de escravos e corri a prevenir o dono da casa. Veio ao meu quarto, fixou o sitio em que estava a luz, e isto fel-o logo abandonar a idéa que a principio tivera de ser alguma luz das que é costume accender nos cruzeiros dos mortos na estrada. Acordou alguns camaradas, chamaram-se os feitores, e todos armados nos dirigimos primeiro ás senzalas, onde a ronqueira e o resonar dos negros eram absolutamente tranquillisadores. Encaminhamo-nos em direcção á luz e ao aproximarmo-nos, verificamos que sobre a ponte que atravessa o ribeiro na estrada estava uma vela accêsa collocada sobre um vintem. Apagada a vela voltamos para casa. No dia seguinte, comquanto não soubessemos nem nunca mais se soubesse quem fôra o author de tal luminaria, tivemos a chave do enigma dada por um negro velho, de Moçambique. O tempo corria secco, as roças estavam quasi perdidas, parece que algum negro, senão caipira, recorrera á intercessão d'um poder sobrenatural sacrificando-lhe sobre o rio quasi secco um vintem e uma vela de sebo.

O santo mais venerado pelos pretos que por lá encontrei foi o S. Benedicto. Exemplo d'abnegação em vida, passando pela sua humildade de cozinheiro a guardião, tornou-se vingativo e susceptivel depois que se apanhou na gloria eterna. Livre-se um sim-

ples mortal de lhe fazer desfeita, não as tolera de ninguem. O proprio Divino Espirito Santo tem que lhe abaixar... o bico.

Toda a gente me mostrava uma senhora que tendo-se negado a fazer um grande ramo para a festa de S. Benedicto, e tendo-o feito para a do Espirito Santo, foi atacada de lepra.

Por occasião das festas é costume, na vespera, os festeiros carregarem um grande mastro, onde ha uma bandeira com a effigie do santo, e collocal-o no adro da igreja onde se deve solemnisar o santo.

Os devotos de S. Benedicto não prescindem do mastro que levam para o adro do templo com grande pompa e luzimento. Para isso pedem emprestados a seus senhores e conhecidos quantos cavallos elles possuem, favor que ninguem nega, porque já se sabe que o cavallo negado é cavallo morto pela ira do santo. Pelo menos assim me contou um sacerdote fazendeiro. Tendo negado um cavallo para a funçanata morreu-lhe no dia seguinte.

Eu á cautela, para não incorrer nas iras do santo negrinho, assisti ao baile com que os pretos terminam a festa, onde tive a honra de dançar com a augusta rainha d'aquelle anno, sendo meu vis-à-vis o rei!

Esta festa exclusiva de negros — porque os mulatos festejam Nossa Senhora do Rosario — agradou-me muito pois que terminou pela libertação d'um captivo.

*

A lenda que encontrei mais generalisada foi a do *Sacy*.

O *Sacy* é uma especie de demonio familiar. Faz arreliar, encavacar os sujeitos, mas não faz mal a serio.

Disseram-me que era um creoulo retinto e muito pequenino.

Conta-se que estando uma tarde a dormir ao sol em cima d'um muro, um individuo que passava deu-lhe um empurrão, resultando-lhe da queda quebrar uma perna e ficar côxo, á maneira de Vulcano, Asmodeu, e Santo Ignacio de Loyola.

D'então para cá nasceu-lhe essa tal ou qual raiva á humanidade, o que o leva a fazer cocegas nas crianças a fim de vêl-as chorar, deitar agua no fogo para encavacar a caseira, destapar as panellas, desespero das cozinheiras; amarrotar os babados da sinhá moça, zanga das mocamas; tirar as telhas dos telhados, alegria dos pedreiros mas quisilia dos proprietarios; metter grãos d'arêa nas fechaduras, emfim, tudo quanto possa pôr um individuo de mau humor.

Ha quem, com o auxilio de rosarios bentos, o tenha agarrado. Em quanto o guardamos captivo é um nunca acabar de felicidade; é o que se chama andar *em veia,* terminando sempre o pobre *Sacy* por largar grossas sommas pelo resgate.

É assim que se explicam muitas fortunas, no Brazil, e não, como dizem os calumniadores, pela

introducção de moeda falsa no corpo de santos, nos cascos de vinho e nas barricas de trigo.

Infelizmente eu nunca apanhei o *Sacy*, creio que por me faltar o tal rosario. Mas que querem?... a provincia de S. Paulo, em vez de mandar gente para Roma á procura de reliquias, envia os seus engenheiros aos Estados-Unidos a fim de se apoderarem dos segredos da industria!...

LYRA POPULAR

É a quadra em redondilha a sua fórma, como entre nós. Apparecem porém isoladas, succedendo-se nos cantares sem nexo nem plano.

Nunca as ouvir glosar em decimas, como é vulgar fazerem os nossos cantadores.

Dou em seguida algumas *trovas* para exemplo, conservando-lhes a metrificação e a rima com que me chegaram ao ouvido ou as encontrei escriptas.

Passarinho do coqueiro,
Dá-me novas do meu bem,
Se está vivo, se está morto,
Se está nos braços d'alguem.

Os teus olhos são confeitos,
Confeitos que não se vendem;
São balas com que me atiram,
Correntes com que me prendem.

Tudo que é triste no mundo
Quizera que fosse meu,
Para vêr se tudo junto
Era mais triste do que eu.

Se uma mulher espirrasse
Cada vez que nos illude
Seria o mundo occupado
Só em dizer: *Deus t'ajude.*

Quando a flôr está viçosa
Dá cubiça de se ter.
Vou cortal-a do tronquinho
P'ra acabar o meu soffrer.

Eu vi teu rosto na arêa,
Sentei-me, puz-me a chorar;
O que não será teu corpo
Se o teu rosto faz penar?

Quem me vê àndar alegre
Pensará que estou contente;
Abram meu peito e verão
As penas que tenho dentro!

Passarinho canta solto,
Prêso não póde cantar;
Mas como é preso sem culpa
Canta só p'ra alliviar.

Duas cousas n'este mundo
Não posso comprehender:
Uma é padre ir p'r'ó inferno,
Outra é *surgião* morrer.

Ribeirão que corre, corre,
Corre até que des'parece;
No meio faz um remanso
Aonde o meu bem padece.

Oh! minha roseira branca,
Tira o galho dos caminhos;
Quero passear de noite,
Tenho medo dos espinhos.

Ámanhã eu vou-me embora
Lá p'r'ó Rio de Janeiro,
Vou buscar meu cravo chita,
Que fugiu-me do canteiro.

Eu cortei o mar a nado
Com a vela branca accesa:
No mar não achei fundura,
Em vós não achei firmeza.

D'essa lima — dai-me um gômo,
D'essa laranjá — um pedaço;
D'essa bocca — dai-me um beijo,
D'esse corpinho — um abraço.

Cada vez que considero
E torno a considerar,
Meu sangue foge das vêas,
Meu coração — do lugar.

Senhora, minha senhora,
É certo, não é mentira;
Mercê se anda regalando
E eu aqui lambendo embira.

Abaixai-vos, Serra Negra,
Quero vêr Mogy-mirim;
Quero vêr se aquella ingrata
Ainda se lembra de mim.

Os campos de mim tem pena,
As arvores de mim tem dó;
Os campos, por vêr-me triste,
As arvores, por vêr-me só.

Amar e saber amar
São pontinhos delicados:
Os que amam são sem conta,
Os que sabem são contados.

Eu metti a mão na vossa
E vós a vossa na minha;
Ficou-uma cousa justa
Como a faca na bainha.

Duas cousas ha no mundo
Que o meu coração não quer:
São piolhos de gallinha
E ciumes de mulher.

Dizem que o cigarro tira
As mágoas do coração;
Pitado, o cigarro acaba;
As mágoas nunca se vão.

Amor mata de saudade
Sem acabar de morrer:
Eu vivo sempre morrendo
Em continuo padecer.

Conhecem-se ao longe as bestas
Pela bulha dos estalos;
Mais ao perto as excellencias
Por mais ou menos cavallos.

Apertai a minha mão,
Não me aperteis o dedinho,
Não quero que ninguem saiba
D'este nosso brinquedinho.

Esta noite dormi fóra,
Me esqueci do cobertor:
Deu o vento na roseira,
Me cobriu todo de flôr.

Atirei um limão verde
Por cima da Samambaia,
Deu no papo d'uma velha
Que estava ajuntando *pdia*.

Vossê me chama de feio,
De nariz esparramado,
Que fará se vossê visse
A cara de meu cunhado!

A perdiz pia no campo
Comendo seu capimzinho;
Quem tem amor anda magro,
Quem não tem anda gordinho.

Eu jurei, vossê jurou,
Jurei, juraste, juramos,
Eu quebrei, vossê quebrou,
Quebrei, quebraste, quebramos.

Eu não quero mais amar
A mulher do barrigudo,
Não quero que o povo diga
Que eu tenho cara p'ra tudo.

Ha tres dias que não como,
Ha quatro que não almoço;
Me lembro de teus carinhos,
Quero comer e não posso.

Menina, minha sinhá,
Sobrancelha de velludo,
Teu corpinho delicado
Para mim merece tudo.

LENDA DO ARRAIAL DO OURO PRETO

Prégava o padre Faria [1]
E logo ficou patente
Que o sermão acabaria
Pedindo dinheiro á gente.

Eu fui commigo dizendo:
— « Não creio em taes artimanhas;
Falla p'ra ahi, reverendo,
Que nem um vintem me apanhas ».

[1] João de Faria Fialho, da Companhia de Jesus (fins do seculo XXVII).

Meu bolso estava repleto
De cobre, de prata e ouro,
E era com bem affecto
Que eu guardava o meu thesouro.

Á medida que o sermão
Se ia desenvolvendo
A minha resolução
Pouco a pouco ia cedendo.

Fiquei, por fim, commovido
Com a pintura do pobre,
E estava já resolvido
A dar-lhe todo o meu cobre.

Novo rasgo d'eloquencia
Fulgiu do padre na bocca,
E envergonhou-me a consciencia
De offertar cousa tão pouca.

Essa eloquencia era fogo
De uma caridade exacta;
Resolvi-me desde logo
A dar-lhe tambem a prata.

Emfim, na peroração
Mostrou tal primor e estudo
Que dei-lhe de coração
Cobre, prata, ouro e tudo.

Como as prophecias são uma fórma do trovar do povo, vou dar a amostra da traducção que da de frei Rodovalho, franciscano paulista e bispo nomeado d'Angola, corre no vulgo, attribuida ao padre F. dos Passos.

Esta prophecia é geralmente conhecida pela — do monge Rozendo, e foi encontrada escripta com letras muito grandes na livraria do convento de Santo Antonio do Rio de Janeiro.

Considerai, portuguezes!
Os successos demorados
Que na mão do Omnipotente
Estão para vós guardados.

Quando virdes na moeda
O principe que Deus guarda,
Bem podeis capacitar-vos
Que o rei occulto não tarda.

Impedindo-se o commercio
De Roma e do Padre Santo,
É certo que o mesmo rei
Já não póde tardar tanto.

E quando assim aconteça
Revive, Lisia! gostosa;
Porque tens a certeza
Da vinda duvidosa.

Tu formarás um imperio
Onde os outros tem os seus,
E os muros da Terra Santa
Virão tambem a ser teus.

NOTAS

O fim d'estas notas é explicar algumas palavras de uso particular no Brazil, empregadas n'este livro; ou dar a razão d'algumas asserções do texto.

Nota 1.ª

Borrachudos e *pernilongos*. Duas especies de mosquitos, qual d'elles mais desagradavel e incommodo; os *borrachudos* pelas mordeduras, os *pernilongos* pelo zumbido.

O *borrachudo* é traidor; aproxima-se surrateiramente, colloca-se sobre a pelle, e só depois de ter-

minada a obra é que o paciente percebe que tem com que se coçar para oito dias. Em quanto elle morde, o *pernilongo* zumbe em volta da victima desviando-lhe a attenção, acabando por dar tambem a sua mordedura.

Foram as cousas que mais seriamente me incommodaram no Brazil:—os *borrachudos* e as polkas dos maestros indigenas de todas ás épocas e differentes sexos.

Nota 2.ª

Armarinho. Corresponde ao nosso capellista. Os seus caixeiros representam o animal intermediario que, em tempos, devera existir entre o homem e a mulher. De resto é inoffensivo.

Inclinam-se sobre o balcão para dizerem em segredo ás freguezas o preço do paninho e das agulhas, fallam de *arte* e da *peça* nova da Phenix, e provocariam a bengalada dos paes ou dos maridos, se lhes não dessem vontade de rir.

Signaes particulares: fumam charuto... ao domingo e são livres pensadores!

Nota 3.ª

Principe Natureza. Era um pobre preto idiota, dizendo-se principe africano e que, por alguns dias, andou nas mãos d'uns especuladores que o obrigavam a fazer discursos. Bordallo Pinheiro publicou no *Bezouro* um esplendido retrato do tal principe dos *moleques*. Os discursos do pobre idiota coincidiram com as reformas financeiras do snr. conselheiro S. Martins, e de tal sorte eram estas que bem se lhes póde applicar o

arcades ambo.

Tanto as reformas como o *Principe* creio que já não existem.

Não se perdeu muito.

Nota 4.ª

Bonds. Nome por que são conhecidos os *tramways*. Em Lisboa corresponde-lhes o termo popular *maricanos,* corrupção d'*americanos*. Deu-se em 1868 a coincidencia da inauguração do *tramway* com a da emissão d'um emprestimo cujos *bonds* eram pagos em ouro. Os dous successos foram immensos, e ambas as especulações fizeram a fortuna dos que n'ellas tomaram parte.

*

Os *tramways* de via reduzida e que cortam á cidade baixa em todos os sentidos e direcções são conhecidos pelo nome de *bondinhos*.

Nota 5.ª

O preço d'um bilhete de confissão para casamento varia entre dez a vinte mil reis, custo d'um bilhete da loteria, e vendem-se em algumas sacristias *assignados* e *jurados*.

É um processo summario do expediente das indulgencias de Leão x.

Nota 6.ª

Freje. Taberna ordinaria; èspecie de espelunca do Bairo Alto em Lisboa ou d'Alfama. São frequentadas pelos negros carregadores, capoeiras e carroceiros.

Venda. Tenda pequena.

Nota 7.ª

Trol. Vehiculo usado na roça, onde os caminhos não permittem o uso d'outros com molas metallicas.

Consta geralmente de dous jogos de rodas ligados um ao outro por duas tábuas compridas e elasticas, sobre que se collocam os assentos. Dão soffrivel e seguro transporte.

NOTA 8.ª

Relho. Chicote de couro crú. Alguns ha, especialmente no Rio Grande do Sul, que são verdadeiras preciosidades de tecido.

NOTA 9.ª

Puxado. Acrescentamento d'uma casa.

NOTA 10.ª

Pequira. Cavallo pequeno.

NOTA 11.ª

Dulubina. Nome com que na colonia portugueza da geração no occaso era conhecida a actriz Ludovi-

na, que fez as delicias dos caixeiros amantes da arte dramatica, ao domingo das 4 ás 8 horas da noite.

Eu já a não conheci, mas ouvi fallar d'ella com o enthusiasmo com que os velhos *dilettanti* nos fallam da *Portà* ou da *Malibran*.

Nota 12.ª

Pito. Cachimbo de barro, cuja tiragem se faz por um comprido caniço.

Quando está cheio de tabaco colloca-se-lhe em cima uma braza e assim é fumado.

Nota 13.ª

Facto passado na minha presença. O vigario de Taubaté afiançou que « frei Caetano nunca iria áquella cidade desempenhar a missão de pastor que a elle estava confiada »; mas o frade foi, e o parocho converteu-se em seu acolytho.

A entrada do capuchinho na povoação foi triumphal.

O trol puxado por duas parelhas levantava nuvens de poeira correndo em desordenada carreira pelas compridas e tristes ruas da cidade; e tudo o

que Caçapava tinha de mais illustre, luzidio e anafado em homens e burros, ladeava a carroça do filho de S. Francisco fazendo-lhe vistoso acompanhamento.

Dir-se-hia a entrada d'um general victorioso nos patrios lares.

E elle, o frade, murmurava espalhando bençãos acompanhadas d'um malicioso sorriso siciliano: «Então vim ou não vim?!»

Fr. Caetano ganhára a partida; podendo continuar a ostentar, com solemne desprezo dos que o serviam, o brazão d'armas: *Estola e vara de marmelo.*

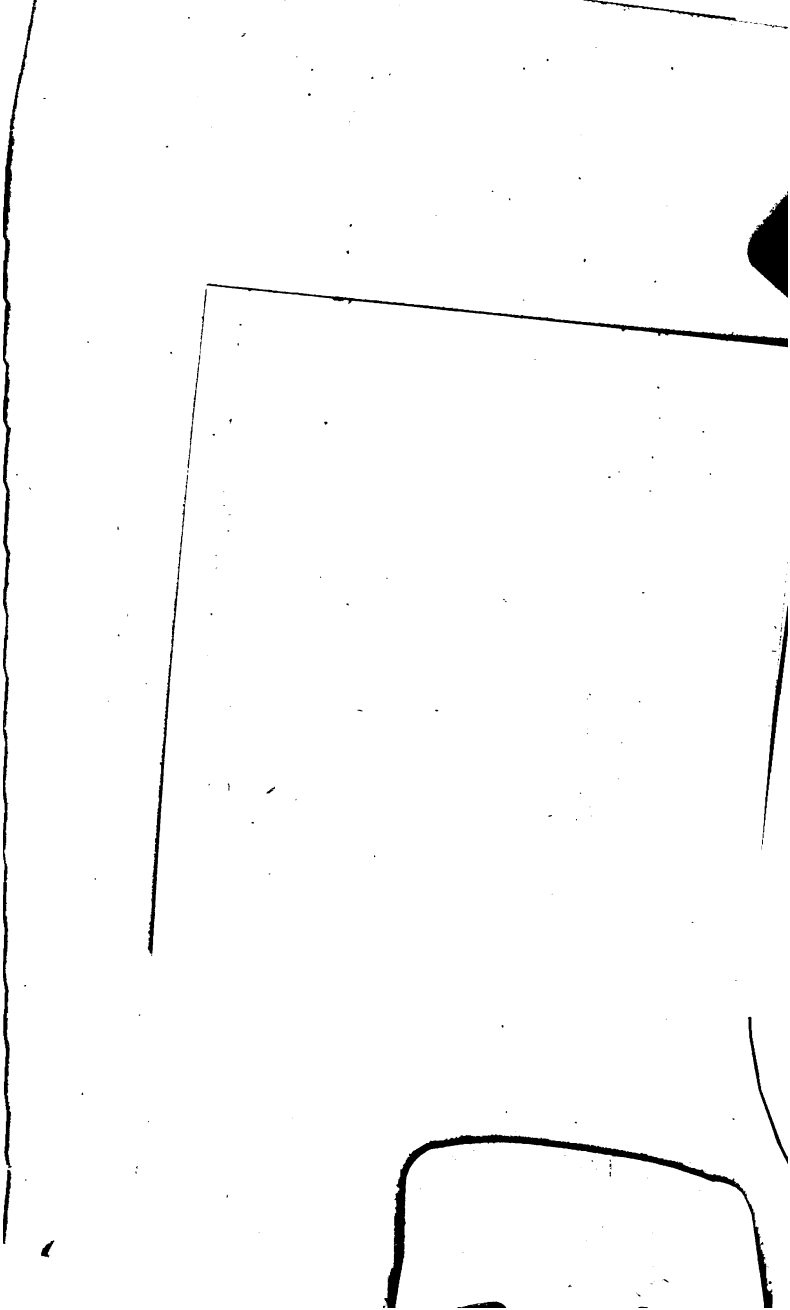
Em compensação, mezes depois o parocho era nomeado *Monsenhor* da curia romana; e a estas horas deve ser bispo, porque tem o caracter, a ignorancia e os parentes precisos para o officio.

Nota 14.ª

Tropas. Correspondem ás récuas dos nossos almocreves.

Indice

	Pag.
No Pão d'Assucar	5
Rua do Ouvidor	9
Rio de Janeiro	21
T. D. — Coquetterie	65
T. D. — Ricanerie	66
T. D. — Ás senhoras formosas	67
Carta	69
Um *toast* diplomatico	79
Escravidão temporaria	81
Historia d'um bebedo	85
Os cavallinhos	99
Uma primeira representação lá para os lados da Pindamonhangaba	104
Concorrencia scientifica	113
Imprensa na roça	127
O snr. José Palmella	133
Que livros se encontram no leilão d'um *chargé d'affaires*	137
O que é para alguns livreiros a litteratura realista	141
Simples historia d'um commendador	143

	Pag.
Ciumes de mãi	145
Pela serra	163
Bonds	167
Frei Caetano de Messina	169
Na botica	187
Os lazaros	189
O sermão do encontro	196
Um diplomata carola	201
Crendices	205
Lyra popular	219
Notas	229

Porto: 1881 — Typ. de A. J. da Silva Teixeira
Cancella Velha, 62